

19>27 SET 2008

FESTIVAL MÚSICA VIVA

CONVERGÊNCIA DE EXPRESSÕES
E ESTÉTICAS MÚSICAIS
MÚLTIPLAS

Convergência de expressões e estéticas musicais múltiplas

Na sua 14.^a edição, o Festival Música Viva é tanto a nível nacional como internacional um amplo e reconhecido espaço de renovação e encontro com as metamorfoses sonoras da música de hoje.

Local privilegiado de circulação e confronto de ideias e de estéticas, o festival é também um ponto de convergência da criação musical e da inovação tecnológica e um pólo fundamental de diálogo da música com outras áreas da criação contemporânea.

Numa área artística que se estende do domínio instrumental e analógico ao virtual e electrónico, da música improvisada à música escrita, este ano o Festival Música Viva propõe, mais uma vez, nomes consagrados lado a lado com os novíssimos compositores e intérpretes. Das grandes formações orquestrais aos emblemáticos concertos de música electrónica pela Orquestra de Altifalantes, passando pela música de câmara, instalações, vídeo, pela palavra, teatro musical e espectáculos para crianças, a criação musical portuguesa e internacional afirma aqui a sua plena vitalidade e diversidade.

O Festival Música Viva 2008 apresenta, de 19 a 27 de Setembro, um total de 24 acções distintas: 124 obras, das quais 20 peças electrónicas no novo projecto Sound Walk; 88 obras tocadas em concerto; e 6 instalações sonoras no Interactive Lounge. Destaca-se ainda o fomento da criação musical que a Miso Music Portugal tem conduzido, sendo responsável pela encomenda de 15 das obras apresentadas. Do universo de 82 compositores representados e 53 estreias absolutas, 42 são compositores portugueses que vão estrear 27 obras, prova inequívoca da prolífica actividade criadora existente em Portugal actualmente e à qual o festival dá voz.

	4
ORQUESTRA METROPOLITANA DE LISBOA GÊNESE DA ORQUESTRA COM ELECTRÓNICA	
	8
INTERACTIVE LOUNGE CRIAÇÕES TRANSDISCIPLINARES E PONTO DE ENCONTRO	
	12
SOUND WALK PASSEIO ELECTROACÚSTICO	
	14
TT_ANO[4X] PERFORMANCE PARA PIANO DIGITAL, DISKLAVIER E COMPUTADOR	
	15
SOND'AR-TE ELECTRIC ENSEMBLE METAMORFOSES DA MÚSICA INSTRUMENTAL	
	22
CONTOS CONTADOS... CANTADOS COM SOM TEATRO ELECTROACÚSTICO PARA PÚBLICO INFANTIL	
	27
VIOLINO E ELECTRÓNICA > JOSÉ MACHADO VIOLINO E ELECTRÓNICA	
	32
ORQUESTRA DE ALTIFALANTES I LABORATÓRIOS DE CRIAÇÃO: LISBOA \ BERLIM	
	39
VOX VOCIS 3.0 ESPAÇO INTERMÉDIA	
	42
QUASARS ENSEMBLE \ ORQUESTRA DE ALTIFALANTES II CONFRONTO DE ESTÉTICAS	
	50
NUNO PINTO CLARINETE E ELECTRÓNICA DUO CON:FUSION TEATRO MUSICAL E VÍDEO	
	54
ORQUESTRA DE ALTIFALANTES III ELECTROACÚSTICA CANADIANA E PREMIADOS NO CONCURSO DE COMPOSIÇÃO MÚSICA VIVA 2008	
	57
QUINTETO DIAPHONIA QUINTETO DE SOPROS	
	63
CRASH ENSEMBLE ROCKERS	
	69
SMITH QUARTET QUARTETOS DE CORDAS COM ELECTRÓNICA	

ORQUESTRA METROPOLITANA DE LISBOA

GÉNESE DA ORQUESTRA COM ELECTRÓNICA

19 SETEMBRO

IGREJA DO MOSTEIRO DOS JERÓNIMOS

22H

PROGRAMA

KARLHEINZ STOCKHAUSEN

MIXTUR 2003 *

VERSÃO ORIGINAL

KARLHEINZ STOCKHAUSEN

GESANG DER JÜNGLINGE

INTERVALO

KARLHEINZ STOCKHAUSEN

MIXTUR 2003 *

VERSÃO RETROGRADADA

DIRECÇÃO **PEDRO AMARAL**

MAESTRO ASSISTENTE **ALBERTO ROQUE**

REALIZAÇÃO TÉCNICA **CRFMW-LIÈGE \ MISO STUDIO**

ASSISTENTE INFORMÁTICO-MUSICAL

JEAN-MARC SULLON \ ANDRE BARTETZKI

OPERADOR DE OSCILADOR **ÁNGELA LOPES \ GILSON BECK**

JAIME REIS \ JOSÉ LUÍS FERREIRA

CO-PRODUÇÃO

CCB \ IGESPAR – MOSTEIRO DOS JERÓNIMOS \ ORQUESTRA

METROPOLITANA DE LISBOA \ CENTRE DE RECHERCHES

ET DE FORMATION MUSICALES DE WALLONIE, LIÈGE

APOIOS

COMMUNAUTÉ FRANÇAISE DE BELGIQUE

PARÓQUIA DE STA. MARIA DE BELÉM \ MINISTÉRIO DA CULTURA

DG ARTES APPLE – VAD PORTUGAL \ LOURISOM

A Orquestra Metropolitana de Lisboa estreia em Portugal a obra *Mixtur 2003*, numa homenagem a Karlheinz Stockhausen, certamente um dos maiores génios da música do século XX, recentemente falecido.

Neste concerto de abertura, a Orquestra Metropolitana de Lisboa, que colabora pela primeira vez com o Festival Música Viva, interpreta *Mixtur 2003* nas duas versões (original e retrogradada). Neste concerto é também apresentada a histórica obra *Gesang der Jünglinge*, seguindo uma proposta programática definida pelo próprio compositor.

Por ocasião da estreia mundial de *Mixtur 2003* no Festival de Salzburgo de 2006, Stockhausen escreveu nas notas de programa:

“*Mixtur* é o salto histórico da orquestra clássica para o *Elektronisch Klangkörper* (corpo sonoro electrónico; o termo alemão é utilizado para grandes ensembles como orquestras e coros).

[...] Em *Mixtur*, o aspecto essencial é a transformação do som familiar da orquestra num novo mundo sonoro encantatório. É uma experiência extraordinária ver

e ouvir os instrumentistas tocarem uma nota sustentada e simultaneamente perceberem que esse som se vai lentamente afastando de si próprio num *glissando*, a pulsação acelera e um maravilhoso novo espectro sonoro emerge [...].”

Mixtur foi a génese da música electrónica em tempo real que nestas quatro décadas se tem desenvolvido de múltiplas formas [...].”

INTÉRPRETES

ORQUESTRA METROPOLITANA DE LISBOA

Tutelada pela Associação Música – Educação e Cultura, a Orquestra Metropolitana de Lisboa estreou-se a 10 de Junho de 1992 com a pianista Maria João Pires. Os seus músicos asseguram uma extensa actividade que compreende diferentes repertórios – integrando por vezes os jovens intérpretes da Orquestra Académica Metropolitana. Paralelamente apresenta uma ampla programação de música de câmara, jazz, fado, ópera e a nova música contemporânea, o que lhe tem permitido contribuir para a criação de novos públicos e consolidar o seu projecto, onde alia à dimensão artística a prática pedagógica das suas escolas. Cabe-lhe ainda a responsabilidade de assegurar uma programação regular em várias autarquias das regiões Centro e Sul, para além de, em colaboração com o INATEL, promover a descentralização cultural. Um ano após a sua criação, e sob a direcção do maestro Miguel Graça Moura, a OML apresentou-se em Estrasburgo e Bruxelas a convite da Comissão e do Parlamento europeus, a que se seguiu em 1997 uma digressão por Itália, Índia, Coreia do Sul, Macau e Tailândia, e em 1999 uma outra pelo Japão. Em 2001 regressou à Tailândia como convidada do III Festival Internacional de Música e Dança de Banguocoque.

A OML, com direcção musical do maestro Augustin Dumay desde Fevereiro de 2008, tem sido dirigida por nomes importantes como Joana Carneiro, Álvaro Cassuto, Cesário Costa e Manuel Ivo Cruz, Jean-Sébastien Béreau, Brian Schembri, Marc Tardue, Michael Zilm, entre outros. Entre os inúmeros solistas que têm colaborado com a OML destacam-se Pedro Burmester, Monserrat Caballé, José Carreras, Ana Bela Chaves, José Cura, Augustin Dumay, Irene Lima, Paulo Gaio Lima, Artur Pizarro, Elisabete Matos, Gerardo Ribeiro, António Rosado, Natalia Gutman e Pascal Rogé. A OML já gravou nove CD para diferente editoras, incluindo a EMI Classics e a RCA Classics. Em 1996 foi-lhe atribuído um Disco de Platina pela venda de mais de 24 mil exemplares do seu segundo disco. A última gravação regista três sinfonias de Carl Ditters von Dittersdorf e foi editada pela NAXOS. A direcção da AMEC é constituída por Gabriela Canavilhas (presidente) e João Villa-Lobos (vogal).



CRFMW

CENTRE DE RECHERCHES ET DE FORMATION MUSICALE DE WALLONIE

Fundado em 1970 por iniciativa de Henri Pousseur e Pierre Bartholomée, sob a direcção de Marie-Isabelle Collart e Arne Deforce, o Centro de Investigação e Formação Musical da Valónia foi pioneiro na realização e difusão de obras de música electroacústica, nomeadamente obras mistas. Foi esta tradição que o CRFMW desenvolveu desde o seu início, através de colaborações com ensembles e intérpretes. Ao evoluir em paralelo com a tecnologia ofereceu sempre ferramentas informáticas de ponta e uma assistência técnica/informática de qualidade, assegurada por Jean-Marc Sullon e Patrick Delges.

Local de experimentação, intercâmbio e criação contemporânea, acolhe projectos mistos de músicos da Comunidade Valónia-Bruxelas e desenvolve intercâmbios com artistas ou ensembles das restantes comunidades belgas e do estrangeiro, participando ainda em numerosas actividades pedagógicas.

Tem os seus projectos próprios (Festival Images Sonores, em Liège, e produções próprias nos festivais Ars Musica e “Un visage interactif de la musique électro-acoustique”, assim como outros eventos estrangeiros) através dos quais apoia a difusão das criações realizadas nos seus estúdios, sem no entanto esquecer o repertório histórico deste género musical.

As actividades do CRFMW são apoiadas pela Comunidade Francesa Valónia-Bruxelas (Direcção-Geral da Cultura, Serviço de Música).

PEDRO AMARAL

Maestro e compositor, nasceu em Lisboa em 1972. Depois de estudar em Portugal foi para Paris em 1994 para estudar composição com Emmanuel Nunes no Conservatório Superior de Paris. Estudou na École des Hautes Études en Sciences Sociales, obtendo, em 1998, o grau de Mestre com uma tese sobre *Gruppen* de Stockhausen, e, em 2003, o de Doutor com a tese em torno de *Momento* e o problema da forma musical na música serial.

Estudou direcção de orquestra com Emílio Pomarico e Peter Eötvös.

Transmutations foi composta no IRCAM em 1998-1999. Depois de ter sido tocada na temporada daquele Instituto, foi escolhida para representar Portugal na Tribuna Internacional de Compositores (UNESCO), no contexto da qual foi difundida pela rádio em todo o mundo. A mesma obra representou a secção portuguesa do ISCM no World Music Days 2001 no Japão. No mesmo ano, a Porto Capital da Cultura encomendou a Pedro Amaral *Organa*, que foi igualmente desenvolvida nos estúdios do IRCAM.

Em 2003-2004 manteve-se no IRCAM como Compositore en Recherche. Convidado por Peter Eötvös, foi compositor residente no Herrenhaus em Edenkoben, na Alemanha. Foi galardoado pela Académie de France à Rome pelas suas obras *Anamorphoses* e *Organa*, sendo o seu projecto na Villa Medici a composição de uma obra cénico-musical a partir de textos de Fernando Pessoa.

A sua música tem sido tocada sob a sua direcção e pelos maestros Mark Foster, Muhai Tang, Renato Rivolta, Franck Ollu, Michael Zilm e outros; é regularmente apresentado em festivais de música contemporânea na Europa e no Japão.

Como compositor e/ou maestro trabalha com a Orquestra Gulbenkian, a Orquestra Metropolitana de Lisboa, a Orquestra Utopica, a Orquestra Sinfónica Portuguesa, a Orquestra Sinfónica de São Paulo, o Ensemble InterContemporain, a London Sinfonietta, as Percussions de Strasbourg, o Ensemble Recherche (Freiburg), musikFabrik (Colónia), o Remix Ensemble, o Grupo de Música Contemporânea de Lisboa, entre outros. É actualmente maestro titular do Sond'Ar-Te Electric Ensemble.

Pedro Amaral desenvolve uma actividade permanente no campo da musicologia. Desde o ano lectivo de 2007/2008 é professor convidado da Universidade de Évora.



COMPOSITORES E OBRAS

KARLHEINZ STOCKHAUSEN

Autor de mais de 300 obras musicais e dez volumes de textos sobre música, Karlheinz Stockhausen (1928-2007) foi uma das figuras mais marcantes da composição erudita contemporânea. As suas primeiras composições, *Kreuzspiel* (1951), *Spiel* (1952) e *Kontrapunkte* (1952-1953) colocaram-no na ribalta. Desde então teve os mais fiéis seguidores e também os mais acérrimos detractores. Muitas das correntes e conceitos musicais que se têm desenvolvido ao longo da segunda metade do século XX foram cunhados por Stockhausen ou devem-lhe bastante. No entanto, o compositor classificava geralmente as suas obras como Música Espiritual, destacando *Stimmung*, *Aus den sieben tagen*, *Mantra*, *Sternklang*, *Inori*, *Atmen gibt das Leben*, *Licht* ou *Klang* de entre o seu catálogo.

Em 1970, na Exposição Mundial de Osaka, um auditório esférico concebido por Stockhausen acolheu a grande maioria das suas obras compostas até então. Em 1977 iniciou a composição de *Licht* que compreende sete partes dedicadas a cada um dos dias da semana e depois completada com *Licht-Bilder*, estreada em 2004. Logo de seguida o compositor iniciou a escrita de *Klang*, subdividida nas 24 horas do dia e da qual ficaram prontas 21 partes.

A carreira académica granjeou-lhe uma vasta reputação. Leccionou na Suíça, EUA, Finlândia, Países Baixos, Dinamarca e Alemanha; em 1996 foi distinguido com o doutoramento honoris causa pela Universidade Livre de Berlim, e em 2004 pela Universidade de Belfast.

Desde 1998 os Cursos Stockhausen em Kürten têm lugar anualmente.

Stockhausen foi Comendador da Ordem das Artes e Letras de França, detentor da Medalha de Mérito da Alemanha, do Prémio Siemens de Música e em 2001 recebeu o reputado Prémio Polar de Música. Inicialmente a sua obra foi publicada pelas edições Universal, mas desde que se constituiu em 1975 a Stockhausen Verlag representa-o mundialmente, tendo publicado mais de 130 CD com obras do compo-

sitor.

MIXTUR 1964-2003

"*Mixtur* é o salto histórico da orquestra clássica para o 'Electronic Klangkörper' (Corpo Sonoro Electrónico; o termo alemão utilizado para todos os grandes ensembles, como orquestras ou coros).

O formato é o de Forma-Momento: vinte momentos musicais levam-nos a apreender transformações progressivas em cinco grupos orquestrais, tal como foram designados na primeira versão em 1964:

Mixtur em *glissandi* de timbres desconhecidos – Percussão com discos de metal arranhados – Blocos com 6 micro-ritmos – Direcção com 5 nuvens voadoras dedilhadas, um hino a Maria sobre duas paisagens tilintantes – 11 Mudanças brilhantes que evoluem por degraus de um ronronar profundo até um som brilhante – Calma extrema em estratos timbrais latentes – e assim por diante até ao cristalino Dó agudo.

Após o intervalo, a Versão Retrogradada. Em mais de 320 obras, apenas uma vez arrisquei ter música tocada 'ao contrário' – nomeadamente em *Schlagtrio*, em 1952: em *Mixtur* faço-o, como a jornada que se segue à morte física. Um Dó agudo claro – *Pizzicati* que se alterna em transparência – Camadas de esqueletos sonoros em correntes de avalanches sonoras – Diálogo entre tiros gritantes e pulsações de bronze – e assim por diante: para trás até à lânguida reminiscência.

Todos são convidados de regresso ao início.

Quem quiser ouvir bem feche os olhos.

De certeza que sou eu mesmo electrónico – e o nosso Espírito é modulado em anel para baixo e para cima."

K. STOCKHAUSEN, 28 AGOSTO 2006

GESANG DER JÜNLINGE 1956

CANTO DOS ADOLESCENTES

O trabalho da composição electrónica *Canto dos Adolescentes* nasceu da ideia de juntar sons cantados com sons produzidos electronicamente: todos eles se deviam ouvir muito depressa, tão longamente, tão suavemente, tão densamente e com intervalos tão grandes e tão pequenos como a fantasia

pedisse, liberta dos limites físicos de qualquer cantor. Também se deveriam compor muitos mais sons electrónicos e diferenciados do que até agora, uma vez que os fonemas cantados representam o que há de mais complexo na estrutura musical – desde a larga escala das vogais (sons), até às consoantes (ruídos). É também por isso que a mistura de todas as cores utilizadas numa família de sons apenas será percebida quando fonemas cantados puderem parecer sons electrónicos e quando sons electrónicos puderem parecer fonemas cantados. Os sons cantados convertem-se em palavra perceptível em certas passagens da composição, mas noutros momentos permanecem como sons puros, havendo entre os extremos diversos graus de percepção das palavras. Sílabas e palavras isoladas foram tiradas do *Canto dos Jovens na Fornalha* (Livro de Daniel, Antigo Testamento). Por conseguinte, sempre que a música pura se converter momentaneamente em fala é para louvar a Deus.

Tão essencial como esta nova vivência da linguagem musical é também o seguinte: nesta composição a direcção e o movimento espacial dos sons são produzidos pela primeira vez pelo músico, abrindo-se uma nova dimensão à fruição musical. O *Canto dos Adolescentes* foi composto na verdade para 5 grupos de colunas que devem colocar-se na sala à volta dos ouvintes. É determinante nesta obra perceber como é que os sons, ou os grupos de sons, são projectados no espaço: de que lado, com quantas colunas em simultâneo, se com inclinação para a esquerda ou para a direita, se de uma forma rígida ou em movimento.

A PARTIR DA NOTA DO PROGRAMA DA WDR DE COLÓNIA PARA O CONCERTO MÚSICA DO TEMPO, EM 30 DE MAIO DE 1956, E DE UMA INTRODUÇÃO PARA O DISCO EDITADO PELA DGG.



INTERACTIVE LOUNGE

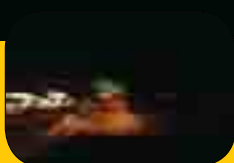
CRIAÇÕES TRANSDISCIPLINARES E PONTO DE ENCONTRO

20 A 27 SETEMBRO TODO O DIA

BENGALEIRO NORTE DO CENTRO DE REUNIÕES

INAUGURAÇÃO

20 SETEMBRO 2008 \ 15H



PROGRAMA

KARLHEINZ ESSL

LEXIKON \ SONATA

SIMÃO COSTA

IAVI \ METRO4#1 (VERSÃO #1)

**ALUNOS DO CURSO DE PRODUÇÃO E
TECNOLOGIAS DA MÚSICA DÁ ETIC**

RECICLAGEM E DESPERDÍCIOS ☉★

ANDRÉ BARTETZKI

PAS DE DEUX + 1 ☉

ANDRÉ BARTETZKI

SONGS FROM THE WOOD *

CO-PRODUÇÃO

MISO MUSIC PORTUGAL \ CCB

APOIOS

YAMAHA \ APPLE – VAD PORTUGAL
CASA AGRÍCOLA ROBOREDO MADEIRA

O Interactive Lounge do Música Viva traz o festival para fora das salas de concerto. As instalações que ocupam este espaço de convívio assentam as suas propostas na inovação tecnológica, dando-nos a conhecer protótipos que cativam a curiosidade de todos. *O Interactive Lounge* serve também de ponto de encontro do festival com um balcão de informações, divulgação e venda das mais recentes edições de discos, livros e partituras.

COMPOSITORES E OBRAS

KARLHEINZ ESSL

Compositor, performer e improvisador austríaco, nasceu em Viena em 1960.

Estudou na Musikhochschule de Viena com Friedrich Cerha e Dieter Kaufmann, entre outros. Doutorou-se em Musicologia e História da Arte pela Universidade de Viena. Tocou como contrabaixista até 1984, tendo actuado com ensembles de câmara e de jazz experimental.

Como compositor contribuiu para o ambiente de programação Projekt 3, de Gottfried Michael Koenig, que mais tarde transformou na sua própria Real Time Composition Library (RTC-lib) para Max/MSP/Jitter. Foi compositor residente nos cursos de Verão de Darmstadt (1990-1994). Entre 1995 e 2006 ensinou Composição Algorítmica no Estúdio de Música Avançada e Tecnologia de Media na Universidade Bruckner, em Linz. Actualmente é professor na Universidade de Música e Artes do Espectáculo de Viena.

No seu trabalho, Essl procurou várias vezes combinar música e outras formas de arte, tendo colaborado com o artista de graffiti Harald Naegeli, o escritor Andreas Okopenko, o colectivo Libraries of the Mind, a arquitecta Carmen Wiederin e o videasta Vibeke Sorensen. Durante os anos noventa empreendeu diversos projectos para a Internet e aprofundou a sua actuação como improvisador.

Em 1997 apresentou-se no Festival de Salzburgo, em 2003 foi compositor residente do Festival Musik Aktuell e em 2004 foram-lhe dedicados vários concertos no Brucknerhaus Linz. Em 2004 recebeu o prémio cultural do estado da Baixa Áustria.

Além de escrever música instrumental, Essl trabalha também no campo da música electrónica, tempo real e instalações sonoras. Desenvolve ambientes de software para composição algorítmica e actua como performer e improvisador. Muitas das suas peças estão editadas pela TONOS (Darmstadt). É desde 1992 curador da colecção Essl em Klosterneuburg (Viena).

LEXIKON-SONATE

É uma obra aberta que se iniciou em 1992. Em lugar de uma estrutura fixa pela notação, manifesta-se como um programa de computador que compõe a peça em tempo real, ou melhor, um excerto de uma peça de piano virtualmente infinita. Não há texto pré-composto e não há necessidade de intérprete.

As instruções são geradas pelo computador e transmitidas a um piano mecânico (ou sintetizador MIDI) que as executa.

O título refere-se a *Lexikon-Roman* escrito em 1968-1970 pelo escritor Andreas Okopenko. Este romance foi uma das primeiras obras hipertexto em paralelo com Ted Nelson, que introduziu este termo sensivelmente na mesma altura. Trata-se de uma *viagem sentimental a uma reunião de exportadores em Druden* (subtítulo), e consiste em várias centenas de pequenos capítulos por ordem alfabética organizados como num léxico. O leitor pode construir as suas próprias investigações através da estrutura em rede do texto e criar a sua versão do romance.

Originalmente, *Lexikon-Sonate* foi concebido como um comentário à implementação electrónica do romance de Okopenko pelo colectivo Libraries of the Mind, tendo-se tornado independente como exemplo de composição algorítmica.

Até ao presente existem 24 módulos de geração de música relacionados entre si de forma muito complexa, como um hipertexto musical. Cada módulo gera uma característica musical específica não contendo material musical pré-organizado, mas antes uma descrição formal desse material e os métodos para o seu processo.

Estes módulos são reimplementações estruturais de gestos de piano obtidos da análise de música para piano de Bach, Beethoven, Schoenberg, Webern, Boulez, Stockhausen e Cecil Taylor e utilizados apenas como alusões.

Utilizando diversos geradores random que se controlam mutuamente geram-se sempre novas variantes do mesmo modelo. As variantes podem ser totalmente diferentes, embora sejam percebidas como resultantes do modelo estrutural dado. *Lexikon-Sonate* pode então ser visto como uma metacomposição.

SIMÃO COSTA

Nasceu em Lisboa em 1979. Músico, compositor e pianista.

Desenvolve projectos de criação audiovisual, que se caracterizam pela investigação em tecnologias interactivas ao nível do som, da imagem e da luz, levando a arte digital contemporânea ao quotidiano das pessoas.

Com sólida formação clássica, desenvolve trabalho como compositor, estendendo-se a projectos de cariz transdisciplinar e interdisciplinar envolvendo música, vídeo, fotografia, dança, cinema, teatro e novo-circo. Privilegiando o interface e cruzamento entre ciência, arte e tecnologia a utilização de novas

tecnologias de informática musical torna-se um desafio constante, nomeadamente com o desenvolvimento *software* específico aos projectos com o ambiente de programação visual Max/Msp/Jitter.

Depois de concluir o curso complementar de piano aos 18 anos na Escola de Música do Conservatório de Lisboa, com a classificação de 20 valores, ingressa na Escola Superior de Música de Lisboa e mais tarde na Hogscholl Muziek en Dans em Roterdão, formação complementada por diversos *workshops* e cursos.

O seu trabalho tem sido premiado a nível internacional, destacando-se o 1.º prémio no 34.º Concours Internationaux de Musique et d'Art Sonore Electroacoustiques de Bourges com a peça *Subterrâneos do Corpo* – obra electroacústica para dança ou teatro (música para a peça da coreógrafa Ana Martins); *TT_ano* no European Competition for Live-Electronic Music Projects organizado pela ECPNM – European Conference of Promoters of New Music no Festival Gaudeamus Music Week em Amesterdão; e o 3.º Prémio do Concurso Internacional de Composição Internacional Children's Art Centre na 15.ª Edição da Biennial of the Art for Children em Poznan, na Polónia.

Foi bolseiro da Fundação Marquês de Pombal e da Fundação Calouste Gulbenkian, e artista residente em vários programas como LEC – Laboratório Electroacústico de Composição – Miso Music Portugal, Lugar Comum – Centro de Experimentação Artística, VICC – Visby International Center for Composers, Sítio da Artes – CAM – Fundação Calouste Gulbenkian.

Encontra-se a desenvolver um projecto no INESC – Porto no contexto da bolsa Arte e Ciência como bolseiro da Direcção-Geral das Artes e Ciência Viva. Vive e trabalha em Lisboa como artista independente.

IAVI – METRO4#1

É uma instalação áudio/vídeo interactiva de Simão Costa, que tem como ponto de partida sonoro e imagético o Metro do Porto. Recorre ao telemóvel como forma exclusiva de captação de materiais vídeo. Uma esfera pendular suspensa permite ao público brincar, interagir, reagir e aperceber-se do reflexo e impacto dos seus gestos no contexto específico da peça. *iAVi – metro4#1* foi desenvolvido de Outubro a Dezembro de 2007 no INESC Porto, na Unidade de Telecomunicações e Multimédia, no âmbito do Programa de Residências: Experimentação Arte/Ciência e Tecnologia, financiado pelo programa Ciência Viva e a Direcção-Geral das Artes.



RECICLAGEM E DESPERDÍCIOS

Apresenta uma série de trabalhos áudio realizados pelos alunos do Curso de Produção e Tecnologias da Música da ETIC (escola técnica de imagem e comunicação) da classe da disciplina de criação do Prof. José Luís Ferreira, numa abordagem livre em torno dos conceitos de comunicação acústica a que o seu título faz referência.

PEDRO ZURAWSKI
COLLAGES

RODOLFO CORREIA
PEDRO SANTOS
GLASS METAMORPHOSIS

RICARDO MOTA
ENTROPIA

ORLANDO PEREIRA GUILHERME
FEITEIRA
ALQUIMIA

MIGUEL SANTOS
RODRIGO MARSH
DESPERDÍCIO

MARIANA VENCES
JOSÉ NETO
LIXOOUND

DANIEL SILVA
PEDRO BARQUINHA
CICLICIDADE

CHRISTOPHER HALDER
TOMÁS BRADSHAW
A NATUREZA DA INDÚSTRIA

TÂNIA RAMALHO
CÁTIA FERNANDES
JOÃO TABORDA
ECHO POINT

MIGUEL SIMÕES
UNNAMED

ANDRE BARTETZKI

Nasceu em Berlim em 1962. Estudou engenharia do som na Hochschule für Musik Hans Eisler de Berlim. Durante os seus estudos montou um estúdio de música electroacústica na escola e, entre 1992 e 2002, dirigiu-o e ensinou.

De 1999 a 2004 foi professor no estúdio de electroacústica da Musikhochschule Franz Liszt e na Faculdade de Artes Media da Universidade Bauhaus em Weimar.

Foi conferencista e deu *workshops* de síntese sonora, vídeo em tempo real e composição algorítmica em universidades e academias em Berlim, Rostock, Dresden, Praga, Bucareste, Maiorca, Seul e Lisboa. Paralelamente, trabalha frequentemente como programador, sound designer e engenheiro de som com ensembles, solistas e compositores de música contemporânea. O seu *software* CMask para composição algorítmica é utilizado por diversos compositores em todo o mundo.

Desde os anos noventa vem desenvolvendo os seus próprios projectos musicais e de artes media: música electroacústica sobre suporte, actuações com electrónica ao vivo, instalações de vídeo e som. Os seus trabalhos foram já apresentados em festivais internacionais de música contemporânea e electroacústica. Em 2004 recebeu uma encomenda para o Festival Europeu de Sinos da ZKM Karlsruhe. Em 2007 foi-lhe atribuída uma bolsa de residência na Künstlerhaus Lukas em Ahrenshoop.

De 1997 a 2004 foi membro da direcção da Associação Alemã para a Música Electroacústica (DEGEM), onde trabalhou como editor do jornal da DEGEM.



PAS DE DEUX + 1

Dois pianos tocam juntos e dançam uma valsa algorítmica! Nada pode perturbar a sua íntima comunhão até que um visitante os consiga pôr fora de si...

Composto e realizado por Andre Bartetzki para dois pianos Modus / Disklavier Yamaha.

SONGS FROM THE WOOD

Instalação sonora de Andre Bartetzki para pranchas de madeira e vibradores de frequências graves, que proporciona ao visitante uma verdadeira massagem sonora. A madeira quer contar-nos algo... escute as suas histórias, sinta as suas vibrações e faça parte do som.

Esta instalação consiste em várias pranchas de madeira do tamanho de uma pessoa de altura média sendo solicitado ao visitante que se encoste numa delas. No lado de trás das pranchas foram colocados dois transdutores electroacústicos (também conhecidos por "body shakers"), um na área equivalente à cabeça e ao pescoço, e outro mais abaixo na zona lombar. Estes transdutores põem as tábuas em vibração provocando no visitante dois tipos de estímulo: a sensação física das vibrações através da escuta "óssea", em simultâneo com a audição "aérea" através dos ouvidos.

Os sons utilizados em *Songs from the Wood* (*Canções da Madeira*) estão todos relacionados com a própria madeira. Sons como furar, serrar, percutir, raspar e outras formas de trabalhar uma tábua de madeira foram gravados através de um microfone de contacto para que os sons registados representassem sobretudo as vibrações presentes na superfície da madeira, por conseguinte sons predominantemente graves, o que também corresponde às capacidades de transmissão vibratória dos transdutores ("body shakers") utilizados.

Estes sons de madeira foram depois cortados, montados e transformados utilizando vários processos de granulação desenvolvidos na linguagem SuperCollider3, dando origem a uma dúzia de "canções" que foram fixadas num CD áudio e que são reproduzidas através das pranchas de madeira como se se tratasse de membranas de altifalantes.

SOUND WALK

PASSEIO ELECTROACÚSTICO

20 A 27 SETEMBRO TODO O DIA
CAMINHO PEDONAL

COMPOSITORES E OBRAS

JUNYA OIKAWA

BLANC DISTANCE
JAPÃO

RITA TORRES

SHAKING MENDELEEV IN THE PRESENCE
OF A GUITAR
PORTUGAL

PETER EOTVOS

CRICKETMUSIC
HUNGRIA

NICOLA COGLIOLO

MIGRAZIONE
ITÁLIA

ANTÓNIO FERREIRA

DEAMBULATIO
PORTUGAL

KARLHEINZ ESSL

GOLD.BERG.WERK – ARIA ELECTRONICA II
ÁUSTRIA

EDITH ALONSO SANCHEZ

LA JARRA DE LOS MALES
ESPAÑA

HELDER FILIPE GONÇALVES

LA FABRICA EN HORTA DE EBRO
PORTUGAL

ÂNGELA LOPES

GRANULATIONS – SONS DO PARQUE
PORTUGAL

FERGAL DOWLING

PASS
IRLANDA

MIGUEL URBANO DE FIGUEIREDO

CÂMARA LENTA 1
PORTUGAL

FELIPE ANDRES OTONDO RUIZ

REMIXES OF CIGURI
CHILE

PEDRO PATRÍCIO

UNDO
PORTUGAL

ZURIÑE GERENABARRENA

BIHOTZBI
ESPAÑA

RICARDO DE ARMAS

POCKET MUSIC
ARGENTINA

INGRID OBLED

SOUNDLENCE
FRANÇA

GIORGIO COLOMBO TACCANI

SIBILLA D'AUTUNNO
ITÁLIA

RODERIK DE MAN

WAIT A MINUTE!
HOLANDA

ANDRIÁN PERTOUT

SESENTA CUATRO CAMPANAS
AUSTRÁLIA

JEAN-LOUIS DI SANTO

ROULEMENTS, REBONDS
FRANÇA

MIGUEL NEGRÃO

I WAS VAGUELY AWARE OF SOMETHING
PORTUGAL

HERNANI VILLASEÑOR

ENSALADA INESTABLE
MÉXICO

HUGO PAQUETE

BORDER
PORTUGAL

GEORG KLEIN

WEL-COME
ALEMANHA

RUI COSTA / MAILE COLBERT

DAY OF ANGER, ACT 3
PORTUGAL

BLAS GASTON PAYRI

MINIATURE AVEC VOIX DE FEMME
ESPAÑA

MASSIMO BIASIONI

L'AMOUR OUTRAGÉ
ITALIA

MASSIMO FRAGALÀ

MOVIMENTI
ITALIA

ANDRÉ ROCHA DO NASCIMENTO

FANTASMA DA TESOURA
PORTUGAL

FRÉDÉRIC KAHN

L'ANIMAL DU TEMPS
FRANÇA

HERVÉ DÉJARDIN

LOCOJAZZ
FRANÇA

ROBERTO FABBRICIANI

SUONI PER GIGI
ITALIA

ROLAND SEMADENI

X-TENSION SAX
FRANÇA

KALA PIERSON

CHILLING EFFECTS
EUA

PANAYIOTIS KOKORAS

WALTZ AT THE EDGE OF LORROS
GRÉCIA

TIAGO MORAIS MORGADO

SPACE WARP
PORTUGAL

Resultando de um convite a nível mundial dirigido aos compositores de música electroacústica, *Sound Walk* é uma instalação sonora colectiva e inédita que durante todo o decurso do festival acompanha os visitantes que percorrem o caminho pedonal do Centro Cultural de Belém: 142 peças provenientes de 28 países, das quais 36 foram seleccionadas para integrar o *Sound Walk 2008*.



TÉCNICA **MISO STUDIO**

CO-PRODUÇÃO

MISO MUSIC PORTUGAL / CCB

APOIOS

LOURISOM

TT_ANO[4X]

PERFORMANCE PARA PIANO DIGITAL, DISKLAVIER E COMPUTADOR

20 SETEMBRO 16H 27 SETEMBRO 18H

RECEPÇÃO \ BENGALEIRO NORTE

TT_ano é uma performance para piano solo, electrónica ao vivo e em tempo-real.

TT (π), 3.14159 é uma referência, simultaneamente constante e irracional o TT acelera os conceitos de fronteira; limite entre acústico-electrónico numa proposta de fusão de mundos sónicos perscrutando encontros e poéticas partilhadas.

O projecto *TT_ano* dá corpo à formalização de um metapiano em que o som real e o imaginário se misturam, desafiando uma linha de continuidade evolutiva para um instrumento com longo percurso histórico. O piano, paradigma tecnológico da era mecânica de ontem fundido com ferramentas digitais contemporâneas. Desde 2006, Simão Costa desenvolve ferramentas informáticas Max/Msp/Jitter, transformando ferramentas em instrumentos e instrumentos em conteúdos. Tem-se apresentado regularmente nesta condição de "Luttier digital", compositor e pianista em "concertos TT_ano" em Portugal e no estrangeiro.

TT_ano[4x] é uma encomenda da Miso Music Portugal para [4x], a saber: 2 pianos X 2 pianistas. 1 piano acústico x 1 piano virtual x 1 pianista virtual x 1 pianista natural + especialização sonora em [4x] canais áudio.

Neste particular dois pianos Yamaha, pioneiros em matéria de propostas de linhagem evolutiva com integração de novas tecnologias: o disklavier (1987), e o novíssimo Modus F11, conhecidos por poderem tocar sozinhos, como que por magia. É assim que um pianista encara dois pianos e seu duplo, pianista virtual. O computador surge como ferramenta de destaque pondo em marcha a coreografia sincronizada entre o pianista "natural" e o outro piano que toca sozinho movido pelo invisível. Imitação, polifonia, transmutação, interactividade e reactividade em destaque neste *TT_ano[4x]* de Simão Costa.

PROGRAMA

SIMÃO COSTA

TT_ANO[4X] 

PIANO E COMPOSIÇÃO **SIMÃO COSTA**
VER BIOGRAFIA PÁG. 9

CO-PRODUÇÃO
MISO MUSIC PORTUGAL \ CCB

APOIO
YAMAHA



SOND'AR-TE ELECTRIC ENSEMBLE

METAMORFOSES DA MÚSICA INSTRUMENTAL

20 SETEMBRO

SALA LUÍS DE FREITAS BRANCO

17H

Sond'Ar-te Electric Ensemble é dos poucos grupos a nível mundial especializado na música mista, ou seja, música que combina os instrumentos acústicos com os mais recentes desenvolvimentos tecnológicos. Comemora com este concerto o seu primeiro aniversário e é já um grupo emblemático no panorama da criação musical portuguesa, não só pela reconhecida qualidade das suas interpretações, mas também pelo trabalho empenhado de fomento da criação musical, com um plano regular de encomendas a compositores portugueses. O programa deste concerto apresenta-nos um grupo de peças que dão conta da diversidade das relações entre instrumentos acústicos e meios electrónicos. Saliente-se a presença de uma obra de Enrique X. Macías no cinquentenário do seu nascimento, a estreia absoluta da peça do novíssimo Duarte Dinis Silva e ainda a antestreia de *Mimesis II* do polaco Ryszard Osada, em colaboração com o Festival Outono de Varsóvia. O *Sond'Ar-te Electric Ensemble* é o ensemble residente da Câmara Municipal de Cascais.

PROGRAMA

JOÃO PEDRO OLIVEIRA

TIMSHEL ★

DUARTE DINIS SILVA

PARALELUS II ☉

MENÇÃO HONROSA NO CONCURSO DE COMPOSIÇÃO
"SOND'AR-TE – MÚSICA DE CÂMARA COM ELECTRÓNICA"

RYSZARD OSADA

MIMESIS II ☉

ENCOMENDA DO FESTIVAL OUTONO DE VARSÓVIA

PATRÍCIA SUCENA DE ALMEIDA

VIDEO DANIEL ANTERO

ARANEA, INSIDIIS NOCTIS SERENAE... ★

ENRIQUE X. MACÍAS

ITINERÁRIO DE LUZ

SOND'AR-TE ELECTRIC ENSEMBLE

DIRECÇÃO **PEDRO AMARAL**

FLAUTA **MONIKA DUARTE ŠTRETIVÁ**

CLARINETE **NUNO PINTO**

TROMPA **LAURENT ROSSI**

VIOLINO **SUZANNA LIDEGRAH**

VIOLA **JORGE ALVES**

VIOLONCELO **MARCO PEREIRA**

PIANO **ANA TELLES**

WWW.SONDARTE.COM

ASSISTENTE INFORMÁTICO-MUSICAL **JEAN-MARC SULLON**

TÉCNICA **MISO STUDIO**

CO-PRODUÇÃO

MISO MUSIC PORTUGAL \ CCB

APOIOS

ÉBANO & MARFIM

FESTIVAL OUTONO DE VARSÓVIA

CÂMARA MUNICIPAL DE CASCAIS

INTÉRPRETES

SOND'AR-TE ELECTRIC ENSEMBLE

Novo ensemble fundado pela Miso Music Portugal com direcção artística de Miguel Azguime e maestro titular Pedro Amaral.

É característica original do SOND'AR-te *Electric Ensemble* a primazia na interpretação de repertório instrumental com integração de meios electrónicos, sendo por isso um projecto inovador, tanto a nível nacional, como internacional.

As razões e a necessidade desta singularidade justificam-se pelas recentes tendências da história musical contemporânea. Do mesmo modo que o desenvolvimento da grande orquestra sinfónica como paradigma esteve intimamente ligado ao repertório europeu do século XIX, o repertório da segunda metade do século XX suscitou o aparecimento de um paradigma contemporâneo mais restrito e não menos caracterizante: o ensemble. Assim, as décadas de oitenta e noventa, que assistiram à generalização da informática musical com a consequente democratização dos meios electroacústicos, alargaram de modo decisivo as noções de escrita musical, suscitando uma quantidade crescente de repertório misto que por sua vez impõe uma modificação sensível no paradigma instrumental e organizacional. Em termos internacionais os ensembles têm procurado adaptar-se a este novo contexto decorrente da mais recente evolução histórica, estabelecendo parcerias para cada projecto com estúdios, laboratórios musicais ou centros tecnológicos. O ensemble como instituição torna-se polivalente, tentando abranger os repertórios instrumentais que estiveram na sua origem e os repertórios mistos que entretanto ocupam um lugar fundamental e cada vez mais determinante na criação musical contemporânea.

É neste contexto que surge o SOND'AR-te *Electric Ensemble*, que se constitui assim desde a sua origem especificamente vocacionado para a interpretação deste novo repertório.

O SOND'AR-te *Electric Ensemble* tem uma formação fixa de oito músicos: flauta, clarinete, piano, violino, violoncelo, dois músicos informático-musicais para a electrónica e maestro; aos quais são acrescentados músicos suplementares em função de programas específicos.



“O SOND'AR-te conquistou pela convicção das interpretações e pelo empenho e elevado nível técnico dos músicos. Pedro Amaral conquistou pela sua direcção discreta, inequívoca e eficaz.

...Deseja-se que o SOND'AR-te se assuma como mais uma referência europeia no campo da arte musical contemporânea.”

PÚBLICO, 20 SETEMBRO 2007

PEDRO AMARAL

VER BIOGRAFIA PÁG. 6

JOÃO PEDRO OLIVEIRA

Iniciou os estudos de música como aluno do Centro de Estudos Gregorianos, tendo continuado o seu trabalho no Instituto Gregoriano de Lisboa. A partir de 1978 começou a dedicar-se à composição, e de 1985 a 1990 esteve nos Estados Unidos com uma bolsa da Fundação Calouste Gulbenkian e da Comissão Cultural Luso-Americana, tendo estudado no Brooklyn College e na Universidade de New York em Stony Brook, onde concluiu dois mestrados e um doutoramento em música.

Principais Prémios: 1.º Prémio no Concurso Joly Braga Santos, em 1992 e 1994; 1.º Prémio do Concurso Internacional Alea III, em 1996; 1.º Prémio no Concurso Lopes-Graça, em 1998; 1.º Prémio no Concurso de Música Electroacústica de Bourges, em 2002; 1.º Prémio no Concurso Earplay (S. Francisco), em 2003; 2.º Prémio no Concurso Internacional de Música Electroacústica de São Paulo, em 2005; Menção Honrosa no Concurso de Música Electroacústica de Bourges, em 2005; Obra seleccionada na Tribuna Internacional de Música Electroacústica (Itália), em 2005; 1.º Prémio no Concurso Musica Nova (Praga), em 2005; 1.º Prémio no Concurso Metamorphoses (Bruxelas), em 2006; 1.º Prémio no Concurso de Música Electroacústica de Bourges, em 2007; 1.º Prémio no Roma Soundtrack Competition (Itália), em 2007; 1.º Prémio do Concurso Yamaha-Visiones Sonoras (México), em 2007; 1.º Prémio no Concurso Música Nova (Praga), em 2007; Prémio Magisterium no Concurso de Música Electroacústica de Bourges, em 2008.

A maioria das suas obras foram encomendadas por instituições nacionais e estrangeiras e encontram-se editadas em CD.

É professor catedrático na Universidade de Aveiro, onde ensina Composição e Música Electrónica.



TIMSHEL

“Esta obra foi composta ao mesmo tempo que lia o romance de Steinbeck *A Leste do Paraíso*. Timshel (palavra hebraica que significa “tu podes...” ou “tu tens capacidade para...”) ocupa um lugar fundamental neste romance e relaciona-se com a capacidade dada aos humanos para escolher. Na escrita de uma obra somos confrontados com imensas escolhas. É com base e como resultado dessas mesmas escolhas, das opções que fizemos, que vamos obter o produto final. O mesmo se passa na vida. Escolhas feitas num determinado momento afectam o percurso futuro da nossa existência. Timshel é uma obra onde manifesto alegria e agradecimento pelas escolhas que fiz correctamente e tristeza por aquelas em que errei.”

JOÃO PEDRO OLIVEIRA

DUARTE DINIS SILVA

É natural de Angra do Heroísmo, ilha Terceira/Açores. Iniciou os seus estudos musicais aos 11 anos de idade no Conservatório Regional de Angra do Heroísmo com o professor José João Silva, em viola d’arco, e mais tarde em percussão, passando por várias formações dentro do jazz e do rock como percussionista e baterista.

Foi professor de Educação Musical do 2.º ciclo e formador da disciplina de Expressão Musical em Cursos de Animação e Reinserção Social, participou em cursos de Direcção e em vários seminários de Composição com Emmanuel Nunes, Clarence Barlow, Klass de Vries, Magnus Lindberg, entre outros.

Actualmente frequenta o 3.º ano da Licenciatura em Composição na Escola Superior de Música e das Artes do Espectáculo do Instituto Politécnico do Porto, na classe do professor Carlos Guedes, depois de ter estudado com João Madureira e Fernando Lapa.

O seu trabalho abrange os vários domínios da música actual, passando pelo rock, jazz, música electrónica e experimental. A simbiose entre estas vertentes estéticas caracteriza e define a linguagem das suas composições.

Alguns dos seus trabalhos já foram apresentados publicamente, dos quais se destacam *Kän’trast* para flauta e electrónica, estreada no Auditório Municipal de Lousada por Tiago Schwäbl, em Março de 2007, posteriormente apresentada no Ciclo Peças Frescas no Teatro São Luiz em Lisboa, e no Festival Música Viva 2007 na Casa da Música do Porto. Réplica para Marimba Solo, estreada por Nuno Simões no Teatro

Helena Sá e Costa em Janeiro de 2007. *Paralelus I* para 12 instrumentistas e electrónica, apresentado pelo Remix Ensemble sob a direcção de Rolf Gupta, em sessão de leitura na Casa da Música do Porto, e *Cantares do Meu Folclore* para solistas, coro, orquestra de cordas e piano, sob encomenda da Direcção Regional da Cultura dos Açores, apresentado em Dezembro de 2006 no Teatro Angrense.



RYSZARD OSADA

Nasceu em 1972. Depois dos estudos na Escola de Música em Legnica, estudou na Academia de Música de Wrocław, onde trabalhou com L. Wiślocki, tendo-se formado em 1995 com distinção. Em 2000 iniciou a pós-graduação em Composição na Academia de Música de Varsóvia, sob a direcção de M. Borowski.

Foi distinguido com o 2.º Prémio no Concurso Internacional de Composição Russo em Itália, em 2003, o 3.º Prémio no Concurso Nacional de Composição “Łódź 98”, e menções honrosas no 24.º Prémio Irino no Japão e no Concurso K. Szymanowski ZAiKS em Varsóvia, em 2003.

É membro da Associação Polaca de Compositores e da Sociedade Polaca da Indústria Fonográfica. Em 2006 foi bolseiro do Ministério da Cultura.

Interessa-se sobretudo por música de câmara e electroacústica. Na maior parte das suas obras mistura elementos de virtuosismo com um nova qualidade sonora vocal ou instrumental, com diferentes meios técnicos, estilísticos e de performance.

Os seus trabalhos têm sido apresentados em festivais e concertos, como o Festival Internacional Outono de Varsóvia, o Festival Musica Polonica Nova, o Festival Internacional Laboratório de Música Contemporânea, o Música Electrónica Nova, durante a Conferência Internacional de Engenharia de Som (2005), no Concurso Internacional de Música de Câmara Contemporânea, no Festival Música Moderna, e no Festival de Música Polaca.

Das suas obras já gravadas e publicadas contam-se: *E-motion*, *Prelude for an organ*, em 2007 gravou um CD monográfico com a sua música electroacústica. Os seus textos científicos foram publicados pela Academia de Música de Varsóvia.

PARALELUS II

Nos grandes centros urbanos onde a agitação e o movimento humano se acentuam diariamente é comum a existência de proximidades e de afastamentos, por vezes até de algumas coincidências, onde as situações mais inesperadas acontecem.

O cruzamento de vidas, que na maior parte das vezes nem se conhecem, transforma um mundo de afectos e de semelhanças em algo empírico e cheio de espontaneidade, oferecendo involuntariamente as rédeas ao destino.

Este trabalho desenvolve um constante cruzamento de entidades independentes, fazendo do percurso de cada uma delas uma peça fundamental na construção de um todo. Remonta à temática e à linguagem de *Paralelus I*, apresentando contudo material completamente novo em relação à anterior, no que respeita aos tratamentos harmónicos, rítmicos e formais.

Apresenta um espaço tripartido, surgindo num mundo real onde há uma permanente intensificação de acontecimentos, sendo posteriormente transportado para o irracional, onde tudo acontece camuflado, embora de uma forma muito natural. A tentativa de regresso à realidade marca a terceira e última secção deste trabalho, embora não passe de uma mera tentativa, pois esta não chega a acontecer.

Paralelus II foi escrito entre Outubro de 2007 e Janeiro de 2008.

MIMESIS II

O título refere-se ao entendimento aristotélico da arte como imitação da realidade. O processo mimético não equivale a uma cópia. Pode significar reprodução e transformação da realidade. Como diz Aristóteles na sua Poética “o impossível verosímil é preferível ao possível não acreditável”. Neste caso, a mimesis refere-se à música da “subcultura” juvenil com o seu *background* técnico – do ruído extremo e invasivo, estrutura rítmica fundamental, aos sons agudos e ásperos ou ao uso de distorções de sons. *Mimesis II* foi composto como encomenda do Festival Internacional de Música Contemporânea Outono de Varsóvia.

A obra é dedicada ao Sond’Ar-te Electric Ensemble.



PATRÍCIA SUCENA DE ALMEIDA

Concluiu a licenciatura em Ensino de Música na Universidade de Aveiro em 1997, tendo estudado música electrónica e composição com João Pedro Oliveira e piano com Miguel Henriques. Em 1998 concluiu o mestrado em Composição na Universidade de Edimburgo e cumpriu o programa de doutoramento na City University de Londres e na Universidade de Southampton, com a supervisão de Michael Finnissy, que concluiu em 2004.

De entre as suas obras destacam-se: *Memorial do Vácuo* (executada no Festival Música Viva 2000); *Solitude* (executada na International Gaudeamus Music Week 2001); *Argumentum* (executada no Porto 2001 – Capital Europeia da Cultura); *Silens Clamor* (encomendada pelo Conservatório Nacional Superior de Música e Dança de Lyon, para a Académie de Chambre Contemporaine Jeunesse Moderne 2004, executada em Chambéry, no Festival Musica 2007 e no CCB); *Fatum Hominis* (seleccionada para os ISCM World Music Days 2005, Zagreb, executada pelo pianista Filip Fak e também pelo pianista Ian Pace, em Oslo, integrada nos concertos da Ny Musikk 2005 – Norwegian Section of the ISCM); *Dulce Delirium* (executada no *workshop* do Centre

Acanthes 2005 em Metz, no Festival Atlantic Waves 2006 em Londres, nos concertos Momentum 2007 em Aveiro e no CCB); *Fati Necessitas* (encomendada pelo Grupo de Música Contemporânea de Lisboa e executada em Matosinhos, 2005, e na Semana Cultural da Universidade de Coimbra, 2006); *Res Adversae* (encomendada pela Fundação Calouste Gulbenkian); *Nocturna Itinera* (44th International Summer Courses for New Music, Darmstadt - 2008).

Participou nas IRCAM's Académies d'été, no 40th Internationalen Ferienkursen fur Neue Musik – 2000, em Darmstadt; nos Cours du Centre Acanthes 2002 e 2003; na Chartreuse de Villeneuve-les-Avignon; e em 2004 e 2005 em Metz nos 1.º, 2.º, 3.º e 4.º *Workshops* da Gulbenkian para jovens compositores portugueses e noutros seminários e *workshops*. De momento, encontra-se a realizar pós-doutoramento na Universidade de Aveiro no âmbito da Formação Avançada de Recursos Humanos – Ciência 2007, e como bolsista da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

ARANEA, INSIDIIS NOCTIS SERENAE...

Construções fantásticas labirínticas, escuras, cavernosas e fantasmagóricas, atravessadas por caminhos vertiginosos. A constante presença da sensação de um abismo e da sua fascinação hipnótica - chegar a um fim abrupto, sem suporte algum onde se possa agarrar, nem poder dar mais um passo porque se está num extremo podendo cair num buraco fundo. Escadas sem fim, sem saída para uma fuga. A necessidade de libertação e luta constantes por quem caminha entre essa teia labiríntica formada por sinistros caminhos, maquinarias, cabos, alavancas, arcos que parecem armadilhas. Como se fosse prisioneiro do espaço. Uma teia desordenada/ordenada confunde, protege e armadilha. O horror solitário do espaço, a sua expansão e contracção, a constante tentativa de libertação condena-o a um “no way out”. No livro *Confessions of an English Opium Eater* (1821), Thomas De Quincey refere estas fantásticas construções intituladas “Carceri D’Invenzioni” (datam de 1749/1750 e retrabalhadas em 1761) de Giovanni Battista Piranesi (1720-1778), e que serviram de fonte de inspiração para a peça *Aranea, insidiis noctis serенаe*.

“Many years ago, when I was looking over Piranesi's Antiquities of Rome, Coleridge (...) described to me a set of plates from that artist... Some of these represented vast Gothic halls; on the floor of which stood mighty engines and machinery, wheels, ca-

bles, catapults, etc, expressive of enormous power put forth, and resistance overcome. Creeping along the sides of the walls, you perceived a staircase; and upon this, groping his way upwards, was Piranesi himself. Follow the stairs a little further, and you perceive them reaching an abrupt termination, without any balustrade, and allowing no step onwards to him who should reach the extremity, except into the depths below. Whatever is to become of poor Piranesi, at least you suppose that his labours must now in some way terminate here. But raise your eyes, and behold a second flight of stairs still higher; on which again Piranesi is perceived, by this time standing on the very brink of the abyss. Once again elevate your eye, and a still more aerial flight of stairs is described; and there, again, is the delirious Piranesi, busy on his aspiring labours; and so on, until the unfinished stairs and the hopeless Piranesi both are lost in the upper gloom of the hall." (Confessions of an English Opium-Eater, Thomas De Quincey)

PATRICIA SUCENA DE ALMEIDA



ENRIQUE X. MACÍAS

Nasceu em Vigo em 1958 e faleceu em 1995 nesta mesma cidade. Participou nos cursos de Verão de Darmstadt, de 1980 a 1984, com uma bolsa do Instituto para a Nova Música desta cidade alemã. Foi compositor residente nos estúdios de música electrónica da Rádio finlandesa e da Academia de Música de Cracóvia, assim como compositor convidado do Instituto de Sonologia de Utreque, Groupe de Recherches Musicales em Paris e STEIM em Amesterdão. Também trabalhou no Espace Musical de Paris e no Miso Studio em Lisboa. Em 1992 participou no curso de Verão para compositores no IRCAM em Paris.

Entre os prémios obtidos contam-se: Tribuna Internacional Gaudeamus, Cristobal Halffter de composição, primeiro prémio e menção do concurso de composição da Jovem Orquestra Nacional de Espanha, menção honrosa no concurso internacional de composição Fernando Pessoa, Tribuna de Jovens Compositores da Fundação Juan March, Panorama de Jovens Compositores da Orquestra Nacional de Espanha, segundo prémio do concurso de composição da Sociedade Geral de Autores de Espanha. Representou a Espanha na Tribuna Internacional de Compositores da UNESCO.

Recebeu encomendas de: RNE, Fundação Calouste Gulbenkian, Rádio Finlandesa, Ministério da Cultura Espanhol, Circulo de Belas Artes de Madrid, Groupe de Recherches Musicales, Festival Antidogma de Turim, Festival Música Viva, entre outros.

A sua obra foi gravada para as mais importantes rádios europeias, assim como programada em importantes festivais e tribunas internacionais: Bienal de Veneza, Festival Antidogma de Turim, Semana Internacional Gaudeamus, Encontros de Música Contemporânea de Lisboa, Festival de Música Experimental de Bourges, Tage für Neue Musik de Zurique, Cycle Acousmatique do INA-GRM, Salzburger Kulturtag,

Festival de Genebra, "Let us Know the names" da União Europeia de Radiodifusão, entre outros.

Entre as suas obras destacam-se: *Morgengesang III*, *Extracto*, *Les Adieux*, *Nobilissima Visione II / Postludios*, *Iubilæum*, *Exequias*, *Itinerário de Luz*, *Clamores y Alegorias*.

ITINERÁRIO DE LUZ

Concebida em cinco secções que se interpretam sem interrupção, utiliza um conjunto de seis instrumentos e um dispositivo de tratamento informático em tempo real. Este consiste numa parte de sampler que actua na obra em duas linhas: uma como um conjunto instrumental complementar, como uma partitura de sombras em complementaridade com a parte instrumental; outra como ponto de interpolação (de hibridação) entre os sons instrumentais acústicos do conjunto dos músicos e os sons instrumentais do sampler (fundamentalmente instrumentos de ressonância – piano, guitarra, harpa – ou percussão ressonância). Por outro lado, o tratamento electroacústico e a espacialização. O tratamento electroacústico actua sobre cada instrumento, em tempo real, como um desdobramento de identidade do mesmo, tanto pela sua interacção na modificação do seu timbre, interacção temporal no discurso da parte instrumental da peça, assim como um contraponto da escrita a nível harmónico.

A espacialização dos sons acústicos e electrónicos (sampler e tratamento em tempo real) está orientada em dois aspectos. Por um lado a localização e movimento no espaço de cada som, por outro, a interpolação (como condicionamento) do espaço acústico por meio de uma escrita de reverberação. A espacialização não foi só deduzida da parte instrumental da obra, é também uma clarificação da sua própria escrita.

Os sons híbridos (interpolados) acima referidos foram criados com os programas SVP e Turbosynth.

O todo integra-se numa partitura informática que segue a partitura instrumental. Esta actua como controlo da espacialização e tratamento, e foi escrita utilizando a linguagem de programação por objectos Max. Não falamos apenas de controlo, mas também de cálculo dos processos em tempo real.

O projecto da parte informática da obra foi desenvolvido por Miguel Azguime no Miso Studio.

A obra é uma encomenda do Centro Galego de Arte Contemporânea.

CONTOS CONTADOS... CANTADOS COM SOM

TEATRO ELECTROACÚSTICO PARA PÚBLICO INFANTIL

23 A 26 SETEMBRO 11H 27 SETEMBRO 15H30
SALA DE ENSAIO



PROGRAMA

A VELHA E O LADRÃO ☉★

MÚSICA DE SÉRGIO PELÁGIO
HISTÓRIA DE ANTONIO TORRADO

NUNO E OS MONSTROS ☉★

MÚSICA DE ISABEL SOVERAL
HISTÓRIA DE ÁGATA MANDILLO

UMA MESA É UMA MESA. SERÁ? ☉★

MÚSICA DE JOSÉ LUIS FERREIRA
HISTÓRIA DE ISABEL MARTINS

A MENINA DOS OLHOS DE CHUVA ☉★

MÚSICA DE ÂNGELA LOPES
HISTÓRIA DE ANNE LAURICELLA

Os Contos Contados...

Cantados com Som –

Teatro Electroacústico apresenta a sua segunda edição com novas músicas e novas histórias para encantar os mais novos.

Histórias de sonhos, de monstros, de magia, de lugares, de meninas e meninos curiosos. Histórias de sons que habitam as nossas casas e que nos envolvem. Ouvir palavras faladas e tocadas... Este é o convite que os *Contos Contados... Cantados com Som* nos fazem, apelando à nossa imaginação, aos nossos ouvidos e aos nossos sentidos, num espectáculo composto por histórias de escritores de renome e outras inéditas. Uma orquestra de altifalantes interpreta a música que as palavras formam e que os compositores nos levam a descobrir.

CONCEPÇÃO **PAULA AZGUIME**

SELECÇÃO E ADAPTAÇÃO DAS HISTÓRIAS **ÁGATA MANDILLO**

INTERPRETAÇÃO

ROSINDA COSTA \ ANA MANDILLO \ ÁGATA MANDILLO

DIFUSÃO SONORA E ELECTRÓNICA **SIMÃO COSTA**

TÉCNICA **MISO STUDIO**

CO-PRODUÇÃO

MISO MUSIC PORTUGAL \ CCB

INTÉRPRETES

PAULA AZGUIME

Compositora e flautista, Paula Azguime nasceu em Lisboa em 1960. Em 1985 fundou com Miguel Azguime o Miso Ensemble, duo de flauta e percussão, reconhecido pelo público e pela crítica como um dos mais importantes agrupamentos portugueses de música contemporânea.

Recebeu encomendas de inúmeras instituições públicas e privadas, nacionais e estrangeiras. Tem-se apresentado regularmente com o Miso Ensemble em alguns dos mais importantes festivais internacionais de música contemporânea em Portugal e no estrangeiro. Ao longo dos últimos anos tem trabalhado regularmente como artista multimédia, no desenvolvimento de novas linguagens para música encenada. À sua actividade artística vem juntar-se uma longa dedicação à promoção dos compositores portugueses e ao fomento da música contemporânea, tanto a nível nacional, como internacional. Neste âmbito tem desenvolvido e multiplicado ao longo dos últimos anos inúmeras acções, muitas pioneiras, destacando-se a criação da editora independente Miso Records, a realização do Festival Internacional Música Viva, a criação da Federação Portuguesa de Música Electroacústica / UNESCO, a direcção da Secção Portuguesa da Sociedade Internacional de Música Contemporânea / UNESCO, a criação do Miso Studio, estúdio para o desenvolvimento da música electrónica em tempo real, e a recente fundação do Centro de Informação da Música Portuguesa, de que é directora executiva.

ÁGATA MANDILLO

Nasceu em Lisboa em 1983. Em Junho de 2007 concluiu a licenciatura em Antropologia no ISCTE com média de 17 valores. Foi recentemente convidada para ser investigadora colaboradora do Centro em Rede de Investigação em Antropologia (CRIA). É membro do M&P, Grupo de Media e Performance que tem como principal objectivo problematizar as relações entre Arte Contemporânea e Antropologia. Paralelamente, colabora desde 2002 com o artista e músico Simão Costa com o qual tem desenvolvido vários projectos, com principal destaque para o projecto Alto e Falante, um atelier performativo musical para crianças utilizando novas tecnologias da informática musical. Para além disso trabalha em produção na MãoSimMão.com, desde 2004. Com uma formação sólida na área da dança

e da música tem ao longo dos últimos anos participado pontualmente em projectos como cantora, recitante e actriz. Entre 2000 e 2007 fez direcção de cena no Festival Música Viva. Desde 2000 trabalha como técnica de som do Miso Ensemble, duo de música contemporânea. Colaborou com o realizador Perseus Mandillo, enquanto argumentista e assistente de realização, em 2005 e 2007.

ROSINDA COSTA

Nasceu em 1985. Concluiu o Curso Básico de Piano em 1999.

Acabou o Curso Profissional de Teatro de Cascais em 2003 com nota máxima. Em 2004 recebe o Prémio Zita Duarte. Estreia-se profissionalmente em *A Noite dos Assassinos*, de José Triana, direcção de Manuel Coelho. Autora e intérprete de *O Devaneador*, apresentado no Teatro Municipal S. Luiz, Santiago Alquimista e no Café-Teatro Comuna. Fez assistência de direcção em *Homem-Legenda*, criação de Pedro Gil, uma produção Gulbenkian e Barba Azul no âmbito do Programa Gulbenkian Criatividade e Criação Artística. Leitura encenada *Margem da Alegria*, concepção e dramaturgia de Fernanda Neves. Frequentou os cursos Zona Zero e Zona #3 pela Companhia Teatro do Vestido, dirigido por Joana Craveiro e Gonçalo Alegria, e os *workshops* Commedia dell'Arte dirigido por Ferruccio Soleri do Teatro Piccolo de Milano, na Casa da Comédia, e Commedia dell'Arte dirigido por Nuno Pino Custódio, no FIAR 2007. Leccionou Expressão Dramática na Escola EB1 Raul Lino em Alcântara.

É licenciada em Teatro, opção Actores, pela Escola Superior de Teatro e Cinema.

ANA MANDILLO

Nasceu em Lisboa em 1963. Desde muito cedo, que o seu mundo interior se povoou de fadas e de lendas. Formou-se no Curso Profissional de Formação de Actores do Centro Cultural de Évora, e ingressou na companhia do CCE, tendo-lhe sido confiados papéis de grande responsabilidade, nomeadamente: *O Segundo Marinheiro* de Francisco José Viegas, com encenação de Mário Barradas; *Woyzech* de Georg Buchner, encenação de Luís Varela; *A Escola de Mulheres* de Molière, encenação de Luís Varela; *Joana na Fogueira* de Paul Claudel, encenação de

Valentim Lemos... Construindo o seu percurso como se esse fora um caminho saído do mundo fantástico dos contos, inicia-se na concepção e construção de brinquedos. Durante um período de cinco anos foi responsável e coordenadora pelos ateliers de expressão dramática em várias escolas do concelho de Évora. Em 1986 realiza a sua primeira exposição individual na galeria Gesto Arte. Em 1988 ingressa como monitora do Serviço Educativo do Museu da Marioneta, onde durante seis anos foi monitora de visitas guiadas a grupos escolares abrangendo todas as faixas etárias, realçando-se o trabalho extraordinário e pioneiro efectuado com grupos de deficientes. Dirige vários ateliers de crianças sobre a protecção da natureza e construção de marionetas. Em 1992 realiza uma exposição individual de pintura no Botequim. No mesmo ano participa na bienal do Seixal e realiza vários trabalhos de pintura encomendados para campanhas de prevenção contra a Sida, capa de CD etc. Em 1993 realiza uma segunda exposição individual de escultura no Botequim. Desde 1994 é monitora do Serviço Educativo do Museu Condes de Castro Guimarães. Mantém uma actividade regular de pintora, de contadora de histórias, de construtora e desenhadora de brinquedos; povoando o seu mundo de contos, alguns contados na primeira pessoa, multiplicando no seu caminho sonhos realizados e sonhos por realizar.

SIMÃO COSTA

VER BIOGRAFIA PÁG. 9

COMPOSITORES JOSÉ LUÍS FERREIRA

Nasceu em Lisboa em 1973. Em 2001 licenciou-se em Composição pela Escola Superior de Música de Lisboa (ESML), sob orientação de Christopher Bochmann, António de Sousa Dias e António Pinho Vargas. Mestrando em Artes Musicais – ramo composição – pela Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais de Lisboa (UNL-FCSH), sob a direcção de Christopher Bochmann.

Paralelamente ao curso de composição assistiu a seminários e *workshops* de diversos compositores, nomeadamente, Emanuel Nunes, Salvatore Sciarrino, Jean-Claude Risset, John Chowning, Per Anders Nilsson, Trevor Wishart e André Bartetzki.

Em Abril de 2001 a peça electroacústica *Le bruit d'une tête qui frappe contre les murs d'une très petite cellule* foi premiada no concurso de composição de música electroacústica do Festival Musica Viva.

É professor na ESML das disciplinas de Síntese Sonora, Electrónica em Tempo Real, Estudo de Estilos e Análise Musical; na Escola Superior de Belas-Artes (ESBAL) da disciplina de Imagem e Som; é professor coordenador e responsável pelo plano curricular do Curso de Produção e Tecnologias da Música da Escola Técnica de Imagem e Comunicação (ETIC).



ÂNGELA LOPES

É natural do concelho de Ovar. Em 1995 completa o Curso de Piano na Academia de Música de Santa Maria da Feira. Ingressa, em 1994, na Escola Superior de Música e das Artes do Espectáculo (ESMAE), do Instituto Politécnico do Porto (IPP) onde conclui o bacharelato em 1997, e o Curso de Estudos Superiores Especializados / Licenciatura em 2000 em Composição na classe do compositor Cândido Lima. Enquanto aluna estuda ainda com os compositores Álvaro Salazar (electroacústica), Filipe Pires (orquestração) e Virgílio Melo (electroacústica).



Durante e após o CESE colabora em vários projectos, alguns dos quais direccionados especificamente para a música electroacústica, como a sua participação no Festival – Música Viva 2000 e 2001, onde participa com a apresentação das obras *Música para Imagens*, *Harmonium* e *Canção de Izis*. Colabora ainda na projecção do som da peça *Circuitus* de Virgílio Melo, e na realização da programação e projecção da obra *Gestos-Circus-Circulus* de Cândido Lima. Em 2003, o mesmo festival encomenda a peça *Coor* para clarinete baixo e electroacústica.

De 2000 a 2001 é membro do Grupo MC47 – grupo de música mista com direcção de Virgílio Melo. Colabora igualmente com o Grupo Música Nova com direcção de Cândido Lima.

Escreve para formações diversas instrumentais e/ou vocais, e ainda música electroacústica e música para audiovisuais e/ou multimédia.

Tem algumas obras apresentadas em concertos, como *Músicas. Músicos. Gerações* (1999); *A Voz e a Palavra: viagens ao século XX* (2000); *Jovens Compositores – Novos Músicos – Novos Olhares* (2002); *Recital de Clarinete e Piano – Compositores Portugueses e Franceses do século XX* (2002); ou *A Voz na Música Contemporânea* (2004), entre outros.

Frequenta vários seminários, workshops, seminários-conferências e cursos com Cândido Lima, Carlos Guedes, Ken Valinsky, Virgílio Melo, Paul Mefano, Filipe Pires, António de Sousa Dias, Emmanuel Nunes. Em 2003 é seleccionada uma obra sua, *Sequência*, para o primeiro *workshop* “Jovens Compositores” da Orquestra Gulbenkian.

Colabora com o Teatro Pé de Vento na composição musical da peça *O Poço* de Manuel António Pina, com estreia no Teatro da Vilarinha em Abril de 2003 (Dia Mundial da Água). Compõe sob encomenda a obra *Duas Cantigas de Amigo*, com poesias de D. Sancho I e de anónimo, para o VII Festival Internacional de Música de Santa Maria da Feira (Setembro 2004). Inicia, no ano lectivo 2004-2005, o Doutoramento em Composição, sob orientação do compositor João Pedro Oliveira, na Universidade de Aveiro, com co-orientação do compositor Mario Mary, na Universidade de Paris VII. Lecciona a disciplina de Análise e Técnicas de Composição nas Academias de Música de Fafe, Vilar do Paraíso e Santa Maria da Feira, onde é membro da direcção pedagógica.

SÉRGIO PELÁGIO

Iniciou os seus estudos musicais em guitarra clássica aos 12 anos de idade. Mais tarde, descobriu o jazz e a música improvisada e estudou em Nova Iorque com o guitarrista John Abercrombie. Estudou na Escola de Jazz do Hot Clube de Portugal, que mais tarde veio a dirigir, entre 1987 e 1990.

Destaca a sua colaboração com os músicos David Liebman, Andy Sheppard, Graham Haynes, Frank Lacy, Norma Winston, John Abercrombie, Sylvia Cuenca, Bernardo Sasseti, Mário Franco e Mário Laginha, com quem gravou o CD *Hoje* (1994, Farol Música, Lda.).

Em 1992, criou o grupo IDEFIX, com o qual gravou o CD *Idefix live* (1992, Miso Records).

Compôs bandas sonoras para vários espectáculos de coreógrafos portugueses, como: Francisco Camacho, Vera Mantero, Paulo Ribeiro, Paula Massano, João Galante, Teresa Prima e Sílvia Real, bailarina com quem fundou em 1998, as Produções Real Pelágio.

Compôs a música para as curtas-metragens de Rita Nunes -9 (1.º Prémio no Festival de Curtas de Vila do Conde), e de Paulo Abreu *Xonor*.

Compôs a peça musical *Strategies to adopt when envious*, integrada no espectáculo *Os Sete Pecados Capitais* (Culturgest).

Editou, em 2002, o CD *Bandas Sonoras para peças de Francisco Camacho e Vera Mantero 1993-1997* (Miso Records).

Tem dirigido vários cursos de sonorização para teatro e dança (Fórum Dança, NEC/Porto e Fundação Calouste Gulbenkian), e também *workshops* de guitarra de jazz (CENTA/Vila Velha de Ródão).

É professor de guitarra eléctrica do Conservatório de Música de Santarém e na Escola JB Jazz em Lisboa.



ISABEL SOVERAL

Nasceu no Porto. Estudou no Conservatório Nacional com Jorge Peixinho e Joly Braga Santos, como bolsista da Fundação Calouste Gulbenkian. Em 1988 ingressou na Universidade Estadual de Nova Iorque, em Stony Brook, onde estudou sob a orientação de Daria Semegen e Bulent Arel, tendo obtido bolsas das Fundações Calouste Gulbenkian, Luso-Americana e Fulbright para os programas de mestrado e doutoramento em composição.

A sua música tem sido apresentada em toda a Europa, Hong Kong, Macau, Argentina, Brasil, Cuba e Estados Unidos.

Desde 1995 ensina Composição, Teoria e Análise Musical no Departamento de Comunicação e Arte da Universidade de Aveiro.



JOSÉ MACHADO

VIOLINO E ELECTRÓNICA

23 SETEMBRO
SALA DE ENSAIO
19H

José Machado oferece-nos com este concerto inteiramente português quatro estreias absolutas que integram um programa que abarca três gerações de compositores.

Violinista consagrado no nosso meio musical, foi um estreito colaborador de Jorge Peixinho no seio do Grupo de Música Contemporânea de Lisboa, tendo prosseguido de forma exemplar o papel de divulgador da música portuguesa, seja com o GMCL, seja enquanto solista.

Tendo como ponto de partida cronológico a obra de Jorge Peixinho *The Missing Miss*, que nos revela um lirismo quase melancólico do qual o seu título é já uma indicação, este concerto mostra-nos ambientes e idiomas diferentes em toda a diversidade de expressões da escrita para este instrumento, incluindo obras para violino com electrónica.



PROGRAMA

PAULO FERREIRA-LOPES

DE PROFUNDIS ☉

NUNO MIGUEL HENRIQUES

CADENZA ☉

JORGE PEIXINHO

THE MISSING MISS

PEDRO REBELO

XI'HAILES ☉

CLOTILDE ROSA

DENSIDADES ☉

VIOLINO **JOSÉ MACHADO**

ASSISTENTE INFORMÁTICO-MUSICAL **ANDRE BARTETZKI**

CO-PRODUÇÃO

MISO MUSIC PORTUGAL \ CCB

INTÉRPRETES

JOSÉ MACHADO

Iniciou o estudo de violino na FMAC. Estudou com Carlos Fontes no Conservatório do Porto. Terminou o Curso Superior de Violino no Conservatório Nacional, tendo estudado com Leonor Prado, Manuel João Afonso e Manuel Villuendas e sendo bolseiro da Fundação C. Gulbenkian. Como bolseiro da Secretaria de Estado da Cultura obteve o Diploma de Execução na École Normale de Musique – A. Cortot, em Paris. Frequentou cursos de aperfeiçoamento com Tibor Varga. Como bolseiro da Fulbright estudou com Henry Meyer na Universidade de Cincinnati.

Por reconhecimento de habilitações obteve a licenciatura pela Universidade de Aveiro.

Procura interpretar autores portugueses, tendo estreado obras para violino solo de Lopes-Graça, Jorge Peixinho, Clotilde Rosa, Isabel Soveral e Evgueni Zoudilkine. Estas quatro últimas foram-lhe dedicadas. Tem actividade no jazz, num projecto de homenagem a Stéphane Grappelli denominado Grap-Helix Trio ou Quintet, e noutro denominado Machado Zooart.

Dirige o Quarteto de Belém, com o qual tem participado em diversas iniciativas, incluindo recepções do protocolo de Estado.

Faz parte do Grupo de Música Contemporânea de Lisboa, com o qual participou nos Festivais Internacionais de Sevilha, Siena, Belo Horizonte, Europália, Bayreuth, Encontros Gulbenkian de Música Contemporânea, Jornadas de Arte Contemporânea do Porto, Música Viva, entre outros, colaborando desta forma na estreia de várias obras.

Após a morte de Jorge Peixinho assumiu a direcção do GMCL, um dos grupos de música contemporânea mais antigos do mundo em actividade.

Foi um dos membros fundadores do Círculo Pró-Música. Foi secretário-geral do Conselho Português da Música, e organizou o livro *Jorge Peixinho – In Memoriam*, publicado pela editora Caminho em 2002.

Toca num violino construído por si durante um curso de construção dirigido por Juliet Barker, tendo-se no entanto iniciado na construção de instrumentos com Pedro Caldeira Cabral. Tem aprofundado estas técnicas com Christian Bayon.

Lecciona violino no Conservatório Nacional desde 1988.

COMPOSITORES E OBRAS

PAULO FERREIRA-LOPES

Entre 1988 e 1991, estudou composição em Lisboa com Constança Capdeville. Em 1994 fixou-se em Paris, onde estudou composição com Emmanuel Nunes e Antoine Bonnet, e música electroacústica com Curtis Roads.

Em 1996 terminou o mestrado em Composição na Universidade de Paris 8, tendo estudado com Horacio Vaggione. No mesmo ano fez o Internationale Ferienkurse für Neue Musik em Darmstadt, onde estudou com Karlheinz Stockhausen. Fez investigação no Département d'Esthétique et Technologies des Arts na Universidade de Paris 8, como bolseiro do Ministère de la Recherche.

Em 1997 foi premiado na exposição Documenta X em Kassel.

Fundou o Estúdio de Música Electrónica C.C.I.M., que dirigiu entre 1992 e 1995.

Em 2000, fundou e dirigiu os cursos de Verão Olhares de Outono na Universidade Católica do Porto. Desde 1998 é artista residente e investigador no ZKM – Zentrum für Kunst und Medientechnologie em Karlsruhe, na Alemanha. É membro do Parlamento Europeu da Cultura, desde 2002. Em 2004 concluiu o Doutoramento na Universidade de Paris 8.

Dirige, desde 2004, o Centro de Investigação em Ciências e Tecnologias da Arte – CITAR na Universidade Católica do Porto.

O seu trabalho foi seleccionado pelo ISCM para representar Portugal no World Music Days 2004.

Os seus trabalhos têm sido apresentados em diversos festivais internacionais: *Musica* em Estrasburgo; Festival de Música do Estoril; *Documenta X* em Essen; Bienal de São Paulo; ZKM-Karlsruhe; World Music Days; Stiftung Gulbenkian; EXPO'98, e por vários ensembles de renome internacional: AccrocheNote, OrchestrUtopica, Ensemble Modern Frankfurt, entre outros.



DE PROFUNDIS

à memória de José, meu pai

"de *Profundis*, faz parte de um conjunto de peças escritas para instrumentos solistas, onde na sua maioria se vem juntar uma parte adicional de tratamentos electrónicos em tempo real (live electronics).

O ano de 2004 marcou profundamente a minha vida, pela despedida inesperada de um ente próximo e querido, meu pai.

Profunda, foi também a ausência e a total falta de entendimento e de explicações produzidas pela ausência espiritual e também física deste alguém que pertence à vida quotidiana e de quem dificilmente conseguimos imaginar uma separação que não desejamos.

Profunda foi a mágoa causada pela perda e pelas impressões e ansiedade causadas pelo espaço que medeia o tempo que decorre entre viver ou morrer.

Profunda foi também a dor de meu pai ao compreender que a despedida será mais breve do que o que a justiça de toda uma vida de injustiças e má sina poderia ter reparado nos momentos derradeiros de sua vida.

A peça não sendo de forma nenhuma uma narrativa de qualquer espécie de lamento ou tristeza é todavia um tributo e uma reverência a quem para sempre na minha memória ficará como a memória mais profunda dos meus primeiros tempos de existência e também das minhas primeiras vivências de felicidade."

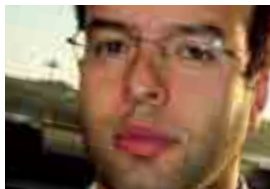
PAULO FERREIRA-LOPES, KARLSRUHE, JULHO 2008

NUNO MIGUEL HENRIQUES

Nasceu em 7 de Maio de 1978. Filho de um violoncelista iniciou os seus estudos musicais aos seis anos no Conservatório de Música da Madeira, na classe de violoncelo do Prof. Agostinho Henriques, tendo mais tarde estudado piano com o Prof. Andrés Hennel.

Estudou composição na classe de ATC com o maestro Roberto Pérez, entre 1995 e 1998, altura em que compôs as suas primeiras peças. Ingressou na Escola Superior de Música de Lisboa, em 1998, no curso de Composição, tendo estudado com os professores António Pinho Vargas, Christopher Bochmann e Sérgio Azevedo, concluindo a licenciatura em 2003. Proseguiu os seus estudos no Conservatório de Roterdão com o professor Klaas de Vries, entre 2003 e 2005, como bolseiro da Secretaria da Educação do Governo Regional da Madeira.

Frequentou seminários de composição com os professores Emmanuel Nunes e Salvatore Sciarrino. Em 2000 participou com uma peça seleccionada nas 4.ª Jornadas Nova Música em Aveiro, sob a direcção de Edwin Roxburgh. Em 2003 e 2004 foi seleccionado para o 1.º e 2.º Workshop Gulbenkian para Jovens Compositores Portugueses, tendo sido estreadas as obras *Contraste para Orquestra e Elementos para 12 instrumentos* pela Orquestra Gulbenkian, sob a direcção do maestro Guillaume Bourgoigne. Em 2003 teve uma peça executada pela OrchestrUtopica no Festival de Música da Madeira. Em 2004 recebeu uma encomenda pela Fundação Calouste Gulbenkian e no mesmo ano foi seleccionado para participar no *Workshop* para Jovens Compositores organizado pelo ASKO Ensemble em Amsterdão em Maio de 2005. Em 2006 participou com a peça *Elementos* no concerto *Diques* organizado pela OrchestrUtopica, dirigida por Cesário Costa.



CADENZA PARA VIOLINO SOLO

Encomenda do 3.º Concurso Internacional de Música "MADEIRA MUSIC".

Premiado no 7.º Concurso Internacional para Instrumento Solista com ou sem Acompanhamento de Piano – Menção Honrosa, 2006. Associação Cultural Musical Euritmia para violino solo.

"*Cadenza* diz respeito a uma passagem solista, que sendo improvisada ou escrita aparece na maior parte dos casos na parte final de um concerto. Geralmente a cadência é composta a partir de material temático que apareceu em todo o andamento, dando-lhe assim uma conclusão antes do *tutti* orquestral retomar o discurso e finalizar o andamento. A cadência fornece a simbiose entre materiais contrastantes que se opõem (1.º e 2.º temas no concerto clássico) e que constituem a espinha dorsal do primeiro andamento. Por isso, esta parte era deixada para improvisado ou então composta em último lugar, não sendo pois obrigatório que o compositor escrevesse a cadência. Ao iniciar a composição desta peça levei a cabo o procedimento inverso, pois tentei conceber uma

cadência sem no entanto ter escrito o concerto previamente, imaginando a simbiose de dois tipos de materiais contrastantes em carácter, sem no entanto tê-los feito passar pelos processos habituais de evolução que se espera numa obra concertante.”

NUNO MIGUEL HENRIQUES



JORGE PEIXINHO

Nasceu no Montijo em 1940. Foi compositor, pianista, crítico, maestro, professor, conferencista, membro da direcção de várias organizações e organizador de concertos, além de ter desempenhado um papel primordial na divulgação da música contemporânea em Portugal e da música portuguesa no estrangeiro.

Depois de terminar os cursos de Piano e Composição no Conservatório de Lisboa, estudou como bolseiro da Fundação Gulbenkian com Boris Poren e Goffredo Petrassi na Academia de S. Cecilia em Roma.

Trabalhou ainda com Luigi Nono em Veneza e com Pierre Boulez e Karlheinz Stockhausen nos Meisterkurse da Academia de Basileia. Participou em vários cursos internacionais de Darmstadt, entre 1960 e 1970, colaborando nos projectos de composição colectiva dirigidos por Stockhausen em 1967 e 1968. Participou em inúmeros festivais de música contemporânea, entre os quais Gaudeamus, Veneza, Buenos Aires, Curitiba. Em 1972/1973 efectuou um estágio no estúdio de música electrónica IPEM, em Gent.

Foi membro dos júris de vários concursos internacionais de composição.

Obteve os prémios de composição Gulbenkian, SPA e Conselho Português de Música.

Em 1970 fundou juntamente com alguns músicos portugueses o Grupo de Música Contemporânea de Lisboa.

Colaborou regularmente nos Encontros Gulbenkian de Música Contemporânea.

Em 1977 foi eleito membro do Conselho Presidencial da Sociedade Internacional de Música Contemporânea, tendo sido convidado para realizar várias obras no Estúdio de Música Electrónica de Bourges.

Recebeu encomendas de várias instituições, entre as quais a Secretaria de Estado da Cultura, a Fundação Calouste Gulbenkian, o Conselho Português da Música, a Câmara Municipal de Matosinhos, o Festival Internacional de Alicante, o GMEB de Bourges, a New Music Concerts, o Festival de Acqui Terme, assim como de artistas e agrupamentos nacionais e estrangeiros.

Jorge Peixinho foi galardoado com as medalhas de Mérito Cultural e de Ouro da Cidade do Montijo. Morreu em 1995.

THE MISSING MISS

Dedicado a José Machado que a apresentou em primeira audição, é constituído por várias secções que se sucedem da seguinte forma:

I – Prelúdio, II – Interlúdio I, III – Lúdio I, IV – Interlúdio II, V – Lúdio II, VI – Interlúdio III, VII – Lúdio III, VIII – Interlúdio IV, IX – Lúdio IV, X – Interlúdio V e XI – PostLúdio.

Com uma duração de pouco mais de 15 minutos, Jorge Peixinho revela uma intensidade lírica peculiar que raras vezes se encontra na sua obra. Esta característica é desde logo assumida pelo *Arpeggiato* claramente utilizado como citação do *Concerto à Memória de Um Anjo* de A. Berg.

PEDRO REBELO

Nasceu em Viseu em 1972. O seu trabalho é caracterizado pela pesquisa interdisciplinar. Tem colaborado em diversos projectos com artistas plásticos, sendo um dos temas centrais da sua investigação a relação entre a arquitectura e a música, o que tem motivado a criação de instalações e obras interactivas. O seu catálogo inclui uma série de encomendas de obras para solistas e electrónica em tempo real, que têm como base a interpretação de espaços acústicos específicos. No contexto do duo I a u t com a saxofonista Franziska Schroeder, dedica-se à improvisação e à execução de obras com electrónica e multimédia tendo desenvolvido interfaces de controlo para performances interactivas. A sua música electroacústica está presente em várias edições (Sonic Circuits IV, Discontact III, Exploratory Music from Portugal, ARIADA, Miso Records). Pedro Rebelo é investigador e lecciona media digital, som interactivo e composição. As suas publicações reflectem a sua atitude perante o design e a composição, articulando a prática criativa com o entendimento abrangente da teoria da cultura. Doutorou-se pela Universidade de Edimburgo com a tese *Composição Musical e Arquitectura Virtual*, sob a orientação de Peter Nelson e Richard Coyne. É actualmente professor e investigador no Sonic Arts Research Centre na Queen's University em Belfast.



XHAILES

PARA VIOLINO E ELECTRÓNICA EM TEMPO REAL
para José Machado

Esta obra faz parte de uma série de peças para instrumentos solistas e electrónica em tempo real, baseadas nas ressonâncias naturais dos espaços acústicos. Estes espaços são caracterizados por acústicas únicas e significativamente diferentes da acústica das salas de concertos e outros espaços dedicados à música. Os fortes padrões de ressonâncias, a ênfase de determinadas frequências e uma qualidade tímbrica específica permitem-nos pensar nestes espaços como instrumentos musicais. Nesta obra, a scordatura e todo o material de alturas derivam da análise espectral das ressonâncias no túnel de Easter Hailes Gate em Edimburgo.

CLOTILDE ROSA

Nasceu em Lisboa em 1930. Iniciou os estudos de piano a título particular, tendo completado o Curso Superior de Piano e Harpa no Conservatório Nacional.

Dedicou-se profissionalmente à harpa, tendo começado os seus estudos com Santiago Kastner em baixo cifrado e interpretação de música antiga. Nesse período integrou os Menestréis de Lisboa.

Entre 1960 e 1963, a Fundação Calouste Gulbenkian e o Governo holandês concederam-lhe bolsas de estudo para estudar harpa com Phia Berghout, Jacqueline Borot e Hans Zingel.

Por proposta de Mário Falcão tocou *Imagens Sonoras* de Jorge Peixinho, o que ocasionou a aproximação a este compositor e ao meio musical português de vanguarda. Igualmente decisivos para a sua carreira como compositora foram os cursos a que assistiu em Darmstadt a partir de 1963.

Participou do grupo reunido por Jorge Peixinho que veio a dar origem ao Grupo de Música Contemporânea de Lisboa. Como instrumentista, fundou o Trio Antiqua, fez parte da Orquestra Sinfónica Nacional, da Orquestra da Emissora Nacional e colaborou com a orquestra do Teatro Nacional de S. Carlos e a Orquestra Gulbenkian.

Deu aulas de Análise e Técnicas de Composição e de Harpa no Conservatório Nacional. Por sua iniciativa foi introduzida a música contemporânea no programa curricular de harpa.

Integra a Comissão Sectorial da Música Erudita da Sociedade Portuguesa de Autores.

Em 1974, e a convite de Jorge Peixinho, esboça o seu primeiro trecho musical na obra colectiva *In-consub-sequência*. Assume-se como compositora em 1976 com *Encontro*. Levada à Tribuna Internacional de Compositores de Paris por Joly Braga Santos e Nuno Barreiros, a peça foi gravada na RDP e atingiu o 10.º lugar *ex-aequo*. Obteve também o 1.º Prémio no Concurso Nacional de Composição da Oficina Musical com *Variantes I*.

TEXTO ADAPTADO A PARTIR DO ORIGINAL DE PATRÍCIA LOPES BASTOS



DENSIDADES

“Duo para violino e gravação electroacústica (sons electrónicos e violino).

Escrita livre, mas de organização rigorosa. Este duo foi concebido para violino com uma sobreposição electroacústica estabelecendo diálogo entre si. O discurso desta obra vai decorrendo em propostas melódicas e rítmicas, imitações e variantes, entre o violino e a gravação.

Esta peça foi dedicada ao meu filho José Machado que também foi o intérprete da gravação que só foi possível dada a solidariedade do nosso compositor e amigo João Pedro Oliveira, que executou a minha partitura encontrando os sons electrónicos por mim desejados e também gravando as intervenções do violino, componentes intrínsecas desta obra.”

CLOTILDE ROSA

ORQUESTRA DE ALTIFALANTES I

LABORATÓRIOS DE CRIAÇÃO: LISBOA \ BERLIM

23 SETEMBRO

PEQUENO AUDITÓRIO – SALA EDUARDO PRADO COELHO

21H

PROGRAMA

OBRAS COMPOSTAS
NO LABORATÓRIO ELECTROACÚSTICO DE CRIAÇÃO
DA MISO MUSIC PORTUGAL

RICARDO GUERREIRO

⊕★ TZIMTZUM

MANUELLA BLACKBURN

⊕★ CAJÓN!

OBRAS COMPOSTAS NO ESTÚDIO
DA TECHNISCHE UNIVERSITÄT BERLIN,
APRESENTADAS PELO SEU DIRECTOR FOLKMAR HEIN

UNSUK CHIN

* ALLEGRO MA NON TROPPO

INTERVALO

WERNER CEE

* BERLIN INDOORS (SLOW MOTION)

CLEMENS NACHTMANN

* TAFELMUSIK

MARIO VERANDI

* PLASTIC WATER

VLADIMIR DJAMBAZOV

* THE SECRET LIFE OF A SNARE DRUM

CLARA MAÏDA

* IPSO FACTO

A Orquestra de Altifalantes apresenta obras compostas no âmbito de residências artísticas no Laboratório Electroacústico de Criação da Miso Music Portugal e nos estúdios da Universidade Técnica de Berlim. A Orquestra de Altifalantes da Miso Music Portugal é um instrumento de projecção do som no espaço que permite introduzir a dimensão interpretativa na música electroacústica. Neste concerto revela-se na sua mais recente configuração, com nomes consagrados ao lado de valores emergentes aos quais importa dar atenção.

PROJECCÃO SONORA
FOLKMAR HEIN
MANUELLA BLACKBURN
RICARDO GUERREIRO

CO-PRODUÇÃO

MISO MUSIC PORTUGAL \ CCB

APOIO

TECHNISCHE UNIVERSITÄT BERLIN
MISO STUDIO
LOURISOM

COMPOSITORES E OBRAS

RICARDO GUERREIRO

Em 2000, diplomou-se em Composição pela Escola Superior de Música de Lisboa e em 2004 em Música Electrónica pelo Conservatório Benedetto Marcello de Veneza, Itália. Frequentou cursos e seminários de composição em Lisboa, Paris (IRCAM – '99) e Darmstadt (Cursos de Verão '98 e 2000).

Como bolseiro do Governo italiano desenvolveu um projecto de investigação sobre a música informática em Prometeo de Luigi Nono, orientado pelo Prof. Alvisi Vidolin e tendo como instituições de apoio o Centro de Sonologia Computacional da Universidade de Pádua e o Arquivo Luigi Nono em Veneza.

Frequentou os seminários semestrais de Estética e Iconologia de Giorgio Agamben, respectivamente nas universidades de Verona e Veneza.

Entre 2004 e 2006 foi professor no curso de Vídeo/Som no Ar.Co (Centro de Arte e Comunicação Visual). Concluiu em 2007 a licenciatura em Ciências Musicais na Universidade Nova de Lisboa.

A par da composição de música electrónica em suporte digital fixo trabalha também actualmente na criação de modelos para performance e composição em tempo real.



TZIMTZUM 2008

Matéria sonora de origem sintética proveniente de algoritmos de geração e transformação sonoras em tempo-real. A forma musical final obtida expõe, mesmo através da sua duração fixa, o carácter infinito e caótico do processo que origina tanto o som que a compõe, como a sua própria organização. De resto, a vida do próprio autor enquanto “modo de existência impessoal” integra perfeitamente esta maneira de fazer.

MANUELLA BLACKBURN

Nasceu em Londres em 1984. Fez a licenciatura em Música na Universidade de Manchester e um mestrado em Composição Electroacústica concluído com distinção. Obteve o Prémio de Composição Peter J. Leonard.

Em 2006 iniciou o doutoramento na Universidade de Manchester, onde estuda actualmente com Ricardo Climent e David Berezan, como bolseira do Arts and Humanities Research Council.

Recentemente ganhou o Grande Prémio das Artes Digitais no Japão e uma Menção Honrosa no VII CIMESP (Concurso Internacional de Música Electroacústica de São Paulo 2007) pelo trabalho *Kitchen Alchemy*. A obra *Causal Impacts* venceu o primeiro prémio no Concurso Internacional Música Viva 2006 e foi seleccionada pelo Concurso Internacional de Música Electroacústica e Artes Sonoras de Bourges em 2006.

Será compositora residente na Faculdade de Música Kunitachi no Japão em Novembro de 2008.



CAJON! 2008

“Cajon! utiliza gravações de sons de *cajon*, um instrumento de percussão peruano. Tem forma de caixa, mas tem um painel que não é fixo, produzindo por isso uma surpreendente variedade riquíssima de sons, um dos quais semelhante ao de uma tarola.

Esta obra está dividida em três secções que exploram o material rítmico e o timbre do *cajon*. A técnica de bater palmas, tradicional do flamenco, é utilizada com o material sonoro do cajon para gerar padrões rítmicos contrastantes.

Além destes, sons de falhas electrónicas e ruídos formam o fundo sonoro sobre o qual se ouvem os eventos gestuais.

Esta é a terceira obra que utiliza o método composicional desenvolvido a partir do vocabulário espectro-

-morfológico de Denis Smalley, desta vez centrado no “espaço espectral” como objectivo para criar momentos de grande contraste entre a densidade e plenitude e momentos de vazio.

Esta peça foi composta na Miso Music Portugal no Laboratório Electroacústico de Criação em Abril de 2008.

Agradeço à Paula e ao Miguel Azguime por esta encomenda e ainda ao Kevin Sharyk, que forneceu os sons de cajon utilizados neste trabalho.”

MANUELLA BLACKBURN

UNSUK CHIN



Nasceu em Seul. Estudou com Ligeti em Hamburgo. Vive actualmente em Berlim e foi a vencedora do Prémio Grawemeyer pela sua obra *Violin Concerto*. O seu trabalho inclui obras para electrónica e para instrumentos e um grande cuidado com a instrumentação, com a cor impressa nas obras para orquestra e com o imaginário rítmico. As suas obras foram já apresentadas por diversos intérpretes, como o Ensemble InterContemporain, o Ensemble Modern, o Kronos Quartet, o pianista Rolf Hind, a violinista Viviane Hagner, e os maestros Kent Nagano, Simon Rattle e George Benjamin; está editada na Deutsche Grammophon's, série 20/21.

Entre 2006 e 2008 é compositora residente da Orquestra Filarmónica de Seul e em 2007 foi vencedora do Heidelberg Künstlerinnenpreis.

A PARTIR DE WWW.BOOSEY.COM

“A minha música é o reflexo dos meus sonhos. Tento traduzir para música visões de imensa luz, de uma incrível quantidade de cores que vejo em todos os meus sonhos, uma composição de luz e cor viajando pelo quarto e formando simultaneamente uma escultura sonora fluida. A sua beleza é abstracta e distante mas é por estas características que toca nas emoções e transmite alegria e conforto.”

UNSUCK CHIN, 2003

ALLEGRO MA NON TROPPO 1994

A obra *allegro ma non troppo* foi composta durante o Inverno de 1993-1994 no estúdio da TU Berlin na sequência da encomenda de Folkmar Hein para o Inventionen'94, por ocasião das comemorações do seu 50.º aniversário.

Os materiais de base consistiam de sons de papéis e de diversos instrumentos de percussão tocados pelo baterista Kyungsoo Kim. O processamento adicional foi realizado com os programas Sound Designer e Soundhack e a organização temporal foi realizada com o ProTools. Nos casos em que a interface gráfica do ProTools se tornou demasiado restritiva foi utilizada a linguagem Csound. Neste caso a programação coube a Thomas Seelig.



WERNER CEE

Compositor e artista sonoro, nasceu em 1953. Iniciou a sua carreira artística estudando pintura na Frankfurt College of Fine Arts (Städel) durante os anos setenta, tendo trabalhado como artista visual *freelancer* até aos anos oitenta. Desenvolveu ao mesmo tempo projectos musicais na área do *rock* experimental e livre. Aos trabalhos em artes multimédia, instalações de som e luz, seguiram-se os trabalhos que ligavam os meios visuais e os meios acústicos, o som, a arquitectura e a música. É então que a sua atenção se desvia para a composição electroacústica e produções de arte sonora, a maior parte delas encomendadas por estações de rádio alemãs. Até aos dias de hoje desenvolveu mais de 15 produções de grande escala para o Studio Akustische Kunst/WDR, a DeutschlandRadio Berlin, a Hessischer Rundfunk Frankfurt am Main, a Südwestrundfunk SWR, entre outros. Além disto, realizou um grande número de documentários sobre ambientes acústicos, paisagens sonoras e sobre as especificidades etnológicas na música. Foi membro da direcção da Sociedade Alemã de Música Electroacústica (DeGeM) e professor de Arte Sonora no College of Fine Arts Saarbrücken. Actualmente o seu trabalho centra-se na realização de performances de peças radiofónicas com músicos e actores actuando ao

vivo; produções sonoras e de espacialização; peças de teatro musical; bem como na colaboração com vídeo e cinema.

Wener Cee tem recebido diversos prémios e as suas obras têm sido apresentadas em vários festivais internacionais.

BERLIN INDOORS – SLOW MOTION 1997-1998

O material sonoro usado para esta peça foi gravado exclusivamente em espaços interiores de Berlim. Inclui, por um lado, gravações da atmosfera de salas de fábricas vazias, do metropolitano, de catedrais; por outro, Werner Cee fez gravações em mercados grossistas, na Bolsa de Valores ou ainda ruídos produzidos por prensas de lixo. Gravou ainda sequências individuais de percussão tocadas por Peter Höllinger em diversos objectos de sucata numa fábrica abandonada.

Esta composição confronta configurações acústicas criando interligações. Os sons mais “espectaculares” são propositadamente deixados de parte e apenas os sons do quotidiano são utilizados.

As atmosferas dos diferentes espaços interiores são sobrepostas, os sons são ampliados e desaparecem; ouvem-se sons de vozes e de máquinas, alternando estados de maior calma e outros de grande ruído.

Era o primeiro objectivo do compositor proporcionar um largo espectro de associações, de modo a criar um maior número de imagens. Simultaneamente, Berlin Indoors perspectiva, como que numa fotografia, a reconstrução de Berlim, reflectindo assim a própria visão pessoal do compositor sobre a evolução desta cidade.

CLEMENS NACHTMANN

Nasceu em Neustadt no Waldnaab em 1965. Iniciou os seus estudos musicais em clarinete, piano e teoria musical na Städtische Musikschule Weiden / Oberpfalz. Após ter terminado a escola secundária, viveu em Munique durante dois anos, e mudou-se para Berlim em 1986, onde completou os estudos em Ciências Políticas. Em 1985/1986 estudou composição com Wilhelm Killmayer em Munique e no HdK/UdK Studium com Friedrich Goldmann a partir de 1997; estudou ainda teoria musical com Gösta Neuwirth e Hartmut Fladt. Nachtmann trabalha com música electrónica desde 1998, em colaboração com Mathias Spahlinger, Richard Barrett e Helmut Lachenmann. Em 2003 completou com distinção os seus estudos em composição e foi seleccionado para a *master-class* do Prof. Goldmann. No Verão

de 2004 mudou-se para Graz onde iniciou uma pós-graduação em composição com Beat Furrer, com o apoio de uma bolsa da DAAD. Recebeu formação para o ensino sobre a música do século XX, treino auditivo e em piano na UdK; foi docente de teoria musical e treino auditivo na Universidade de Música e Artes Performativas de Graz.

Clemens Nachtmann recebeu o 3.º prémio com a obra *Intrecci* para ensemble no Concurso de Composição e Interpretação Hanns-Eisler, em 2001; a bolsa do Senado de Berlim para a obra *battery park/ NY* para ensemble na temporada 2004/2005; o segundo prémio para a obra *O mei* para ensemble no Concurso de Competição Weimarer Frühjahrstage für zeitgenössische Musik. Recebeu também o Boris-Blacher-Preis für Komposition der Neuen Musik em 2004. Em 2005, o Festival Ultraschall e o Festival Frankfurt Auftakt dedicaram-lhe um concerto/perfil. As suas obras têm sido apresentadas no Klangwerkstatt Kreuzberg, no ciclo “Unerhörte Musik” no BKA em Berlim, no Ultraschall, na WDR em Köln e no Festival MaerzMusik em Berlim.



TAFELMUSIK 1999

Tafelmusik (*Música de Mesa*) apela ao antigo estilo com o mesmo nome – um tipo de música destinada ao entretenimento em festas – no seu sentido mais pejorativo e algo controverso, como Heinz-Klaus Metzger explicava acerca desta categoria musical peculiar:

“No que diz respeito a determinados tipos de música profana e utilitária, em tempos muito em voga entre os grandes senhores do poder, podemos questionar-nos se a alimentação durante o apogeu das sociedades feudais seria assim tão extraordinária como poderíamos imaginar, uma vez que, para distrair as pessoas de alguns alimentos, eram ‘servidas’ algumas peças de música de mesa, algumas delas revelando-se elas próprias de difícil digestão.”

De qualquer modo, em *Tafelmusik*, não são feitas quaisquer alusões culinárias ou gastronómicas. O seu nome aponta apenas para os sons básicos que constituem a peça, maioritariamente criados através da utilização dos mais convencionais equipamentos domésticos e de cozinha.”

MARIO VERANDI

É um compositor e artista media nascido em Buenos Aires em 1960. Estudou Música na Argentina, nos Estúdios de Música Electroacústica Phonos em Barcelona e na Universidade de Birmingham, onde completou o Doutoramento em Composição. Foi membro do BEAST (Birmingham Electroacoustic Music Theater).

Em 2000 mudou-se para Berlim como convidado do programa de artistas residentes da DAAD. Foi conferencista convidado no departamento de Musicologia da Universidade Livre de Berlim, em 2003-2004. Os seus trabalhos incluem peças acusmáticas, audiovisuais, instalações sonoras e obras radiofónicas. Foi compositor residente em La Muse en Circuit (Paris), no Estúdio Césaré de Criação Musical (Reims), no TE-Studios de Berlim, no ZKM (Karlsruhe) e nos Estúdios de Música Electroacústica de Cuenca.

As suas obras têm sido apresentadas em todo o mundo, em festivais como o Donaueschinger Musiktage, MaerzMusik (Berlim), Futura (França), Strictly Berlin-Medienkunst Festival, Inventionen (Berlim), State of the Nation (Londres), Stockholm Electronic Art Festival, Transmedia-Rencontres Paris/Berlim, Interactive Futures (Canadá) e Pulse Field Exhibition (EUA).

Foi distinguido no Concurso Internacional de Música Electroacústica de Bourges, no Concurso Música Nova (Praga), nos Prémios de Electrónica CIEJ (Barcelona), nos Prémios Ars Electronica (Linz), Stockholm Electronic Art Awards (Suécia), e recebeu ainda um Prémio-encomenda ZKM. A sua música foi publicada pela EMF (Electronic Music Foundation) de Nova Iorque.



PLASTIC WATER 2000

Os sons utilizados nesta composição são gravações de sons de água e diferentes improvisações que produziu com uma garrafa de plástico, apertando-a e amolgando-a de forma a produzir diferentes seqüências rítmicas.

Os sons originais foram editados, processados e combinados com material abstracto gerado através de manipulações espectrais e técnicas de expansão/compressão temporal. Os sons foram então posicionados e levados a mover-se através do tempo utilizando o Sistema Sigma 1 (APB Tools de Berlim), disponível nos TU-Studios em Berlim. Esta obra em oito canais foi produzida com a assistência técnica de Folkmar Hein.

VLADIMIR DJAMBAZOV

Nasceu em 1954 em Sevlievo, na Bulgária, e após os estudos na Academia de Música de Sofia recebeu uma bolsa da DAAD. Formou-se na Escola Superior Folkwang em Essen na Alemanha, tendo estudado composição de música electrónica com Dirk Reith (ICEM), e trompa com Hermann Baumann.

A oposição entre o instrumento real e o som electrónico é uma importante componente das suas obras, o que fez, aliás, com que compusesse *Dialog* para trompa e electrónica (com a qual ganhou o 2.º prémio no Concurso Internacional de Competição de Greenville, EUA), *Meet and past* para marimba e electrónica, *Drum X-tet* para percussão e computador e *Piano Computrato* para piano e electrónica; recebeu ainda diversos prémios de música para teatro.

Vladimir Djambazov compõe música electroacústica, instrumental e música para teatro e cinema. As suas obras acusmáticas foram apresentadas nos festivais Wien Modern, Elektronischer Frühling e Elektrokompex em Viena; November Music em s'Hertogenbosch, Ghent e Essen; Bienal Internacional de Música Electroacústica de São Paulo, no Brasil; Florida Electroacoustic Music Festival nos EUA; Musica Scienza em Roma; Inventionen em Berlim; ISCM Worls Music Days em Hong Kong (2002), e Ljubljana (2003); entre outros em Atenas, Sarajevo, Sofia e Belgrado. A sua música foi já emitida na Rádio Nacional da Bulgária, WDR, Deutschland Funk, ORF, INA-GRM, Concertzender Netherland, Canadian webradio e Radio Ljublyana.

Em 2005, foi artista residente do DAAD – Berliner Künstlerprogramm, tendo trabalhado durante três meses no Elektronisches Studio da Technischen Universität Berlin. Faz parte da direcção da ISCM da Bulgária e é membro do comité de selecção do Festival Música Nova de Sofia. É co-fundador da rádio búlgara FM Classic e da Fundação Pianissimo que organiza o festival internacional de nova música para piano pplANISSIMO em Sofia.

CLARA MAÏDA



THE SECRET LIFE OF A SNARE DRUM 2005

“Em simultâneo com o mundo sonoro tradicional percebido como “música”, o microfone de proximidade descobre a um nível mais profundo um microcosmo sonoro surpreendentemente versátil e dinâmico: uma comunidade multiforme e de “ruídos parasitas” discretos e menos discretos, que acompanham inevitavelmente a vida diária dos instrumentos musicais.

É o mundo de onde provém o material sonoro de *Secret Life*. Com microfones de precisão posicionados dentro e fora de uma caixa de rufo gravou-se uma multiplicidade de sons: no sentido da produção sonora inconsciente (sons quase inaudíveis como o friccionar involuntário das cordas, arrastar, bater em metal, etc.), ruídos que resultam de produção sonora atípica, como o puxar, o esfregar com os dedos, mãos e os mais diversos objectos. Subsequentemente, todos estes sons foram processados no domínio digital, como objectos sonoros independentes. Utilizaram-se processos de modulação, filtragem e síntese granular.

Se o ouvinte imaginar que a pequena caixa tem uma alma, *The Secret Life of a Snare Drum* será muito mais “teatro para os ouvidos” do que “cinema para os ouvidos”. O simples e seco “Tr-r-r” da caixa de rufo contém um forte potencial e rapidamente gera toda uma família de objectos sonoros que atravessa a história. *The Secret Life of a Snare Drum* é uma expectativa contínua e, quem sabe, talvez um dia o pequeno soldado descubra a baqueta do general na sua sacola?

A peça foi composta em Abril-Maio de 2005 no estúdio electrónico da Universidade Técnica de Berlim durante a minha residência artística no Programa Artístico de Berlim da DAAD.”

VLADIMIR DJAMBAZOV

Dedicou-se à música contemporânea após ter estudado Psicologia na Universidade e música nos Conservatórios de Marselha e Nice, no Cefedem-Sud de Aubagne (obteve o 1.º prémio em composição e o 1.º prémio de piano nas aulas de Anne Queffelec; recebeu o Diploma Nacional para poder leccionar piano). Frequentou ainda as *master-classes* e os cursos de composição de Helmut Lachenmann, Philippe Manoury, Tristan Murail, Gérard Grisey, Marco Stroppa no Centro ACANTHES e no CNSMDP (Conservatório Superior de Música de Paris).

Recebeu diversos prémios e bolsas na DAAD e na Akademie der Künste (Berlim, 2007 e 2006), uma menção honrosa do Ars Electronica (Áustria, 2007), o 2.º prémio no Salvatore Martirano Memorial (EUA, 2003), e o prémio de Pedagogia da SACEM (em 1996). Tem recebido encomendas do Ministério da Cultura de França, da Akademie der Künste de Berlim, da Orquestra Nacional de Lyon, do GMEM de Marselha e dos ensembles Accroche Note e Proxima Centauri. As suas peças têm vindo a ser apresentadas por formações de dimensões diversas, como o próprio Accroche Note, o Quarteto de Cordas Arditti, a Orquestra Nacional de Lyon, o Ensemble Orchestral Contemporain, o 2E2M, o Alternance, e o Kammerensemble Neue Musik de Berlim, entre tantos outros, no âmbito de diversos festivais e espaços culturais (Música Festival em Estrasburgo, Novart Festival em Bordéus, Les Musiques Festival de Marselha, na Akademie der Künste, e no Beyond the Wall Days em Berlim, no Festival Maio Francês em Hong Kong, no Sound One Festival nos EUA, no Festival Croisements de Shangai, no Festival Eleazar de Carvalho no Brasil, na Ópera de Rouen, no Auditorium de Lyon, no CDMC e no Festival Territoires Polychromes em Paris, entre outros).



IPSO FACTO 2007

É a segunda parte de uma série de peças para instrumentos acústicos e electrónica – *Psyché – Cité/Transversales*.

ipso facto é a expressão latina que significa “por causa de”, “portanto”, “automaticamente”. Contudo, o que acontece automaticamente nesta peça é, paradoxalmente, a ausência de automatismo. Assim, os acontecimentos sonoros são articulados entre si, seguindo a sua própria lógica, transportados numa espécie de turbilhão que também contém momentos mais estáticos.

Ao contrário do que acontecia na primeira peça desta série, *Fluctuatio (in)animi*, em *Ipsa facto*, já não existe qualquer oposição entre elasticidade e rigidez. O indivíduo encontra-se num espaço preenchido por vibrações circulares e fluidas e o local de estreia da peça (o tanque/piscina – Kleiner Wasserspeicher – do Prenzlauer Berg em Berlim) desempenhou um papel fundamental.

A compositora tentou criar um espaço isolado, esvaziado, e dispôs-lo como de galerias se tratasse (um pouco como um sistema de esgotos).

Os movimentos sonoros imitam a forma como os sons ecoam nas paredes, rodam, fazem ricochete entre superfícies, como se separam ao desenharem trajectórias multidireccionais ou, pelo contrário, se expandem, perdem a sua definição, se misturam num espaço onde a reverberação é fundamental.

A diferença entre proximidade e distância torna-se complexa. Alguns sons parecem muito fortes e definidos. Outros são mais confusos e distorcidos, lembrando um pouco a percepção sonora que temos debaixo de água. Gestos musicais que se repetem, que descrevem curvas e piruetas cada vez mais rápidas e abstractas.

Tal como nas outras duas peças desta série, o seu objectivo era criar um som híbrido, invocando, por um lado, um espaço urbano e, por outro, uma entidade orgânica, o mundo dos objectos e o mundo dos seres vivos. Rangidos, lamentos, correias a serem arrastadas, máquinas a trabalhar; todos estes sons compõem um espaço que sofre inúmeras transformações e acerca do qual não se pode dizer se está dentro ou fora do seu corpo.

VOX VOCIS 3.0

ESPECTÁCULO INTERMÉDIA

24 SETEMBRO
SALA DE ENSAIO
19H



Vox Vocis é um espectáculo intermédia com voz, vídeo e electrónica em tempo real, no qual a voz desempenha um papel central e aglutinador.

Apresentada na sua primeira versão no Festival Ars Electrónica de Linz (Áustria), *Vox Vocis* tem desenvolvido uma carreira excepcional por toda a Europa e a nova versão *Vox Vocis 3.0* tem neste concerto em Lisboa a sua estreia absoluta. Recorrendo a materiais pré-gravados, desde ruídos a fragmentos de canções populares e gravações das cantoras Esperanza Abad e Belma Martín, estreitamente vinculadas aos autores, *Vox Vocis 3.0* desenvolve-se como um caleidoscópio de imagens e de sons num turbilhão de sentidos e emoções.

PROGRAMA

JOSÉ IGES
CONCHA JEREZ
PEDRO LÓPEZ

VOX VOCIS 3.0

SOPRANO **ROSARIO CRUZ**
VÍDEO, TRATAMENTO VÍDEO EM TEMPO REAL E VOZ
CONCHA JEREZ
PROGRAMAÇÃO E ELECTRÓNICA EM TEMPO REAL
PEDRO LÓPEZ
MATERIAIS GRAVADOS, ELECTRÓNICA
EM TEMPO REAL E VOZ
JOSÉ IGES

CO-PRODUÇÃO
MISO MUSIC PORTUGAL \ CCB
APOIO
INSTITUTO CERVANTES LISBOA

ROSARIO CRUZ

Completo os estudos artísticos na Escola de Belas-Artes de Cáceres e os estudos musicais no Conservatório Oficial de Música da mesma cidade.

Durante dez anos realizou exposições colectivas e individuais, continuando a sua actividade musical em diversos agrupamentos vocais, no âmbito da Música Antiga: Disacantus, Diabolus in Musica, Musica Mensurabilis, Vanitas Musica Antiqua.

Desde 1998 dedica-se exclusivamente ao canto, colabora em diversas performances no Museu Vostell Malpartida e participa como solista nos festivais internacionais de Santiago do Chile e Valparaíso, Donaueschingen, Frau Musica Nova de Colónia, Maquin@rte, Festival de Outono de Madrid, de Teatro Clássico de Mérida e do Teatro Contemporâneo de Badajoz.

CONCHA JEREZ

Nasceu em Las Palmas, Grande Canária, em 1941. Reside em Madrid desde 1955.

Artista intermédia, estudou piano no Conservatório Real Superior de Música de Madrid e fez a licenciatura em Ciências Políticas da Faculdade de Ciências Políticas de Madrid.

É professora da Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Salamanca, desde 1991. Realiza obras individuais de forma continuada desde 1973, tendo-se apresentado em Espanha, Alemanha, França, Itália, Áustria, Inglaterra, Dinamarca, Suécia e Finlândia.

Desde 1976 o seu trabalho centra-se no desenvolvimento do conceito de instalação, enquanto obra *in situ*, em espaços concretos e de grande envergadura.

Entre as suas actividades individuais destacam-se 44 instalações (a maioria das quais intermédia), 16 exposições, 33 performances, das quais 19 com José Iges, 15 Espaços de Intervenção Sonora e Visual, 2 obras para Internet, e diversas acções.

PEDRO LÓPEZ

Actividade indeterminada: improvisação, recolção de sons acústicos ou electrónicos para serem analisados e reproduzidos em sistemas complexos de interacção acústica a partir de instrumentos inventados.

Reciclagem de objectos e utensílios electrónicos desviados do seu uso convencional, amplificação, desenho, vampirização e interpretação de instrumentos electroacústicos. Sistemas MIDI de interacção analógico-digital nos ambientes Shockwave e Max/MSP controlados através de sensores de ultra-sons.

Programação multimédia, edição de vídeo digital e CD-ROM.

Criador do Duo Modisti juntamente com Belma Martin e do Cedi – Centro de Encontro para o Desenvolvimento Interactivo. Investigador em pedagogia da auto-aprendizagem e aprendizagem por sistemas interactivos.

Organizador do Festival Internacional de Música Improvisada Hurta Cordel (1996 e 1997) e do Simpósio Internacional CEDI (1998 e 1999). Desenho de páginas web e do ambiente virtual interactivo <http://modisti.com> na internet. Director da revista *Hurly Burly*.

Criou também os grupos de improvisação Zyklus Fases e Scorecrackers.

Colabora com Concha Jerez e José Iges em diversos projectos, nos quais a sua actividade se diversifica em instalações/web (Terre di Nessuno, Net-Opera), concertos intermédia (La Ciudad, TransParade), etc.

JOSÉ IGES

Nasceu em Madrid em 1951. É engenheiro industrial e doutorado em Ciências da Informação, compositor e artista intermédia.

Os eixos fundamentais do seu trabalho criativo são a interacção de instrumentos convencionais com sons gravados e/ou electrónica em tempo real, o emprego das noções de instalação e arte intermédia tanto em trabalhos em/para espaços concretos, como em obras em/para os meios electrónicos, de onde deriva o particular uso de elementos cénicos e da linguagem radiofónica.

É pródigo no terreno da Arte Radiofónica, com obras produzidas pela ORF, a RAI, a ABC de Sidney, a Radio France, a YLE, a WDR, e a RNE, na produção de obras cénicas ou para solista e banda e/ou electrónica ao vivo

e ainda na criação de instalações sonoras e visuais, performances e concertos intermédia, vindo nestas últimas a colaborar com Concha Jerez desde 1989.

É programador da RNE e dirige desde 1985 o Programa Ars Sonora na Radio Clásica. Foi coordenador do Grupo Ars Acústica da UER e presidente da Associação de Música Electroacústica de Espanha (AMEE).

VOX VOCIS 3.0 2008

A obra apresenta-se como um concerto de câmara com quatro intérpretes que usam a voz de diversos modos e formas, algumas vezes ao vivo, outras através de gravações, com a ajuda de ferramentas tecnológicas e imagens em movimento provenientes de uma câmara digital, assim como de diversos vídeos. Ambos os tipos de imagens são misturados e transformados ao vivo.

A par das imagens, como o título sugere, a voz é o material central. A partir de resíduos de linguagem e balbuciantos recolhidos em gravações diversas criaram-se células fonéticas que foram ganhando vida própria, quase organicamente, no decurso do trabalho. Em momentos precisos empregam-se fragmentos de canções populares; noutros incorpora-se polifonia, gravações dos grandes cantores que marcaram a produção dos autores: Esperanza Abad e Belma Martín. Juntamente com as vozes aparecem intervenções musicais de um instrumento inventado, formado por lâminas metálicas amplificadas e sensores de vários tipos.

A versão 1.0 data de 2004 e foi apresentada no Festival Ensembles, no Festival Ars Electronica de Linz, na ORF de Viena e nas JIEM-CDMC do Centro de Arte Rainha Sofia em Madrid. A versão 2.0 data de 2005 e foi apresentada em Barcelona e Belgrado. A presente versão tem estreia absoluta neste concerto.



QUASARS ENSEMBLE

ORQUESTRA

DE ALTIFALANTES II

CONFRONTO DE ESTÉTICAS

24 SETEMBRO

PEQUENO AUDITÓRIO – SALA EDUARDO PRADO COELHO

21H

PROGRAMA

LUIGI NONO

* OMAGGIO A EMILIO VEDOVA

VLADIMIR BOKES

* COLL'AGE

ROMAN BERGER

* SONATA 1960

TRISTAN MURAIL

* FEUILLES À TRAVERS LES CLOCHES

MICHAEL JARRELL

* ASSONANCE III

ANTÓNIO FERREIRA

* FADING INTO WHITE

INTERVALO

IVAN BUFFA

⊙ QUASARS

PETRA OLIVEIRA BACHRATÁ

BAGATELLE PARA PIANO

PETRA OLIVEIRA BACHRATÁ

NUNATAQ

SALVATORE SCIARRINO

* QUINTETTINO. N.º 1 PER CLARINETTO E ARCHI

VIERA JANÁRCEKOVÁ

⊙ NARRATORIUM

O Quasars Ensemble e a Orquestra de Altifalantes apresentam num concerto único, um programa diversificado em torno de figuras de referência da música actual.

O Quasars Ensemble é um jovem ensemble eslovaco de músicos virtuosos que se dedica ao repertório contemporâneo e que se apresenta no Festival Música Viva para partilhar um concerto com a emblemática Orquestra de Altifalantes, numa proposta que visa oferecer diversos pontos de vista sobre a criação musical europeia da actualidade.

Este concerto apresenta compositores incontornáveis do repertório internacional contemporâneo como Luigi Nono, Salvatore Sciarrino, Michael Jarrell e Tristan Murail; e ainda obras de compositores de nacionalidade portuguesa e eslovaca, numa partilha ou confronto de estéticas que questionam a própria criação musical.

DIRECÇÃO E PIANO **IVAN BUFFA**

FLAUTA **ANDREA BOŠKOVÁ**

OBOÉ **JÚLIA GÁLOVÁ**

CLARINETE **MARTIN MOSORJAK**

VIOLINO **PETER MOSORJAK**

VIOLINO **MAREK ZWIEBEL**

VIOLA **PETER ZWIEBEL**

VIOLONCELO **ANDREJ GÁL**

PIANO **DIANA CIBUL'OVÁ**

CO-PRODUÇÃO

MISO MUSIC PORTUGAL / CCB

APOIO

SLOVAKIA MUSIC FUND

HUDOBNE ENTRUM (MUSIC CENTRE SLOVAKIA)

OMEGA \ SITEL \ LOURISOM

INTÉRPRETES

QUASARS ENSEMBLE

É um grupo de câmara eslovaco formado recentemente. O seu aparecimento tem origem numa longa colaboração dos seus membros, que decidiram estabelecer um único ensemble de jovens intérpretes profissionais com experiência no campo da música solista e de câmara contemporânea. Os membros do Quasars Ensemble provêm de conhecidos grupos de câmara e orquestras eslovacas e de outros países: o Quarteto de Cordas Zwiebel, a Orquestra de Câmara Eslovaca, o Melos-Ethos Ensemble, a Orquestra Sinfónica da Rádio Eslovaca, a Banda Antix de Luzerna, o Ensemble LUX, entre outros.

O Quasars tem uma composição específica de intérpretes, determinada pela interacção e a inspiração mútua dos seus membros com uma visão comum da interpretação musical.

O objectivo é tocar música de todas as épocas, confrontando-as, e apresentar uma visão própria da interpretação musical.

O concerto inaugural do ensemble deu-se em Fevereiro de 2008 e recebeu excelente crítica. Desde então, o Quasars apresentou-se já em diversos concertos na Eslováquia, na Polónia e agora em Portugal.



COMPOSITORES E OBRAS

LUIGI NONO

O compositor nasceu em 1924 em Veneza. Estudou Direito na Universidade de Pádua e Composição no Conservatório Benedetto-Marcello de Veneza, na classe de Malipiero. Em 1946 encontrou Bruno Maderna, com quem estudou intensamente toda a História da Música. Em 1948 participaram ambos nos cursos de direcção de orquestra de Scherchen. A partir de 1950 frequentou os cursos de Darmstadt, onde estudou com Varèse. Após a estreia de *Il Canto Sospeso* deu aulas sobre o dodecafonia de Schoenberg e duas conferências escritas com Lachenmann.

Juntou-se ao Partido Comunista italiano em 1952.

Em 1961 compôs *Intolleranza 1960*, cuja estreia no Teatro La Fenice provocou grande escândalo. A estreia americana, em 1965, dirigida por Maderna foi igualmente tempestuosa.

Ensinou pontualmente na Dartington Summerschool of Music e na Universidade de Helsínquia, mas centrou a sua actividade na organização de concertos e debates em fábricas.

Colaborou com Peter Weiss em *L'Instruction* e *The Living Theatre* para *A floresta é jovem e cheia de vida*, cuja banda magnética foi realizada nos estúdios de fonologia da RAI, onde trabalhou regularmente durante a década de sessenta.

Em 1967, durante um périplo como conferencista pela América do Sul foi expulso do Peru por ter tomado a defesa dos prisioneiros políticos. Cruzou-se com Fidel Castro e mais tarde com Luciano Cruz, membro do Movimento da Esquerda Revolucionária. Em 1968 participou na Conferência Internacional pelo Vietname e recusou participar na Bienal de Veneza em solidariedade com o movimento estudantil.

A leitura de Hölderlin, a experimentação com a electrónica em tempo real e o estudo das culturas judaica e grega levaram-no a escrever *Fragmente-Stille*, *an Diotima* e depois *Prometeo*, em colaboração com o Estúdio Experimental da Fundação Heinrich-Strobel. A convite da DAAD deslocou-se a Berlim.

Em 1988 deu as últimas aulas no Centro Acanthes. Morreu em Veneza em 1990.



OMAGGIO A EMILIO VEDOVA

O que pode fazer a arte face à catástrofe?

Para Luigi Nono esta era uma questão básica subjacente ao seu trabalho. O fim de uma cultura humana digna desse nome e a catástrofe humana estavam para ele sempre próximas; a extensa colecção de textos e materiais que muitas vezes serviam de base às suas composições é simultaneamente testemunho do mal-estar humano e frustração sociopolítica. [...] Esta é a primeira peça electroacústica de Nono, que tinha então contacto próximo com Maderna, Stockhausen e Xenakis, que nessa época faziam experiências na área da música electroacústica. Simultaneamente, Nono interessou-se pelas experiências de Scherchen em Gravesano.

Em 1987, Nono recordava que “em Gravesano, Scherchen inventou um altifalante revolucionário, um altifalante composto de várias membranas. Uma espécie de prisma que projecta sons, rodando de forma inconstante. Esta invenção foi subestimada na época, mas continha uma promessa importante, já que ultrapassou o princípio de uma fonte sonora fixa [...].”

A PARTIR DE SINGING IN THE EXPANSE OF SPACE: LUIGI NONO'S APOCALYPTIC HOPE DE LYDIA JESCHKE (TRADUÇÃO DE LAURIE SCHWARTZ) PARA O CD EDITADO PELA RZ EM 2006.



Em *Coll'Age* os elementos diatónicos fazem parte da própria série de intervalos.

A forma da obra é A (tutti) – B (solo de violino) – C (quarteto de cordas) – D (cadência de piano) – A (tutti).

A parte A apresenta-se como um “mobile” em forma aberta, na qual cada instrumento utiliza livremente 13 modelos básicos. A parte B para violino solo tem um carácter de um *intermezzo* improvisado. Na parte C o quarteto de cordas domina todavia conduzindo gradualmente à cadência de piano na parte D, que constitui o climax da obra.

Em 1979 entreguei a partitura a um agrupamento de Praga para ser tocada, mas no entretanto passei a ser um compositor “proibido” (após a minha segunda sinfonia), e como tal a peça nunca chegou a ser interpretada. Nove anos depois deslocuei-me a Dresden no âmbito de um intercâmbio com a Musik Hochschule Carl Maria von Weber e finalmente aí teve lugar a estreia pelo Quinteto Robert-Schumann. A estreia eslovaca teve lugar em Kosice com enorme sucesso, mais de 25 anos depois da sua composição, pela mão dos membros do Ensemble Quasars.”

VLAMIR BOKES

VLADIMIR BOKES

Vladimir Bokes nasceu em 1946 em Bratislava. Estudou violoncelo e Composição com Juraj Pospíšil no conservatório de Bratislava. Prosseguiu os estudos de Composição na Academia de Música e Drama de Bratislava com Alexander Moyzes e Dezider Kardoš. Foi professor no Conservatório de Bratislava e mais tarde na Academia de Música e Drama de Bratislava, onde ensina Composição desde 1982.

Entre 1993 e 1998 foi director do Comité do Festival Internacional de Música Contemporânea Melos-Ethos.

ROMAN BERGER

Nasceu em 1930 em Cieszyn. Em 1945 terminou o ensino secundário em Sesky Tesín e iniciou os estudos musicais em Katowice.

Estudou piano com Frico Kafenda e Stefan Németh-Samorínsky e depois composição com Dezider Kardos na Academia de Música e Drama de Bratislava.

Até 1967 ensinou piano no Conservatório de Bratislava e trabalhou nos Estúdios de Som da Televisão Checoslovaca.

De 1969 a 1971 ensinou música contemporânea do Departamento de Teoria da Academia de Música e Drama de Bratislava. Trabalhou no Instituto de Artes da Academia Eslovaca de Ciências e durante os anos oitenta colaborou em estudos de etnomusicologia com Ivan Macák.

Em 1990 e 1991 foi membro do Conselho Consultivo do Ministério da Cultura.

Em 1990, 1992, 1995 e 1998 foi membro do júri do Concurso Internacional de Composição Witold Lutoslawski.

COLL'AGE (OP. 28)

“Esta peça foi motivada por um estranho debate em torno do conceito de “colagem” em música, que decorreu num encontro de jovens compositores da antiga Checoslováquia e da antiga União Soviética no castelo Dolna Krupa, em 1978, e foi igualmente motivada pelo interessantíssimo duplo significado desta palavra quando misturada com as línguas italiana e francesa, separadas por uma vírgula. Este significado secundário poderia parecer um pouco irónico (nessa época). A ideia principal desta peça vem dos chamados “diatónicos secundários” sobre os quais o compositor trabalhava desde há algum tempo.



SONATA 1960

“Juntamente com os meus estudos de piano, no final dos anos cinquenta dediquei-me a diversas novas técnicas de composição. Comecei por entender algumas delas como ‘sistemas abertos’, ou seja, enquanto um desafio para desenvolvê-las de acordo com a minha própria necessidade de expressão.

Do mesmo modo, compus uma série de miniaturas não dodecafónicas, mas todavia seriais para piano e que intitulei *Inventions (Invenções)*.

Sonata 1960 é a primeira peça mais longa onde a minha referência ao sistema modal de Messiaen se entrecruza com um allegro proveniente da forma sonata no sentido tradicional do termo. A partir deste ponto, foi necessário apenas um pequeno passo para experimentar integrar o essencial da linguagem contemporânea com os princípios comuns da harmonia tonal (mas não no sentido funcional). Obras como *Transformations* de 1964/1965 ou o *Ciclo Konvergenzie* de 1968-1974 foram compostos segundo a problemática de ‘Xenakis ao gregoriano’.

Estes mesmos princípios também aparecem juntos na minha obra *Logical fundamentals of a harmonic system* de 1979.”

ROMAN BERGER

TRISTAIN MURAIL

Nasceu em 1947. Em 1973 fundou o agrupamento L’Itinéraire, cuja acção permitiu o surgimento da corrente designada por música espectral.

Terminou o curso de Composição em 1971 no Conservatório de Paris, tendo estudado com Olivier Messiaen. Posteriormente foi compositor residente na Villa Médicis em Roma, entre 1971 e 1973.

Depois de várias experiências acabou por desenvolver um gosto pronunciado pela exploração da ressonância natural, pela investigação da natureza intrínseca do som, bem como pelo estudo aprofundado das suas características acústicas internas, em particular do seu espectro.

O seu trabalho conheceu um novo impulso no início dos anos de 1980 com o desenvolvimento da composição assistida por computador, área em que foi pioneiro e que lhe permitiu aprender e manipular a riqueza dos sons complexos com bastante eficácia. Compositor reconhecido mundialmente é igualmente

um pedagogo muito solicitado e ensina regularmente no curso de Composição do IRCAM, nos Ferienkurse de Darmstadt e desde há uns anos a esta parte na Universidade de Columbia em Nova Iorque. Escreveu numerosos textos teóricos que se debruçam sobre o seu trabalho estético e composicional, publicados pelas Presses Universitaires de Strasbourg. A imagem de vídeo desempenha um papel cada vez mais importante no seu trabalho, interessando-se pela forma como a imagem pode transformar a percepção da música e vice-versa.

FEUILLES À TRAVERS LES CLOCHES

Tal como é sugerido pela referência directa à primeira peça do *II volume das Imagens* de Debussy, cujo título *Cloches à travers les feuilles* é aqui invertido, também a intenção musical é invertida em *Feuilles à travers les cloches*. Esta peça baseia-se na articulação de dois planos que interagem. Os sinos (cordas do piano, por vezes acentuadas com outros ataques e sistematicamente combinadas com outros *pizzicati* de violino em intervalos microtonais) e a folhagem (sons em *flutterzunge* e outros sons mais difusos que sugerem o restolhar) correspondem respectivamente a um primeiro e a um último planos, cuja relação será progressivamente modificada. Este universo sonoro em que predomina a ressonância – o piano é utilizado sem abafadores – refere-se directamente ao piano de Debussy, mas mais genericamente a uma estética que faz da Natureza a fonte ideal de inspiração.

A frase segundo a qual “nada é mais musical do que pôr do Sol” (Debussy) parece ter sido ouvida directamente por Murail. Apesar desta pequena partitura ter pouco que ver com as intenções de Ethers, ainda assim herda certas características rítmicas e métricas e uma sobreposição de diversos estratos. A gramática parece mais uma vez ligada ao pensamento por objectos musicais: os acordes apresentados no início são em número limitado e pertencem a harmonias espectrais ainda menos numerosas. São recorrentes e formam seqüências em que os elementos são reformulados ritmicamente, recombinações entre as diferentes partes e dão origem a extensões. A manipulação destes objectos está integrada numa progressão direccional que leva a um clímax nos compassos 16 a 22. Significativamente, o piano deixa o registo agudo onde estava até então e faz incursões sucessivas no registo grave, dando a impressão de inversão.

PIERRE RIGAUDIERE, CD ON WINTER FRAGMENTS





MICHAEL JARRELL

Compositor suíço, nasceu em Genebra em 1958. Estudou Composição e Belas-Artes. No Conservatório de Genebra estudou Composição na classe de Eric Gaudibert e mais tarde na Staatliche Hochschule für Musik de Freiburg na classe de Klaus Huber.

De 1986 a 1988 esteve na Cité des Arts em Paris e participou no estágio de informática musical do IRCAM. Seguidamente esteve na Villa Médicis em Roma e mais tarde foi membro do Instituto Suíço de Roma. Entre 1991 e 1993 foi compositor-residente da Orquestra de Lyon e em 1996 no Festival de Luzerna. A edição de 2000 do Festival Música Nova de Helsínquia foi-lhe dedicada. Em 2001, o Festival de Salzburgo encomendou-lhe um concerto para piano e orquestra. Foi professor de Composição na Hochschule für Musik de Viena e depois ensinou nos conservatórios de Genebra e de Estrasburgo.

A obra de Jarrell é influenciada por Giacometti e Varèse. Utiliza motivos recorrentes como fios condutores através de um grande número das suas obras, sublinhando o efeito produzido pela repetição de notas. Para Jarrell a escrita musical evolui como um sistema em árvore e a ligação às artes plásticas é uma das suas principais fontes de inspiração.

Duas obras dramáticas marcam particularmente a sua carreira: a ópera *Cassandra* integra sons electrónicos na orquestra tradicional para alargar o campo das sonoridades com fins dramáticos e depois *Galilei sobre A Vida de Galileio* de Bertolt Brecht, encomenda do Grande Teatro de Genebra e estreada em 2006.

Jarrell recebeu o Prémio Acanthes em 1983, o Beethovenpreis de Bona, o Prémio Marescotti, o Prémio Gaudeamus e o Prémio Henriette Renié em 1988, o Prémio Siemens-Förderungspreis. Foi nomeado Cavaleiro das Artes e Letras em 2001.

© IRCAM - CENTRE POMPIDOU 2007

ASSONANCE III

“O que me interessa é trabalhar com elementos que domino cada vez melhor, atingir uma certa fluidez e estabelecer uma continuidade significativa entre as obras.”

MICHAEL JARRELL

Esta continuidade entre as obras atinge o seu apogeu com *Assonances*, uma série de obras iniciada em 1983. Concentradas numa ideia e com uma evolução livre no seu interior, renovam simultaneamente a noção de ciclo das *Sequenze* de Berio e a noção de auto-análise de Chemins: “Voltar a contemplar o texto musical, retomar elementos e experiências, variar a cor instrumental” é o propósito destas obras.

“Os versos dos mais antigos poemas franceses não têm rimas, apenas assonâncias. Dizemos que dois versos são assonantes quando têm a mesma vogal na sílaba tónica da sua última palavra. Não é necessário que os fonemas ou sons precedentes ou seguintes sejam iguais ou diferentes. Não importa a ortografia, mas é indispensável que estas vogais se pronunciem da mesma forma, que tenham o mesmo timbre.”

MICHAEL JARRELL

Escritas para clarinete, para clarinete baixo, para trio de clarinete baixo, violoncelo e piano, para duo de tuba e viola com electrónica (*ad libitum*), para violoncelo e quatro grupos instrumentais, para ensemble, para percussão ou para duas percussões, dois pianos e electrónica, as primeiras *Assonances* constituem os momentos de um ciclo ainda aberto em que o estado instrumental não desleixa o conjunto das suas virtualidades, entregando-se aos limites de uma escrita musical que integra os limites do instrumento.

MICHAEL JARRELL \ LAURENT FENEYROU



ANTÓNIO FERREIRA

Frequentou o curso de Engenharia Química no Instituto Superior Técnico, tendo trabalhado como analista químico. Em 1986, ingressou no curso de Sonologia do Conservatório Real de Haia onde estudou composição com K. Bhoemer e Clarence Barlow, síntese digital com Paul Berg, programação de sistemas interactivos musicais com Joel Ryan, psico-acústica e processamento de sinal com Simon Tempelaars e técnicas de estúdio analógico com Jaap Vink. Apresentou várias composições suas com electrónica em tempo real no STEIM, Amesterdão, em Den Haag e na Academia Real de Arte de Den Bosch.

Em 1988 ingressou a convite do Prof. Bento Coelho no grupo de Bioacústica do Centro de Análise e Processamento de Sinal do Complexo Interdisciplinar

do IST. Em conjunto com o etnólogo Prof. Manuel Eduardo dos Santos, do ISPA, e o biólogo Giorgio Caporin desenvolveu técnicas de captação e análise das emissões acústicas de uma população de golfinhos residentes no estuário do rio Sado. Participou em congressos internacionais e publica em conjunto vários artigos em conferências. A partir de 1991 trabalhou também como consultor em estudos de impacto ambiental no âmbito do ruído. Desenvolveu, sob orientação do Prof. Bento Coelho, vários programas de previsão de ruído ferroviário, rodoviário e de aeronaves, e trabalhou em projectos de acústica de edifícios. Publicou em conjunto vários artigos apresentados em várias conferências internacionais (INTER – Noise).

A partir de 1998 voltou a desenvolver actividades de composição musical em estúdio próprio utilizando computadores. Apresentou artigos na ICMC em Colónia e publicou, em conjunto com o compositor Rodney Waschka, um artigo na revista holandesa Interface. Editou dois discos com composições originais e as suas peças têm sido apresentadas em Portugal (Festival Música Viva, Festival de Aveiro) e em vários festivais internacionais (França, Cuba, Polónia, EUA, Suécia, Singapura, Reino Unido, Brasil, entre outros).

FADING INTO WHITE

“Un petit coup au carreau, comme si quelque chose l'avait heurté, suivi d'une ample chute légère comme de grains de sable qu'on eût laissé tomber d'une fenêtre au-dessus, puis la chute s'étendant, se réglant, adoptant un rythme, devenant fluide, sonore, musicale, innombrable, universelle: c'était la pluie.”

MARCEL PROUST (DU CÔTÉ DE CHEZ SWANN – A LA RECHERCHE DU TEMPS PERDU)

Fading into white é uma composição que joga com paisagens evocadas e gestos; com a memória e a metáfora; com a transformação e a permanência. Fragmentos da voz humana abrem e fecham esta composição, referência à indispensável presença humana na produção e recepção da música. Entre os fragmentos, a peça desenvolve-se de uma maneira “clássica”, escutando, tratando e criando um jogo de morfologias impostas e intrínsecas aos vários sons, alguns perfeitamente reconhecíveis. A nossa modalidade de escuta da música através de altifalantes talvez tenha revolucionado a nossa audição da música; mas não mudou o nosso discurso acerca desta. O discurso escrito, tal como o pequeno excerto literário acima citado, pode ser muito sugestivo – e rico de sugestões composicionais.

Esta composição foi estreada mundialmente no X

Cycle de concerts de musique par ordinateur – Université de Paris 8 – Saint-Denis, organizado por M. Mary em Março de 2008. Também foi finalista na edição de 2008 do Concours International de Musique et d'Art Sonore Electroacoustique de Bourges (França).

IVAN BUFFA

Compositor e pianista, nasceu em 1979 em Kosice. Estudou piano e composição no Conservatório daquela cidade. Continuou os estudos na Academia de Música e Teatro de Bratislava, onde trabalhou Composição com V. Bokes, tendo depois estudado na Hochschule für Musik und Darstellende Kunst com Michel Jarrell. Em 2005 iniciou o doutoramento na Academia de Música e Teatro de Bratislava, sob a direcção de V. Bokes.

Frequentou os cursos de Composição em Cesky Krumlov, na República Checa, em Reichenau na Áustria e cursos de Interpretação em Viena e Walderbach na Alemanha.

Em 2002 formou o duo de piano com Diana Cibulová. Cooperava regularmente com o soprano Petra Chiba e com o Quarteto Zwiebel. É membro do Ensemble LUX, dedicado à música contemporânea, desde 2005.

Tem-se apresentado, como compositor e intérprete, em diversos concertos e festivais, incluindo diversas estreias de obras de compositores eslovacos e estrangeiros: Melos-Ethos, New Slovak Music, Orpheus, Convergences, Evenings of New Music, Festival de Arte Contemporânea em Kosice, Wiener Tage der zeitgenössischen Klaviermusik, concertos da Companhia Austríaca de Música Contemporânea, Ost-West Podium em Kassel, Aspekte Salzburg, entre outros. É director artístico do Quasars Ensemble.



QUASARS 2008

“*Quasars* resulta de materiais da versão anterior para viola e piano (2005). Mantive a parte solista, mas retrabalhei a parte de piano para dois outros instrumentos de corda e dois sopros.

A inspiração para esta peça não é musical, vem da recente descoberta de objectos muito longínquos no universo denominado 'quasars'.

Apesar da utilização de novas técnicas instrumentais, a forma musical manteve-se dentro do tradicional, para que a obra pudesse permanecer uma composição musical com as qualidades habituais de uma obra puramente musical."

IVAN BUFFA

PETRA OLIVEIRA BACHRATÁ

Nasceu na Eslováquia. Estudou composição com Vladimir Bokes na Academia de Música e Drama de Bratislava, onde completou o mestrado em composição. Tem participado em vários cursos e seminários de composição (IRCAM, Szombathely, Reichenau) orientados por Brian Ferneyhough, Ivan Fedele, Jonathan Harvey, Ivana Loudova, entre outros. Paralelamente aos seus estudos de música, estudou medicina na Faculdade de Medicina da Universidade de Bratislava. Entre 2000 e 2003 exerceu a profissão médica na clínica de neurologia do Hospital Universitário de Bratislava, onde completou a sua especialização em Neurologia. Desde 2005 é estudante de doutoramento em Composição e música electroacústica na Universidade de Aveiro, sob a orientação de João Pedro Oliveira e Isabel Soveral. Em 2001 recebeu o Prémio Ján Levoslav Bella Prize atribuído pelo Fundo Musical Eslovaco. Em 2005 foi finalista do concurso de miniaturas electroacústicas Confluências (Espanha). No mesmo ano recebeu o 1.º Prémio no Concurso Música Nova (República Checa) e foi finalista no Concurso Pierre Schaeffer (Itália). Em 2006 foi finalista no Concurso Internacional de Música Electroacústica de Bourges (França) e em 2007 finalista do Concurso Música Nova. As suas obras têm sido tocadas na Europa, USA, Brasil, México, Chile, Cuba e Nova Zelândia.

BAGATELLE PARA PIANO

Foi composta para o projecto Slovak Composer's FIFTH VARIATIONS. Trata-se de uma colecção de obras consistindo em 44 composições curtas (aprox. 3 minutos cada) para piano solo, por compositores contemporâneos, baseadas num motivo musical idêntico, que consiste no intervalo de uma quinta perfeita (mi bemol – si bemol).

Nesta peça, o motivo mi bemol – si bemol determina a organização estrutural da obra e representa os momentos estáveis a partir dos quais vários gestos musicais (micro e macro estruturais) quebram essa estabilidade, para depois a voltarem a consertar.



NUNATAQ

"Segundo os mitos da antiga civilização Inuit (Groenlândia), "Nunataq" significa uma escarpa montanhosa que sai de um icebergue continental.

Nesta peça eu tentei criar a atmosfera dos tempos dessa antiga civilização (escuridão, gelo, nuvens e nevoeiro)."

PETRA OLIVEIRA BACHRATÁ

"...Eu não sei nada, mas a vida põe-me constantemente em confronto com forças muito mais poderosas do que eu. Temos experiências de gerações, viver não é fácil e nenhum homem ou mulher escapará ao seu destino. E é por isso que acreditamos no mal. O bem não precisa de atenção especial, uma vez que é bom por natureza e por isso não necessita ser adorado. Por outro lado, o mal, que se esconde e espera por nós na escuridão, ameaçando-nos com tempestades e mau tempo, insinuando-se no meio de nós como um nevoeiro, esse temos que expulsar dos caminhos que percorremos. As pessoas podem tão pouco. Nem sequer sabemos se aquilo em que acreditamos é verdade. Mas decerto há uma coisa que sabemos – o que tiver que acontecer acontecerá..."

(EXCERTO DE UMA HISTÓRIA DE UM VELHO CAÇADOR DA GROENLÂNDIA)

SALVATORE SCIARRINO

Nascido em 1947, começou a compor em 1959, dando o seu primeiro concerto em 1962. Residiu em Roma, depois em Milão e finalmente em Ombrie Città di Castello, onde ainda hoje reside. Academicamente, Sciarrino não é um produto de escolas de música, tendo estudado Belas-Artes. Apesar de ter desenvolvido contactos importantes com Antonino Titone, Turi Belfiore e Franco Evangelisti, foi efectivamente um autodidacta, sendo que o seu conhecimento musical advém directamente do estudo sobre os compositores modernos e clássicos. Recebeu vários prémios e aos 30 anos foi nomeado director artístico do Teatro Comunale di Bologna (cargo que exerceu entre 1978 e 1980). Entre os prémios mais recentes destacam-se: Prémio de Composição Musical da Fundação Príncipe Pierre do Mónaco em 2003 para Macbeth (melhor obra inédita de 2002) e o Prémio Internacional Feltrinelli de 2003.

A docência ocupou grande parte da actividade de Sciarrino: para além das *master-classes*, leccionou nos Conservatórios de Milão, Perugia e Florença desde 1974 até renunciar a todos os seus compromissos oficiais em 1996. Desde então tem dedicado muito do seu tempo à escrita, tendo produzido obras como: *Le figure della musica da Beethoven a oggi* (Ricordi, 1998) e *Carte da suono scritti 1981-2001* (CIDIM Novecento, 2001).



QUINTETTINO N.º 1 PER CLARINETTO E ARCHI

Nesta miniatura de 1976, Sciarrino transporta o conceito tradicional de ideia musical para o contexto da busca por novas cores nos instrumentos.

Trilos em flageolet numa proliferação de figuras constituem o principal gesto musical expressivo.

Este colorido mundo sonoro afecta também a parte de clarinete com o seu glissando ascendente microtonal.

Este mundo naturalista provoca um estreito diálogo entre este os dois grupos de instrumentos, cheio de diferentes interligações para um cintilante resultado musical.

VIERA JANÁRCEKOVÁ

Nasceu em Svit em 1941. Estudou piano no Conservatório de Bratislava e depois piano e cravo na Academia de Música e Teatro de Praga.

Foi professora e instrumentista, tendo gravado para diversas rádios e editoras.

Vive na Alemanha desde 1972, tendo iniciado a actividade de compositora em 1981. Assistiu a diversos cursos de Verão em Darmstadt.

Entre 1986 e 1996 recebeu quatro encomendas do Festival Vom Schweigen befreit e duas do Festival Komponistinnen gestern-heute.

De 1989 a 1991 desenvolveu o Projecto Cultural Heimat, na cidade de Kassel, e em 1999 o Projecto Unerhörte Musik, em cooperação com os concertos de música contemporânea de Berlim.

Em 2000, a convite de Gidon Kremer, foi compositora-residente no Festival Internacional em Lockenhaus.

Em 2003 fundou com a violoncelista Barbara Brauckmann o OWP (Este-Oeste-Pódio) em Kassel, para intensificar o intercâmbio cultural entre Este e Oeste.



NARRATORIUM

Narratorium (Narrativa) descreve a função narrativa, mas em alemão *Narr* significa bobo. É possível descobrir muito, apenas com uma mudança de perspectiva, irracional ou não. A obra de arte encobre a sua fragilidade e simula, a face oficial seria a única possível. A obra proclama esta fractura das ideias iniciais que não têm forma, esta massa coagulada acidentalmente com uma floresta de formas disformes por detrás, como uma unidade completa e acabada.

A minha composição está no oposto do objecto de arte acabado e determinado. Balança entre uma forma cristalizada e aberta. *Narratorium* inclui partículas audíveis e não audíveis. Notações elaboradas principalmente em termos rítmicos, mas também padrões melódicos, sons centrais que flutuam todo o tempo por debaixo da versão oficial realmente tocada, como uma sub-corrente dos instrumentistas, apenas intimamente seguida, mas de forma muito intensa. Uma vez que nada se perde no universo, nem uma fagulha, esta energia mental dos instrumentistas interfere com a parte audível da partitura. O subtexto é um contraponto com a versão electroacústica e poderia ser tocado em forma acústica, o que seria uma experiência com transformação de categorias – talvez com resultados inesperados.

VIERA JANÁRCEKOVÁ

NUNO PINTO

CLARINETE E ELECTRÓNICA

DUO CON:FUSION

TEATRO MUSICAL E VÍDEO

25 SETEMBRO
SALA DE ENSAIO
19H

PROGRAMA

NUNO PINTO

CÂNDIDO LIMA

NCÁANCÔA

VIRGÍLIO MELO

⊙ UPON A GROUND II

DUO CON:FUSION

VENCEDOR DO CONCURSO ECPNM DE
ELECTRÓNICA AO VIVO 2007

SASCHA LINO LEMKE

MARCIA LEMKE-KERN

* #UN4SCENE#

MARCIA LEMKE-KERN

* MUSEUM

CLARINETE **NUNO PINTO**

ASSISTENTE INFORMÁTICO-MUSICAL **JEAN-MARC SULLON**

ELECTRÓNICA **SASCHA LINO LEMKE**

VOZ E PERFORMANCE **MARCIA LEMKE-KERN**

CO-PRODUÇÃO

MISO MUSIC PORTUGAL \ CCB

APOIO

EUROPEAN CONFERENCE OF PROMOTERS OF NEW MUSIC

FORTBILDUNGSZENTRUM FÜR NEUE MUSIK LÜNEBURG

Concerto partilhado por Nuno Pinto, jovem talento e virtuoso clarinetista português, e o Duo Con:Fusion constituído por Marcia Lemke-Kern e Sascha Lino Lemke, especialistas de teatro musical e detentores do 1.º Prémio da European Conference of Promoters of New Music "Live-Electronic Projects Competition 2007". Duas propostas distintas que têm como ponto de contacto a componente electroacústica das obras apresentadas.

Nuno Pinto apresenta *Ncáãncôa* de Cândido Lima, um dos nomes mais importantes da música portuguesa actual e ainda *Upon a Ground II* de Virgílio Melo, compositor confirmado cuja obra se constrói numa perpétua revisitação de si própria.

Por sua vez, o Duo Con:Fusion apresenta duas peças do seu original repertório, *Museum* e *#Un4Scene#*, que juntam as componentes musical e teatral, utilizando electrónica e vídeo em tempo real, numa narrativa ficcional da vida real construída e desconstruída a partir de processos de elaboração típicos da actual geração de "laptopers", tais como "scratching", "looping" ou síntese granular.

INTÉRPRETES

NUNO PINTO

Fez os seus estudos de clarinete com Saul Silva, António Saiote, Michel Arrignon e Alain Damiens.

Músico completo que tem dedicado uma grande parte do seu trabalho à música de câmara e à música contemporânea, além da sua carreira como solista, apresentando-se com regularidade em vários festivais em Portugal e no estrangeiro.

É membro fundador dos grupos de câmara *Camerata Senza Misura*, *Trivm de Palhetas e Clarinetes Ad Libitum*, e tem colaborado com muitos outros. É ainda membro da *OrchestrUtopica*, do Grupo *Música Nova* e do *Sond'Ar-te Electric Ensemble*. Enquanto clarinetista esteve presente na estreia de várias dezenas de obras sendo também dedicatário de obras de Cândido Lima, Luís Tinoco, Sérgio Azevedo, Ricardo Ribeiro e Virgílio Melo.

Nuno Pinto é professor de clarinete e de música de câmara na Escola Superior de Música e Artes do Espectáculo no Porto e na Fundação Conservatório Regional de Gaia. Para além disso, é convidado regularmente para orientar cursos de aperfeiçoamento, *workshops* e *master-classes* um pouco por todo o país.



DUO CON:FUSION

Especializou-se em apresentar peças que unem elementos teatrais e electrónica em tempo real com música contemporânea. O duo é constituído pelos compositores e performers Marcia Lemke-Kern e Sascha Lino Lemke, e apresentou-se já pela Europa e Caraíbas.

Em 2007 o Duo con:fusion ganhou o 1.º Prémio do Concurso da Conferência Europeia de Promotores de Música Nova (ECPNM) na semana *Gaudeamus* em Amesterdão.



COMPOSITORES E OBRAS

CÂNDIDO LIMA

Diplomou-se em Piano e Composição nos Conservatórios de Música de Lisboa e Porto, como bolseiro da Fundação Gulbenkian e outras organizações, e em Filosofia e Humanidades na Faculdade de Filosofia de Braga.

Doutorado pela Universidade de Paris I – Sorbonne (e um *Doctorat d'État* inacabado). Estudou composição com Xenakis e direcção de orquestra com Gilbert Amy e Michel Tabachnik. Estudou electroacústica e informática musical nas universidades de Vincennes e Panthéon-Sorbonne, tendo estagiado no IRCAM e no CEMAMu.

Foi bolseiro da Secretaria de Estado da Cultura. Colaborou na imprensa e com o Ministério da Educação em reformas no ensino da música. É autor de várias séries para televisão e para a Rádio.

Foi responsável pela visita de alguns grandes músicos a Portugal, como o Encontro com Xenakis no Porto, no cinema Trindade, 1973. Apresentou com Xenakis, em Lisboa, o UPIC/CEMAMu.

Entrevistou Iannis Xenakis, Gyorgy Ligeti e Pierre Boulez. Escreveu ensaios e outros textos, publicados e inéditos. Foi o primeiro compositor português a utilizar em simultâneo, entre outros meios, computador, electroacústica e orquestra. Ensinou, entre outras escolas, no Conservatório de Música e na Escola Superior de Música do Porto (professor adjunto e professor coordenador).

Presidiu à Juventude Musical de Braga, ao Grupo Música Nova, dirigiu os conservatórios de Braga e Porto.

É colaborador da *Enciclopédia Verbo* desde 1972.

Foi convidado por Pascal Dusapin, que lhe dedicou a obra *Canto*, a integrar o júri de selecção da Académie Européenne de Composition (com W. Rhim, M. Lindberg, K. Huber, G. Benjamin e J. Dillon).



ÑCÁÑCÔA

Ñcãncôa – citando as palavras do compositor – evoca vozes imaginárias de há 20 mil anos das gravuras do paleolítico das margens do rio Côa. A escrita, a notação, o visual e o grafismo desta partitura aproximam-se voluntariamente desses painéis antigos, numa partitura onde o tempo, o som, o espaço, a melodia e as cores fluem livremente como as correntes do rio.

Escrita entre Abril e Maio de 1995, foi apresentada pela primeira vez em Junho desse ano no Teatro de S. Luiz por Luís Carvalho, em versão solo sem electroacústica. A versão para dois clarinetes ao vivo como alternativa à espacialização do som por meios electroacústicos conduziu à gravação da obra em estúdio por Nuno Pinto a partir da qual nasceu esta versão em 2002 (para um ou mais solistas), em que o intérprete ao vivo dialoga com a gravação em *delay* livre como duas longas esculturas mobile.

Não havendo qualquer ponto obrigatório comum de interacção temporal entre o intérprete ao vivo e a parte gravada, e apesar de ambos executarem a mesma partitura, o resultado pretendido é o de se gerar ao vivo um *eco cantabile*, autónomo, não periódico, enriquecido por diferentes agógicas temporais subjectivas.

Com meios electroacústicos disponíveis e se o espaço de audição o permitir, por exemplo ao ar livre – como espaço real ou simulado, é possível conciliar os vários meios nas dimensões em *temps différé* e em *temps réel*, fundindo os níveis de espacialização prescritos na partitura. O local ideal para se ouvir esta obra – ironiza o autor – seria nos vales dos rios onde vivesse ainda o homem do paleolítico...

Esta obra foi seleccionada para representação de Portugal nos World New Music Days da ISCM em 2004.

VIRGÍLIO MELO

Compositor, professor e musicógrafo, nasceu em Lisboa em 1961. Iniciou estudos musicais no Conservatório Nacional de Lisboa em violino e composição, tendo sido particularmente marcado pelas aulas de Constança Capdeville e de Santiago Kastner. Estudou composição com Emmanuel Nunes em Paris e Colónia como bolsheiro da Fundação Gulbenkian. Obteve o Diploma de Composição na École Normale de Musique de Paris, o 1.º Prémio de Estética do Conservatoire Supérieur de Musique de Paris e o 2.º Prémio de Música Electrónica no Conservatoire Royal de Musique de Liège. Frequen-

tou o Curso de Técnico de Som no Institut des Arts de Diffusion em Louvain-la-Neuve.

Como compositor teve obras interpretadas em Portugal, França, Alemanha, Bélgica e Hungria. Participou nos Encontros de Música Contemporânea de Lisboa, no Festival Música em Novembro, no Festival Ars Musica em Bruxelas e no Festival Música Viva. Já recebeu encomendas de instituições como Porto 2001, Universidade de Aveiro, Escola Profissional de Viana do Castelo e Artave, nomeadamente para várias obras pedagógicas.

Tem editadas partituras na Oficina Musical, nas Ediciones Cecilia Colien Honegger e no Núcleo de Jornalismo Académico do Porto. Presentemente, é representado pelas Edições do Atelier de Composição. Estão disponíveis registos de obras suas em CD.

Como musicógrafo colaborou com diversos textos, tanto para publicações especializadas, como para outras de carácter mais generalista.

Realiza regularmente sessões de audição comentada, em particular no norte do país com a Associação Músicas e Músicos de que é vice-presidente.

Possui experiência de direcção musical de agrupamentos vários, tendo tido aulas privadas de direcção de orquestra com Luca Pfaff e Jean-Claude Harteman.

Actualmente lecciona na Universidade de Aveiro e no Conservatório Regional de Música de Vila Real.



UPON A GROUND II

Dedicado a Nuno Pinto.

SASCHA LINO LEMKE

Nasceu em 1976. Estudou composição, música electrónica e teoria musical em Hamburgo, Lüneburg e Paris. Fez o curso anual de Composição e informática musical no IRCAM. Actualmente ensina teoria musical e electroacústica nos conservatórios de Hamburgo e Lubeque na Alemanha.

Ganhou prémios diversos, tais como a bolsa-prémio dos cursos de Verão de Darmstadt, a bolsa-prémio Bach de Hamburgo e a bolsa de música de Dresden. A sua obra para orquestra ...*comme une berceuse*... foi escolhida para os Saarbrücker Komponistenwerkstatt 2004. Foi seleccionado pelo comité da Casa Baldi em Roma para 2009.

Sascha Lemke trabalhou com Thierry Miroglio, Ancuza Aprodu, Frances M. Lynch, Vincent David, Raphael Camenisch, SCHRECK-Ensemble Amesterdão, Jos Zwaanenburg, Pentanemos, Ensemble Acht, ensemble neue musik zürich, ensemble Triolog München, Shanghai New Music Ensemble e a Orquestra da Rádio de Saarbrück.

MARCIA LEMKE-KERN

Nasceu em 1977. Estudou performance e composição na City University e na Guildhall School of Music and Drama, seguiu depois estudos de pós-graduação na Escola Superior de Música e Teatro de Hamburgo e no Fortbildungszentrum für Neue Musik de Lüneburg; frequentou ainda o Centro de Música Medieval de Paris.

Além do seu trabalho como metade do Duo con:fusion, Marcia é cantora de música antiga e contemporânea. A sua voz foi já gravada por compositores e videastas como Georg Hajdu, Sean Reed, Sonja Schierbaum e Sun-Young Pagh. Enquanto compositora escreve para solistas e ensembles com e sem electrónica em tempo real e para banda magnética. As suas obras têm sido apresentadas na Europa, EUA, Caraibas e China. Foi compositora associada no Fórum de Compositores e Música de Câmara do Leste (EUA) em 1999 e apresentou o seu trabalho no Fórum de Compositores dos Bayreuther Jugendfestspiels 2001. Em 2008 foi convidada para dar uma conferência no Chartered Institute of Linguists, em Londres. Tem duas filhas e vive em Hamburgo na Alemanha.

#UN4SCENE# 2007

É uma performance para um performer, electrónica em tempo real e vídeo em tempo real. O material vídeo pré-gravado que mostra situações ficcionais da “vida real” é desconstruído e reconstruído em quatro cenas: parâmetros como a fala, o movimento e o gesto são extraídos do seu contexto habitual e analisados como parte do processo composicional. Inspirados em técnicas utilizadas na electroacústica e no vídeo, tais como o scratching, looping, síntese granular, etc., estes parâmetros podem então ser combinados ou justapostos para criar uma nova história. No decurso da performance estes processos criam situações ilógicas ou mesmo paradoxais, vazias de motivação.

A tensão está na comunicação entre o performer e o computador, a interacção espontânea que torna cada performance única.

MUSEUM

PARA SOPRANO, ELECTRÓNICA
EM TEMPO REAL E FITA

Museum foi estreada por Frances Lynch na Glockenhaus em Lüneburg em 2000.

“Uma palavra no ventre,
uma palavra respirando em exposição,
Esta é a casa dos inocentes
eles tomaram uma faca e mataram
num espírito
o que nós nunca fizemos
o que nunca podemos fazer
a voz canta,
inútil numa cidade em movimento,
imóvel em cada aurora.

Árida
cantante é a nossa consciência
que não pode saber a canção
mesmo na sua gruta
onde ecoa o nascimento
e reeco e transforma
e é alegria na face iluminada.
Onde uma palavra pulsa na parede
onde a raiz se contorce de sangue e dúvida
uma árvore em chão instável levanta-se
vivendo-se.

Onde a raiz se contorce
onde uma palavra pulsa na parede.”

POEMA DE GUY BARKER



ORQUESTRA DE ALTIFALANTES III

ELECTROACÚSTICA CANADIANA

OBRAS PREMIADAS DO CONCURSO DE COMPOSIÇÃO MÚSICA VIVA 2008

25 SETEMBRO

PEQUENO AUDITÓRIO – SALA EDUARDO COELHO

21H

PROGRAMA

**OBRAS PREMIADAS DO
CONCURSO DE COMPOSIÇÃO
MÚSICA VIVA 2008**

INTERVALO

**OBRAS CANADIANAS
APRESENTADAS POR
ROBERT NORMANDEAU**

ROBERT NORMANDEAU

* LE RENARD ET LA ROSE

CHRISTIAN BOUCHARD

* PARCELLE 2

CHRISTIAN CALON

* OUEST (ATLAS)

ROBERT NORMANDEAU

⊙★ PLUIES NOIRES

CO-ENCOMENDA DA MISO MUSIC PORTUGAL
E DE RÉSEAUX COM O APOIO DO
CONSEIL DES ARTS ET DES LETTRES DU QUÉBEC

PROJECCÃO SONORA
ROBERT NORMANDEAU
MIGUEL AZGUIE

CO-PRODUÇÃO
MISO MUSIC PORTUGAL \ CCB

APOIO
EMBAIXADA DO CANADÁ
RÉSEAUX – QUÉBEC
CONSEIL DES ARTS ET DES LETTRES DU QUÉBEC
LOURISOM

Compositores canadianos em destaque e primeira audição absoluta dos premiados da 9.ª edição do Concurso de Composição Electroacústica Música Viva 2008.

O Concurso de Composição Música Viva tem-se afirmado como um concurso de renome internacional na área da música electroacústica, ano após ano com um número crescente de participantes que ascende actualmente a mais de centena e meia.

Entre os premiados dos últimos anos contam-se alguns dos jovens compositores mais activos da cena internacional e é com particular expectativa que se aguarda para este concerto a revelação de novos talentos. O júri, este ano constituído por Robert Normandeau, Folkmar Hein e Miguel Azguime, seleccionará as três obras que serão estreadas na primeira parte deste concerto.

Para a segunda parte, o festival deu carta branca ao compositor canadiano Robert Normandeau, que nos propõe uma selecção de algumas das suas obras de eleição lado a lado com a sua própria música, destacando-se a estreia de uma nova obra concebida especialmente para a Orquestra de Altifalantes da Miso Music Portugal.

COMPOSITORES E OBRAS

ROBERT NORMANDEAU

Nasceu na cidade do Quebec (Canadá) em 1955. Fez um bacharelato em Composição Electroacústica na Universidade Laval e o mestrado em Composição em Montreal. Posteriormente fez o doutoramento em Composição Electroacústica, tendo trabalhado com Marcelle Deschênes e Francis Dhomont. É membro fundador da Comunidade Electroacústica Canadana (CEC). De 1986 a 1993 foi membro activo da associação para a criação e investigação electroacústica do Quebec (ACREQ) onde produziu a série de concertos Clair de terre no Planetário de Montreal. Em 1991 foi co-fundador de Réseaux, uma organização para a produção de eventos artísticos multimédia.

Obteve diversos prémios em competições internacionais, incluindo Ars Electronica, Linz (Golden Nica), Bourges, Luigi-Russolo, Varèse, Musica Nova, Noroit-Léonce Petitot, Arras, Phonurgia-Nova e Estocolmo. Em 1999 ganhou dois prémios Opus do Conselho de Música do Quebec: Compositor do Ano e Disco do Ano de Música Contemporânea (Figures).

Recebeu encomendas do Centro de Artes The Banff, CKUT-FM, Codes d'Accès / Musiques & Recherches, Jacques Drouin... événements du neuf, Arturo Parra, Museu de Arte Contemporânea de Montreal e Rádio Canadá. Foi compositor residente dos estúdios de Banff, Belfast, Bourges, Mons, GRM e Ohain. É professor na Universidade de Montreal desde 1999.

Recebeu os prémios Masque 2001 e 2005 para a melhor música para teatro, atribuídos pela Academia de Teatro do Quebec.

Escreveu peças instrumentais e mistas, concentrando-se neste momento sobretudo na música acusmática. Mais especificamente, o seu critério estético cria um cinema para o ouvido em que "significado" e "som" se tornam elementos do seu trabalho. Escreve também música para teatro.

Principais obras:

Matrechka, La chambre blanche, Rumeurs (Place de Ransbeck), M'Émoires vives, Jeu, B'Ed... clats de voix, Tropes, Tangram, Spleen, Le renard et la rose, Chat noir, Figures de rhétorique, Venture, Ellipse, Clair de terre.



LE RENARD ET LA ROSE

A ODILE MAGNAN

Le renard et la rose (A raposa e a rosa) é uma suite de concerto composta por duas fontes sonoras: a música encomendada para uma adaptação radiofónica do livro *O Príncipezinho* de Antoine de Saint-Exupéry (produção de Odile Magnan para a Radio-Canada em 1994) e as vozes dos actores que colaboraram nessa gravação.

É a terceira peça de um ciclo iniciado em 1991 e é baseada exclusivamente na utilização da voz; especificamente em onomatopeias, que são a única forma de linguagem humana que corresponde directamente aos objectos, gestos ou sentimentos designados com sons, em vez da representação abstracta das palavras.

Em cada uma das cinco partes um estado ou sentimento é associado a uma trama sonora: murmúrios e ritmo, nostalgia e nota, raiva e dinâmica, aborrecimento e espaço, serenidade e textura. Os temas associados às personagens estão ordenados cronologicamente: o Rei, o Homem de Negócios, o Homem Vaidoso, o Bando de Pássaros Selvagens, o Poço no Deserto, a Rosa, os Baobabs, o Acendedor de Candeiros, a Pequena Flor, a Vendedora de Comprimidos para saciar a sede, a Raposa e o Geógrafo.

As vozes das personagens são de Pierre Bourgault, Françoise Davoine, Cynthia Dubois, Michel Dumont, Gilles Dupuis, Luc Durand, Monique Giroux, Jacques Languirand, Jean Marchand, Jean-Louis Millette, Guy Nadon, Martin Pensa, Gérard Poirier, Claude Préfontaine e Christine Séguin.

Le renard et la rose foi composta no estúdio do autor com o apoio de uma bolsa dos Conselho das Artes e das Letras do Quebec. O trabalho foi uma encomenda do The Banff Centre for the Arts para a Conferência Internacional de Música por Computador de 1995, que foi financiada pelo Conselho Canadano das Artes. Foi estreada em 1995 no Banff Centre for the Arts. Ganhou o Golden Nica no Concurso Ars Electronica de 1996. Foi gravada diversas vezes.

© 1995 NORMANDEAU (SOCAN)

PLUIES NOIRES

"Inspirada na peça de teatro Blasted de Sarah Kane para a qual compus a música na encenação de Brigitte Haentjens, o título refere-se aos subtítulos da peça que pontuam esta obra: *Spring Rain, Summer Rain, Fall Rain e Winter Rain*. No entanto, todas estas chuvas não conseguem limpar a escuridão do

homem em guerra, especialmente a da Bósnia, à qual a peça se refere explicitamente.

Pluies Noires (Chuvas Negras) foi composta no estúdio do autor. Saxofone barítono: Ida Toninato. A obra é uma encomenda da Miso Music Portugal e de Réseaux (Quebeque). Foi produzida com o apoio financeiro do Conselho das Artes e Letras do Quebeque e em co-produção com a Miso Music Portugal.”

© 2008 NORMANDEAU (SOCAN)



CHRISTIAN BOUCHARD

Depois de completar os estudos universitários de guitarra fez a sua primeira gravação em 1995, *Factotum*, dedicada à guitarra preparada. Na mesma época colaborou na produção de programas de rádio que contam com as suas primeiras incursões pela electroacústica. Um ano mais tarde entrou no Conservatório de Música de Montreal. Completou o mestrado, tendo estudado com Yves Daoust, e recebeu o Prémio em Composição Electroacústica.

Foi distinguido diversas vezes, nomeadamente no Concurso da Fundação SOCAN para Jovens Compositores, o Concurso Jeu de Temps/Times Play da Comunidade Electroacústica do Canadá, o Concurso Métamorphoses 2002. A sua música foi difundida no Canadá e no estrangeiro e pode ser ouvida em filmes e instalações.

Bouchard trabalha também como técnico de som e designer de som para cinema e vídeo.



PARCELLE 2

Parcelles 2 (Fragmentos 2) foi realizada em 2003 no estúdio pessoal do compositor em Montreal e estreada na série de concertos Rien à Voir, organizada por Réseaux em Montreal, no espaço GO. *Parcelles 2* foi encomendada por Réseaux com o apoio do Conselho das Artes e Letras do Quebeque. Agradecimentos a Rachmiel, Timothy Lamb e Polimorf pelos instrumentos Reaktor.

CHRISTIAN CALON

“A dimensão arquitectónica do som e uma reflexão sobre processos narrativos são os principais focos do meu trabalho, presentemente centrado em ideias de Tempo, presença e transformação. Através de diversas formas, incluindo instalações sonoras no espaço, peças acusmáticas ou radiofónicas, as minhas obras mais recentes exploram a modalidade do audível e da experiência de escuta. O Espaço, sobre o que se centra a minha reflexão, tornou-se hoje uma forma essencial para chegar ao Tempo.

A trabalhar na Europa desde 1990, fui nomeado para a direcção do GMEM em 1991. Em 1995-1996 fui um dos artistas apoiados pela DAAD para uma residência em Berlim. Desde então, resido nesta cidade e trabalho como artista freelance. Produzi os seguintes trabalhos: *The Standing Man*, instalação-performance para espaços sonoros tridimensionais; *Die Zimmer der Erinnerung*, ensaio ficcional para rádio sobre textos de Marcel Proust e *The Ulysses Project* para vozes e projecção sonora multipistas. Foi distinguido com diversos prémios internacionais e o meu mais recente trabalho venceu o Prémio Lynch-Staunton.”

Tem um CD monográfico e obras em diversas colecções e antologias nas etiquetas CEC, empreintes DIGITales, Radio Canada, entre outras.

QUEST (ATLAS)

Encomenda do Réseaux des Arts Médiatiques com o apoio do Conselho das Artes do Canadá e estreada a 4 de Novembro de 2006 no Festival Akousma organizado por Réseaux no Studio Hydro-Wuébec – Monumento Nacional.

A composição desta peça foi inspirada em gravações de sons de instrumentos tradicionais de uma vasta área à volta da Índia, uma parte da Ásia Oriental entre o oceano Pacífico e o Índico.

Quest é parte do ciclo *Atlas*.

QUINTETO DIAPHONIA

QUINTETO DE SOPROS

26 SETEMBRO
SALA DE ENSAIO
19H

PROGRAMA

FREDERICO DE FREITAS
PENTAFONIA

JOÃO MADUREIRA
WANDERUNG

IVAN MOODY
☉ ZEFIRO CON UCCELLI

GYÖRGY LIGETI
10 PEÇAS PARA QUINTETO DE SOPROS

CHRISTOPHER BOCHMANN
3 BAGATELAS

FERNANDO LOPES-GRAÇA
SETE LEMBRANÇAS PARA VIEIRA DA SILVA

FLAUTA **NATÁLIA MONTEIRO**
OBOÉ **DAVID COSTA**
CLARINETE **SAMUEL PASCOAL**
TROMPA **THOMAS GOMES**
FAGOTE **TIAGO PARAÍSO**

CO-PRODUÇÃO
MISO MUSIC PORTUGAL / CCB

Com o Quinteto Diaphonia, constituído por instrumentistas da nova geração mas já com um lugar de relevo no nosso panorama musical, o Festival Música Viva propõe mais um programa de destaque para a música nacional. Neste programa do Quinteto Diaphonia salientam-se as obras de Frederico de Freitas, de Fernando Lopes-Graça e de João Madureira que constituem marcos importantes no repertório português do século XX e que mostram claramente a evolução da nossa música ao longo de várias décadas. Serão também apresentadas obras de dois compositores que escolheram Portugal para residir e que são indissociáveis da música portuguesa da actualidade, Christopher Bochmann e Ivan Moody (a peça *Zefiro con Uccelli* terá aqui a sua estreia mundial). Finalmente de Gyorgy Ligeti, um dos compositores que mais influenciou a nova geração de compositores e cuja música é uma referência para a criação musical actual, serão interpretadas as *Dez Peças para Quinteto de Sopros*, obra emblemática para esta formação instrumental.

QUINTETO DIAPHONIA

Foi fundado em 2000 quando os seus membros eram ainda alunos da Escola Superior de Música de Lisboa – ESML. Nesta mesma escola frequentaram as classes de Música de Câmara dos professores Nuno Inácio e Olga Prats, que terminaram com a classificação final de 20 valores.

Em Julho de 2001 participou nos IV Cursos de Música de Verão em Santa Maria da Feira com os elementos do Quinteto de Sopros da Filarmónica de Berlim.

Em 2002 o quinteto integrou a orquestra da peça de teatro Peer Gynt de Ibsen, numa produção do Teatro Aberto, com encenação de João Lourenço, direcção musical de João Paulo Santos e música de Eurico Carrapatoso.

Em Março de 2002 participou numa *master-class* de Música de Câmara promovido pela Escola Superior de Música de Lisboa com a professora Mariana Jacobs.

Em Julho de 2003 venceu o 2.º Prémio em Música de Câmara – Nível Superior, do 17.º Prémio Jovens Músicos – RDP.

Contando com um percurso musical de reconhecido mérito, o Quinteto Diaphonia tem realizado desde a sua formação diversos concertos em Portugal e França. Este programa é especialmente dedicado aos compositores portugueses ou residentes em Portugal, passando por vários estilos e correntes dos últimos 50 anos. Temos ainda uma pequena incursão pelas *Dez Peças* de Ligeti, obra de referência da escrita do século XX para quinteto de sopros.



FREDERICO DE FREITAS

Frederico Guedes de Freitas nasceu em Lisboa em 1902. Inicialmente estudou com sua mãe, tendo ingressado com 13 anos no Conservatório Nacional. As primeiras composições do seu catálogo datam de 1922, merecendo nesta fase destaque o *Poema sobre Uma Écloga de Virgílio* para orquestra de cordas.

Paralelamente à actividade de compositor, Frederico de Freitas desenvolveu também a carreira de professor no ensino secundário. No entanto, a sua imagem consolidou-se junto do grande público graças ao seu eclectismo, que lhe permitia escrever não só obras como a *Suite Africana* ou o *Quarteto Concertante*, mas também uma vasta galeria de canções ligeiras, que permaneceram desde então no imaginário popular nacional.

Em 1935, Frederico de Freitas entrou para a Emissora Nacional como chefe de orquestra, passando desde então a assumir uma posição de destaque em eventos musicais organizados pelo Governo do Estado Novo. Em 1940 escreveu uma *Missa Solene* para vozes solistas, coro e orquestra e o *Auto de D. Afonso Henriques*, ambas estreadas no âmbito das Duplas Comemorações do Oitavo Centenário da Fundação da Nacionalidade e do Terceiro Centenário da Restauração da Independência.

A carreira de maestro, a que se entregara com afinco, foi reconhecida também a nível internacional, o que fez com que Frederico de Freitas fosse regularmente convidado para dirigir orquestras estrangeiras.

De entre as obras mais tardias assumem especial importância *D. João e as Sombras* (1960), a sinfonia *Os Jerónimos* (1962), a *Fantasia Concertante* (1969) e a *Farsa de Inês Pereira* (1979), esta última completada após a morte de Frederico de Freitas por Manuel Faria.

PENTAFONIA

“Para quinteto de sopro, é uma pequena peça que, tudo leva a crer, Frederico de Freitas terá composto nos últimos anos da sua vida.

Ao cimo da primeira página do manuscrito descoberto pela sua filha, a compositora Elvira de Freitas, ressaltam imediatamente as quatro formas da série dodecafónica em que a obra se baseia. Esta é a primeira surpresa que se nos depara, tanto maior quanto é conhecido o alheamento sempre demonstrado pelo compositor relativamente a esta técnica de escrita.

Uma análise mais pormenorizada começa a revelar-nos um aproveitamento muito flexível das possibilidades da série, ora exposta na íntegra, ora fragmentada em pequenos motivos rítmicos e melódicos que se transformam, desenvolvem e retomam os padrões originais. Rigor e liberdade alternam num discurso de grande clareza e fluência, dominado pela coerência intervalar e pela variabilidade das tessituras, mercê de um sábio recurso às transposições das várias modalidades da série.

Obra essencialmente polifónica, *Pentafonia* apresenta-se como um fugato livre, originando secções canónicas com uso abundante de motivos contrários e alterações de valores. Assinala-se ainda a métrica irregular e instável, elemento de primordial importância na elaboração do fraseado.

Afastando-se deliberadamente de quaisquer dogmatismos académicos, Frederico de Freitas demonstra aqui um surpreendente domínio das técnicas dodecafónicas, que não deixaria certamente de se reflectir na sua produção futura.”

FILIPE PIRES

JOÃO MADUREIRA

Nasceu em Lisboa em 1971. Iniciou os seus estudos musicais na Academia dos Amadores de Música, tendo posteriormente estudado com Nuno Vieira de Almeida e Christopher Bochmann. Em 1990 ingressou no Curso Superior de Composição da Escola Superior de Música de Lisboa, onde foi aluno, entre outros, de António Pinho Vargas e Christopher Bochmann. Frequentou a Facultät Kunst, Media & Technologie da Hogeschool voor de kunsten Utrecht (Holanda) como bolseiro do Programa Erasmus. Estudou com Franco Donatoni na Accademia Musicale Chigiana de Siena em 1995.

Ingressou em 1997 no curso superior de Composição da Escola Superior de Música de Colónia, onde foi aluno de York Höller, curso que concluiu em Fevereiro

de 2000. Foi durante este período bolseiro do Centro Nacional de Cultura. Participou no atelier de composição em Villeneuve-les-Avignon, organizado pelo Centre Acanthes 2000/Ircam e integrado nas iniciativas do Festival de Avignon, onde teve a oportunidade de trabalhar com Jonathan Harvey, Michael Jarrell, Ivan Fedele e Magnus Lindberg. Actualmente trabalha sob orientação do compositor Ivan Fedele. Em Outubro de 1998 recebeu o Prémio ACARTE/Maria Madalena Azeredo Perdigão (Fundação Gulbenkian) *ex-aequo* com o compositor Carlos Caires pelo concerto *Melodrama*, estreado no Centro Cultural de Belém. Em Novembro de 2002 participou como compositor no Simpósio de Música Contemporânea realizado em Castelo Branco e em Março de 2003 no Workshop de Jovens Compositores Portugueses da Orquestra Gulbenkian.

É professor na Escola Superior de Música de Lisboa, no curso de Composição.



WANDERUNG

“*Wanderung* foi composto em 1999, quando estudei em Colónia com York Höller. O título – *viagem* ou *peregrinação* em alemão – procura exprimir a experiência subjectiva que é a reconstituição do passado de cada um.

A repetição dos mesmos motivos musicais, que são constantemente reconstruídos e reordenados, confere à peça a sua forma labiríntica: quadros do passado são continuamente revisitados, constituindo-se, assim – de forma definitivamente provisória (?) – o seu sentido.”

JOÃO MADUREIRA

IVAN MOODY

Nasceu em Londres em 1964. Estudou composição com Brian Dennis na Universidade de Londres e a nível privado com Sir John Tavener. Posteriormente, estudou Teologia Ortodoxa através do Centro de Educação Superior da Universidade de Joensuu, Finlândia, e actualmente prossegue estudos de pós-graduação com William Brooks na Universidade de York.

O canto litúrgico oriental teve uma profunda influência na sua música, bem como a espiritualidade da Igreja Ortodoxa, à qual pertence. A sua música tem sido tocada por toda a Europa, no Japão, EUA e América do Sul. Após o êxito de *Canticum Canticorum I*, escrito para o Hilliard Ensemble e apresentado em todo o mundo, em 1990 Moody ganhou o Prémio Arts for the Earth Festival com a obra *Prayer for the Forests*, que foi estreada pelo Coro Tapiola na Finlândia.

Uma das suas obras mais importantes é a oratória *Passion and Resurrection*, baseada em textos litúrgicos ortodoxos. A primeira audição desta peça foi em Junho de 1993, executada por Red Byrd e o Coro de Câmara Filarmónico da Estónia, sob a direcção de Tõnu Kaljuste no Festival de Tampere, onde foi gravada pela Rádio Finlandesa.

Escreve regularmente para a *Gramophone*, *International Record Review* e *Goldberg* e publicou artigos na *Contact*, *Composer*, *Musical Times*, *Contemporary Music Review*, *Anuário Musical*, *Revista Portuguesa de Musicologia*, *Plainsong*, *Mediaeval Music*, *Jacob's Well* e *Tempo*.

Colaborou na revisão da última edição do *The New Grove Dictionary of Music* e é coordenador da série *Musical Archive Publications* da Harwood Academic Publishers.

Moody tem colaborado regularmente com festivais internacionais de música, incluindo os festivais de Tampere e Turku (Finlândia), Juiz de Fora (Brasil), Holland Festival Oude Muziek (Utrecht), as Jornadas de Música Antiga Gulbenkian (Lisboa), o Hilliard Summer Festival (Cambridge) e os festivais Almeida e Spitalfields (Londres).



ZEFIRO CON UCCELLI

"Zeffiro con Uccelli (2005) deve o seu título a uma experiência que tive quando viajei para a Itália para assistir à estreia da minha obra *Passione Popolare*: nos anexos da bellissima Abadia de Staffarda havia andorinhas a nidificar, mas faltava os zéfiros. O desejo de que voltassem e refrescassem o calor totalmente parado desse dia está encapsulado na citação lentíssima do *Zeffiro*, torna de Monteverdi que fornece o material básico da obra. A obra está ligada a *Linnunlaulu*, peça inspirada no canto dos pássaros de uma floresta finlandesa, na medida em que o notável oboísta Aldo Salvetti, que me pediu esta obra nova, tinha tocado na estreia de *Linnunlaulu*, transferindo assim a ligação ornitológica para a zona mediterrânea."

IVAN MOODY

GYÖRGY LIGETI

Nasceu em 1923 e morreu em 2006. Era filho de pais húngaros de origem judaica. Estudou no Conservatório de Klausenburg com Ferenc Farkas, de 1941 a 1943, e depois, de 1945 a 1949, na Academia Franz Liszt em Budapeste com Ferenc Farkas, Sándor Veress, Pál Járdanyi e Lajos Bárdos. Desenvolveu muito jovem a "micropolifonia", que mais tarde se tornaria numa das mais marcantes características da sua música. Nas suas primeiras peças, tal como na peça *Éjszaka – Reggel* ou em *Apparitions*, este seu estilo é já claramente visível. Em Dezembro de 1956, depois da revolução húngara, abandona a sua terra-natal por razões artísticas e políticas. Durante o seu trabalho como *free-lancer* nos estúdios de electrónica da West German Radio em Colónia (1957-1958), estuda aprofundadamente a música de Karlheinz Stockhausen, Mauricio Kagel e Pierre Boulez, que influenciaram a sua expressão musical no trabalho *Artikulation* (1958). Esta, bem como *Atmosphères* para grande orquestra (composta em 1961), valeram a Ligeti o imediato reconhecimento na cena musical mundial. Uma longa experiência internacional no campo do ensino conduziu-o a Hamburg Musikhochschule como professor de composição (1973-1989). Concretizando uma ideia que o inquietava há algum tempo, Ligeti concebeu um primeiro trabalho de palco de longa-duração, *Le Grand Macabre* (1974-1977) inspirado numa fábula de Michel de Ghelderode.

A técnica de composição polirrítmica e complexa de Ligeti compõem a base dos trabalhos escritos nas décadas de 1980 e 1990 (como *Études pour Piano*, que começou a compor em 1985, *Concerto for Piano and*

Orchestra, composta entre 1985 e 1988, *Concerto for Violin and Orchestra*, escrito de 1990 a 1992, e *Sonata for Viola Solo*, de 1991-1994). Inúmeros prêmios e distinções constituem as provas de uma alta estima consensual em torno da sua obra, sendo reconhecido também enquanto professor e mentor de toda uma geração de compositores.



10 PEÇAS PARA QUINTETO DE SOPROS

“A exploração de sonoridades e possibilidades acústicas é central nas *Dez peças para quinteto de Sopros* de György Ligeti, que são escritas em 1968 para o Quinteto de Sopros da Orquestra Filarmónica de Estocolmo. O espectro sonoro do quinteto é aqui ampliado pelo uso de instrumentos adicionais, cujo uso resulta numa ainda mais brilhante sonoridade. O flautista começa por tocar flauta alto, depois flauta e, finalmente (na nona e décima peça), *piccolo*. O oboísta inicia com o corne inglês e *oboé d'amor*, sendo omitido por completo na quarta e quinta peças para aparecer (em oboé) com grande efeito na sexta peça. A nona peça usa apenas o oboé, o clarinete e o piccolo, todos no registo agudo e em fortissimo, o que acentua o efeito do solo de fagote na décima peça. Toda a obra revela uma escrita mais que se assemelha a uma coreografia musical, sem um enredo específico. Isto é visível pelas inúmeras indicações de carácter (como miniccioso e lurlesco ou leggiero e virtuoso). O ciclo exige uma grande virtuosidade num novo e brilhante estilo que é deslumbrante na sua límpida rapidez, alternando muitas vezes entre os motivos velozes e os estáticos. Isto é também evidente na forma. Andamentos de conjunto, maioritariamente de carácter estático, são geralmente seguidos de andamentos curtos, altamente virtuosísticos, como um ‘concerto miniatura’ onde os instrumentos são solistas alternadamente. Nestes, Ligeti procura todas as sonoridades e capacidades dos instrumentos em questão e aproxima-se dos limites do tecnicamente possível. Esta obra continua a ser um dos grandes desafios no repertório de um quinteto de sopros.”

DAVID COSTA

CHRISTOPHER BOCHMANN

Formou-se em composição pela Universidade de Oxford como aluno de David Lumsden, Kenneth Leighton e Robert Sherlaw Johnson. Em 1999 obteve o grau de D. Mus. (doutoramento em composição) pela mesma universidade. Estudou também com Nadia Boulanger em Paris e com Richard Rodney Bennett em Londres.

Leccionou em várias escolas na Inglaterra, entre as quais a Escola Yehudi Menuhin. Passou dois anos como professor da Escola de Música de Brasília.

Trabalha em Portugal desde 1980. Leccionou em várias escolas na área de Lisboa, nomeadamente no Instituto Gregoriano de Lisboa e no Conservatório Nacional. Durante seis anos foi director da Escola Superior de Música de Lisboa, onde também coordenou o curso de composição de 1990 a 2006. Desde 2006 é professor catedrático convidado da Universidade de Évora. É maestro titular da Orquestra Sinfónica Juvenil desde 1984, com a qual gravou dois CD da sua própria música. Em 2004 foi-lhe atribuído a Medalha de Mérito Cultural do Ministério da Cultura. E em 2005 foi agraciado pela rainha Isabel II com a condecoração OBE.

As suas composições abrangem quase todos os géneros musicais, desde a música para solistas à música orquestral, da música de câmara à música coral, para além de inúmeras orquestrações e arranjos.

TRÊS BAGATELAS

“Escrevi as *Três Bagatelas para Quinteto de Soprano* em Novembro de 1971 quando tinha 21 anos. É das obras mais antigas que considero já não ser de um ‘período de estudante’. A forma deve muito às *Três Peças op. 11* de Webern que eu tocava na altura, enquanto a linguagem talvez deva mais ao Harrison Birtwistle, que era um dos ídolos na Inglaterra nesses anos.

São três miniaturas de uma duração tão curta que não permitem desenvolvimento. A primeira é a única que apresenta contrastes de material. A segunda é rápida mas dissolve rapidamente num gesto gasto de ostinato. O terceiro é tão lento que dificilmente se reconhecem as relações proporcionais entre notas.

Num instante acabou tudo.

As *Bagatelas* foram estreadas muito depois, em 1984, em Brasília.”

CHRISTOPHER BOCHMANN



FERNANDO LOPES-GRAÇA

Compositor e musicólogo português, nasceu a 17 de Dezembro de 1906 em Tomar. Estudou em Coimbra no Conservatório Nacional e apresentou-se pela primeira vez como compositor em 1929 com as *Variações sobre Um Tema Popular Português para piano e Poemeto para orquestra de cordas*.

De 1932 a 1936 esteve em Coimbra onde colaborou com o grupo literário da Presença. Partiu no ano seguinte para Paris, onde frequentou a cadeira de Musicologia da Sorbonne. É nesta altura que se deu no seu estilo a viragem decisiva no sentido de uma orientação de timbre nacionalista, com o aproveitamento e a elaboração, na sua linguagem, dos elementos harmónicos, melódicos e rítmicos do folclore português.

Em 1939 regressou a Lisboa, exercendo uma intensa actividade como compositor, crítico, pianista, publicista, conferencista, organizador e regente de coros populares, e no ano seguinte recebeu o Prémio de Composição do Círculo da Cultura Musical, com o 1.º Concerto para Piano e Orquestra, prémio que voltou a conquistar também em 1942, 1944 e 1952. Em 1942 fundou uma organização de concertos de música moderna intitulada "Sonata", criando em 1951 a revista *Gazeta Musical*.

A sua orientação nacionalista reafirmou-se e amadureceu em obras como a *Suite Rústica* (para orquestra, sobre melodias tradicionais portuguesas), os *Cinco Velhos Romances Portugueses* (para pequena orquestra), as *Nove Canções Populares Portuguesas* (para voz e orquestra), os *Natais Portugueses* e *Melodias Rústicas Portuguesas* (para piano), além de numerosos ciclos de harmonizações de canções populares, para voz e piano e para coro a capella.

TEXTO DISPONÍVEL NA ENCICLOPÉDIA LUSO-BRASILEIRA



SETE LEMBRANÇAS PARA VIEIRA DA SILVA

“São sete peças que o compositor dedica à pintora Vieira da Silva, não havendo indicação de algum quadro específico.

Cada uma das lembranças tem um estilo característico; com andamentos maioritariamente lentos e moderados, as sete pequenas peças têm todas em comum um ambiente nostálgico a que o título se refere. Efectivamente não se trata de uma elegia ou dedicatória, mas sim de lembranças, como que a invocarem momentos passados lembrados pelo compositor. De elevada complexidade estilística, as *Sete Lembranças* são uma das mais interessantes do repertório português do século XX para quinteto de sopros.

Nas primeiras peças o uso de mudanças de andamento e principalmente o uso de *Accelerandos* e *ritenutos* revelam como que uma memória muito romantizada, mais distante. A quarta lembrança é a mais *cantabile* de todas, usa uma forma base clássica de melodia/acompanhamento, mas com uma distorção característica de Lopes-Graça não só nas harmonias, mas principalmente pelos ritmos e compassos utilizados. Na quinta lembrança o ambiente muda radicalmente sendo a lembrança mais angustiada e tempestuosa de todas. A sexta é no estilo das primeiras e a última acaba com uma alegre melodia, como se no fim de tudo as lembranças sejam de paz e esperança.”

DAVID COSTA

CRASH ENSEMBLE

ROCKERS

26 SETEMBRO

PEQUENO AUDITÓRIO – SALA EDUARDO PRADO COELHO

21H

O Crash Ensemble é conhecido pela força dos seus espectáculos e foi já descrito como “o ensemble de música contemporânea que toca com a energia e o espírito de uma banda rock” (*New York Times*, Março 2007).

Fundado em 1997 pelo compositor Donnacha Dennehy, pelo pianista e maestro Andrew Synott e pelo clarinetista Michael Seaver, o Crash Ensemble conseguiu desde a primeira hora uma recepção entusiástica em grande parte devido à convincente mistura entre música, vídeo e electrónica. O grupo assenta numa abordagem pluridisciplinar onde técnicos, músicos e artistas plásticos são membros activos de pleno direito, conferindo aos seus espectáculos uma energia contagiante.

A escolha do programa para este concerto obedece às linhas condutoras do grupo, com propostas interactivas e multimédia que exigirão, inclusive, a colaboração do público e de onde sobressai a presença da música irlandesa a par de peças de Paulo Ferreira-Lopes e de Philip Glass.

PROGRAMA

DONNACHA DENNEHY

STREETWALKER *

JOHN GODFREY

ARIA 51

(PIANO E 5 VOLUNTÁRIOS ANÓNIMOS) *

JOHN MCLACHLAN

WONDER ☉★

ENCOMENDA DA MISO MUSIC PORTUGAL
COM O APOIO DO IRISH ARTS COUNCIL

INTERVALO

PAULO FERREIRA-LOPES

SCHLAF DER SCHATTEN *

EVAN ZIPORYN

KEYBYAR MAYA *

PHILIP GLASS

MUSIC IN SIMILAR MOTION *

VÍDEO DE **SIMON DOYLE**

DIRECÇÃO **DONNACHA DENNEHY**

CLARINETE **PAUL ROE**

VIOLONCELO **KATE ELLIS**

PERCUSSÃO **OWEN GUNNELL**

GUITARRA ELÉCTRICA \ SINTETIZADOR **JOHN GODFREY**

BAIXO ELÉCTRICO \ CONTRABAIXO **MALACHY ROBINSON**

PIANO \ SINTETIZADOR **ANDREW ZOLINSKY**

TÉCNICO DE SOM **JIMMY EADIE**

CO-PRODUÇÃO

MISO MUSIC PORTUGAL \ CCB

APOIOS

CULTURE IRELAND \ AIC \ ARTS COUNCILL

INTÉRPRETES

CRASH ENSEMBLE

Foi fundado em 1997 pelo compositor Donnacha Dennehy, o maestro e pianista Andrew Synott e pelo clarinetista Michael Seaver. Desde a sua estreia num concerto esgotado em Dublin no Outono de 1997, o grupo tem atraído plateias aliciadas pela sua mistura única de música, vídeo e electrónica. O grupo tem uma visão interdisciplinar e considera os seus engenheiros de som, técnicos e videastas parte integrante da organização, a par com os músicos. O Crash trabalhou com alguns dos mais relevantes nomes da música contemporânea, como Terry Riley e Steve Reich, e tem atravessado o mundo com o intuito de promover a música irlandesa. Em 2008, tem apresentações marcadas para a Irlanda, Austrália, Portugal e EUA.

Para conhecer as actividades do Crash pode inscrever-se na mailing list em www.crashensemble.com. O Crash Ensemble no Festival Música Viva 2008 é apoiado por Culture Ireland e pela Associação Irlandesa de Compositores.

“a banda de nova música irlandesa que toca com a energia e o espírito de um grupo de rock”

NEW YORK TIMES, MARÇO 2007



COMPOSITORES E OBRAS

DONNACHA DENNEHY

Tem recebido encomendas da BBC, WNYC (Rádio pública de Nova Iorque), RTE, Fundos de Amesterdão para a Cultura, o Conselho das Artes de Inglaterra e da Irlanda e de vários ensembles.

A sua obra foi tocada por diversos intérpretes, de que se destacam Bang On A Can All-Stars, Crash Ensemble, Electra, London Sinfonietta, Grupo de Percussão de Haia, Quarteto de Saxofones Prism e San Francisco Contemporary Music Players, entre outros. Colaborou ainda com videastas e coreógrafos, como Yoshiko Chuma, Shobana Jeyasingh e John Gerrard.

Estudou composição no Trinity College de Dublin e na Universidade de Illinois. Continuou os seus estudos em Música Electrónica em Haia e no IRCAM em Paris. Actualmente é conferencista no Trinity College de Dublin.

Fundou o Crash Ensemble em 1997, de forma a concentrar-se na pesquisa sobre a música com novíssimos multimédia. Para o concerto de estreia do Crash Ensemble, escreveu *Junk Box Fraud*.

O seu trabalho já foi apresentado nos festivais ISCM World Music Days, Bang On A Can em Nova Iorque, Festival Sonic Evolutions no Lincoln Center, Wien Modern, EXPO 2000, Último Festival em Oslo, Festival Internacional de Música de Bath, Saarbrücken Festival, Fuse Leeds, Festival Gaudeamus em Amesterdão e State of the Nation no South Bank.

As suas estreias mais recentes incluem *HIVE*, encomendada pela BBC Radio3 para a Orquestra do Ulster e o Coro de Câmara Nacional da Irlanda; *Elastic Harmonic*, encomendada pela RTE para uma estreia televisiva pela National Symphony Orchestra e Ioana Petcu-Colan.

As encomendas mais recentes incluem obras para Iarla O'Lionard e o Crash Ensemble, para o Ensemble Icebreaker de Inglaterra e para o Erepijs Ensemble da Holanda.

Estão planeadas edições dos seus trabalhos em Amesterdão e Nova Iorque, e foi lançado em 2007 um CD monográfico pela NMC.



STREETWALKER

"Fascina-me uma certa energia urbana que mistura preocupações intelectuais com atitudes e sons da cultura popular da rua. Sou mesmo assim. Ao escrever esta peça tinha em mente a imagem de passar em velocidade por ruas de prédios. Há movimentos largos de mudança dinâmica, tais como colapsos de registo e harmonia, que se reconstituem para formar novas áreas de foco, mas que acontecem por vezes por interpolação, por passos progressivos, quase estáticos. Outra imagem de que muitas vezes me lembrava era os choques de carros que embatem no Chrysler Building no *Cremaster 3* de Matthew Barney. Este processo repetitivo e estático produz um resultado muito dinâmico, embora pouco seguro! Em termos rítmicos, utilizo uma técnica a que gosto de chamar "oscilação elástica", em que a relação de dois padrões num ciclo está sempre em mutação. Esta técnica aparece na sua forma mais pura a meio da peça.

Streetwalker foi encomendada pela rádio nova-iorquina WNYC para o Bank On A Can All-Stars."

DONNACHA DENNEHY

JOHN GODFREY

É compositor, performer e conferencista na área da nova música na National University da Irlanda. As duas obras e arranjos têm sido tocados por todo o mundo e gravados em CD. Tendo inicialmente grande influência da escola de Haia, Godfrey centra agora a sua atenção na música experimental e baseada na improvisação, muitas vezes com electrónica em tempo real e interactiva. Desenvolve *software* para composição com a linguagem Max/MSP.

Apresenta obras pré-compostas, improvisadas e semi-improvisadas, em piano/teclados e guitarra eléctrica.

Fundou o grupo Icebreaker, de que foi director musical até 1997, dedicado à música contemporânea com amplificação.

Em 1997 juntou-se ao Crash Ensemble, com quem viajou por todo o mundo e gravou diversos CD. Apresenta-se também noutros contextos, incluindo o colectivo de improvisação The Quiet Club.

Tem organizado diversas iniciativas dedicadas à nova música na área de Cork, incluindo dois festivais em 1997 e 1998.

Em 2008 promove o Festival de Música Experimental e fundou um novo grupo profissional dedicado a este género musical.



ARIA 51

"*Aria 51* é uma versão em pequena escala de outra obra: *Aria Dreaming*, que escrevi na Austrália. Estava particularmente encantado com os mitos aborígenes acerca do sonho, em que o mundo tangível apareceu quando os povos-espírito do mundo intangível – e os animais – puseram nele a sua essência. Há aqui uma bela imagem de algo fantasmagórico e etéreo que se torna sólido – focado – num determinado ponto, mas apenas como um icebergue cujo foco está apenas na pequena parte visível.

Também tinha em mente uma visão algo irreverente das instituições da nossa música de autor: no *hall* de qualquer uma destas escolas podemos ser imergidos no som e na fúria de tribos de jovens músicos, num incessante labor sobre o repertório da nossa Grande Tradição. *Aria 51* pode assemelhar-se a um momento surreal de escuta num *hall* entre várias salas de estudo, onde está, em cada uma, um pianista que tenta aprender a *Sonata op. 110* de Beethoven. As partes de banda foram criadas por um pianista que gravou várias interpretações da mesma obra. Foram deliberadamente gravadas com baixa qualidade; os leitores da banda magnética são espalhados ao acaso entre o público e tocam muito baixo.

Já agora, o título faz também referência a "Área 52", a base aérea norte-americana que supostamente esconde OVNIS."

JOHN GODFREY

JOHN MCLACHLAN

Nasceu em Dublin, onde estudou na Royal Irish Academy of Music e no Trinity College de Dublin, tendo estudado ainda com Kevin Volans.

As suas obras abrangem desde a música de câmara à música orquestral e têm sido tocadas em 14 países de quatro continentes e radiodifundidas em seis canais de rádio nacionais.

Foi apresentado pela National Symphony Orchestra com a série Horizons, pelo National Concert Hall na série Composer's Choice e representou a Irlanda nos

Festivais da ISCM na Eslovénia e na Croácia, assim como no National Arts Festival na África do Sul. Recebeu encomendas do National Concert Hall, da National Symphony Orchestra, do Concurso Internacional de Piano de Dublin e da Music Network. É conhecido como difusor e escritor sobre música contemporânea, escrevendo regularmente no *Journal of Music* da Irlanda. Tem um doutoramento do Trinity College de Dublin. Actualmente é director executivo da Associação Irlandesa de Compositores. É membro da Aosdána, Academia Irlandesa para Artistas financiada pelo Estado.



WONDER

“Um profundo gosto pela poesia, pela arte e especialmente pela natureza exigem-nos uma disposição aberta para um estado de maravilha. Depois de escrever nos meses de Inverno um trio com piano escuro, rápido e acidentado, intitulado *Extraordinary Rendition*, na Primavera iniciei a escrita da minha peça mais simples até hoje. Todas as conceptualizações iniciais para *Wonder* ocorreram na praia de Culdaff, em Donegal. *Wonder* é uma encomenda do Festival Música Viva 2008 para o Crash Ensemble.”

JOHN MCLACHLAN

PAULO FERREIRA-LOPES

VER BIOGRAFIA PÁG. 28

SCHLAF DER SCHATTEN

“*Schlaf der Schatten* é a sexta de um ciclo de seis peças para música de câmara. Este ciclo – *Nezach* – tem como características comuns a todas as peças, três aspectos principais:

- a disposição dos instrumentos, quer no palco quer na sala de concerto, os quais têm um posicionamen-

to especial, que é diferente em cada uma das peças, permitindo assim localizar espacialmente cada um dos instrumentos ou grupo de instrumentos;

- o efectivo instrumental, que muito embora sendo diferente em cada uma das peças, uma formação nuclear mantém-se sempre ao longo de todas elas (o piano, o clarinete e o violoncelo);
- em todas as peças, o tipo de escrita é preponderantemente solística.

Relativamente a *Schlaf der Schatten*, muito embora todos os instrumentos se encontrem dispostos no palco, havendo portanto uma difusão quase que frontal do som relativamente ao público, o trabalho de localização espacial dos instrumentos é realizado através do tratamento rítmico de cada um dos instrumentos. Assim, cada um dos instrumentos é escrito praticamente ao longo de toda a peça com um tempo diferente, o que lhe confere uma espécie de geografia única, consubstanciada pelo trabalho de composição ao nível de certos registos. O trabalho de composição centra-se assim em torno de interpelações constantes entre cada um dos instrumentos, que no caso desta peça é sublinhado pelo papel dramático desempenhado principalmente tanto pelo clarinete como pelo violoncelo.”

PAULO FERREIRA-LOPES, WIESBADEN 2002

EVAN ZYPORYN



Viajou pelo mundo com o All-stars desde 1992. Fundou e é director artístico do Gamelão Galak Tika, grupo sediado em Boston, que se dedica à música contemporânea dos EUA e do Bali. Com este grupo tem apresentado diversos trabalhos de fusão. Recebeu a Bolsa USA Artists Walker e o Prémio Goddard Lieberman da Academia Americana das Artes e Letras. Tem recebido encomendas de Yo-Yo Ma para o Projecto Silk Road, do Kronos Quartet, de Wu Man, da American Composers Orchestra, do American Repertory Theater, de Maya Beiser e do Boston Modern Orchestra Project.

Os seus trabalhos foram editados pela Cantaloupe, Sony Classical, New Albion, entre outras editoras.

A sua música foi utilizada para os filmes *Tail-enders* e *Fallen*. Com o All-stars, colaborou com Brian Eno, Ornette Coleman, Thurston Moore, Meredith Monk, Iva Bittova, Philip Glass, Terry Riley, Don Byron, Louis Andriessen, Cecil Taylor, Henry Threadgill, Wayan Wija, Kyaw Kyaw Naing e Pamela Z. Gravou ainda com Paul Simon, Matthew Shipp, So Percussion e Ethel. É professor no MIT, tendo recebido a distinção Kenan Sahin. Tem dois filhos, Leo e Ava. Trabalha actualmente na composição de uma ópera baseada na vida de Colin McPhee que será estreada no Bali com o All-stars em 2009.



PHILIP GLASS

KEBYAR MAYA

“*Kebyar Maya* é a transformação literal de uma peça para gamelão do Bali intitulada *Kebyar Ding*. As suas melodias e mudanças abruptas de tempo seguem quase precisamente o mesmo modelo, uma moldura sobre a qual se constrói a nova obra.

Com que propósito? A música é uma linguagem universal apenas na medida em que todos nos mal entendemos igualmente. A música do Bali tem algo de visceralmente apelativo para os ocidentais, mas na origem não tem qualquer relação. O estilo *Kebyar* apareceu na viragem deste século e é absolutamente diferente de qualquer outra música – os ritmos são precisos, mas não métricos, as estruturas formais são deliciosamente desproporcionais.

Adoro o *Kebyar* e ouço toda a espécie de coisas nele, mas não ouvimos nunca o que ouvem os balineses. Ao traduzir a forma, tomo esta superfície de ligações como garantida para me poder concentrar nas diferenças, salientando ou inventando detalhes na música completamente estranhos à música balinesa. Ao mesmo tempo, imponho-me e às minhas escolhas restrições desconfortáveis (porque a música tem que seguir o padrão, quer eu queira ou não), o que induz resultados que me são estranhos.

De certa forma, esta música não tem qualquer realidade objectiva: quando a ouço não consigo separá-la da sua fonte, mas a fonte não está presente para os restantes ouvintes – cada um apenas adivinha o que ouve. Não podemos projectar-lhe um significado. Assim, *Kebyar Maya* é um *Kebyar* ilusório. *Maya* é também Maya Beiser, cujo violoncelo dobrado 18 vezes é a substância desta ilusão velada. Cada som – cada *gong* e flauta, cada batida de tambor – foi produzido pelo seu instrumento acústico sem processamento electrónico.”

Tem tido um sucesso sem precedentes na vida intelectual e musical do seu tempo, através das suas óperas, sinfonias, obras para o seu próprio ensemble e as suas colaborações com artistas diversos como Twyla Tharp, Allen Ginsberg, Woody Allen ou David Bowie.

As óperas *Einstein on the Beach*, *Satyagraha*, *Akh-naten*, *The Voyage*, entre outras, têm sido apresentadas nas mais importantes salas do mundo, quase sempre esgotadas. Glass escreveu para o teatro experimental, para filmes galardoados nos Óscares, como *The Hours* e *Kundun*. *Koyaanisqatsi*, a sua primeira paisagem-filme com Godfrey Reggio e o Philip Glass Ensemble é talvez o mais radical e influente encontro de música e imagem desde *Fantasia*.

Tem-se associado desde os anos sessenta com artistas de *rock*, *pop* ou da música do mundo. Glass foi o primeiro compositor a reunir simultaneamente nas casas de ópera, nas salas de concerto, na dança, no cinema e na música *pop* um público multigeracional e abrangente.

Nasceu em 1937 e cresceu em Baltimore. Estudou na Universidade de Chicago, na Juilliard School, e em Aspen com Darius Milhaud. Na Europa, estudou com Nadia Boulanger e trabalhou de perto com Ravi Shankar. Em 1967 voltou para Nova Iorque e formou o Philip Glass Ensemble.

O novo estilo musical desenvolvido por Glass foi mais tarde apelidado de “minimalismo”. O próprio Glass nunca gostou do termo e prefere falar de “música com estruturas repetitivas”. Muitos dos seus primeiros trabalhos baseavam-se na extensiva reiteração de pequenos fragmentos melódicos, que se entrelaçavam num tapeçaria auditiva. Ou melhor, inundava o ouvinte numa espécie de ambiente sonoro que torce, vira, rodopia, envolve, desenvolve.

MUSIC IN SIMILAR MOTION

"*Music in Similar Motion* é uma obra aberta que pode ser apresentada por qualquer grupo de instrumentos. 'A verdadeira inovação em *Music in Similar Motion* é o seu sentido dramático. As primeiras obras eram meditativas, estáticas, com uma disposição estabelecida e imutável. Mas *Music in Similar Motion* começa com uma voz, depois outra começa uma quarta acima, uma terceira voz depois uma quarta abaixo do original, e finalmente uma linha de baixo completa o som. A cada entrada há uma mudança dramática."

PHILIP GLASS

Vídeo para MUSIC IN SIMILAR MOTION por Simon Doyle

Simon Doyle fez vídeo para a música de Thinker Org, Bad Lunatic, Double Adaptor e Jurgen Simpson. O seu trabalho pode ser visto em <http://youtube.com/sidoyle>.

O vídeo para esta peça é constituído por 8400 imagens tiradas do site de partilha de fotos flickr.com. As imagens pertenciam ao grupo Squared Circle, cujos membros contribuem com fotografias de objectos redondos em enquadramentos quadrados. As imagens têm todas permissão de reutilização pela Creative Commons Licence.

Esta peça foi montada com um *software* tradicional para seleccionar e descarregar as imagens desejadas, agrupando-as por luminosidade e sombra. A sequência resultante é passada à velocidade de oito *frames* por segundo.



SMITH QUARTET

QUARTETOS DE CORDAS COM ELECTRÓNICA

27 SETEMBRO

SALA LUÍS DE FREITAS BRANCO

21H



O encerramento do Festival cabe ao Smith Quartet que interpretará um programa quase exclusivamente português, concluindo-se com Steve Reich, um dos mais emblemáticos compositores da contemporaneidade musical. O Smith Quartet é um dos ensembles de topo no panorama da música contemporânea a nível internacional. Apresentam um programa quase inteiramente português, com obras que têm circulado pela Europa no âmbito do projecto Circuits que a Miso Music Portugal desenvolveu em colaboração com o British Council, a Fundação Calouste Gulbenkian e o Instituto Camões, no sentido de dar a conhecer a música portuguesa além-fronteiras. Este projecto, que já foi apresentado em Paris, Viena, Madrid, Belfast, Dublin, Oxford e Berlim, tem finalmente a sua estreia em Portugal para apresentar seis obras que propõem diferentes caminhos para as relações do quarteto de cordas tradicional com os meios electrónicos.

PROGRAMA

PEDRO REBELO

SHADOW QUARTET **

JOÃO PEDRO OLIVEIRA

LABIRINTO

PEDRO AMARAL

PAGINA POSTICA **

INTERVALO

MIGUEL AZGUIME

PARAÎTRE PARMÍ *

CARLOS CAIRES

HORIZON **★

STEVE REICH

TRIPLE QUARTET *

VIOLINO **IAN HUMPHRIES**

VIOLINO **DARRAGH MORGAN**

VIOLA **NICK PENDLEBURY**

VIOLONCELO **DEIRDRE COOPER**

ASSISTENTES INFORMÁTICO-MUSICAIS

MIGUEL AZGUIME \ PAULA AZGUIME

TÉCNICA **MISO STUDIO**

CO-PRODUÇÃO

MISO MUSIC PORTUGAL \ CCB

APOIO

BRITISH COUNCIL

INTÉRPRETES

SMITH QUARTET

Há quase vinte anos que o Smith Quartet tem estado na vanguarda da música contemporânea. Construíram um repertório com alguns dos mais importantes compositores e estabeleceram reputação internacional pelo seu estilo dinâmico e abordagem original à música contemporânea. Dão especial atenção à encomenda de novas obras e têm já mais de cem obras a eles dedicadas, de compositores como Kevin Volans, Django Bates, Michael Nyman, Stephen Montague, entre outros. São regularmente convidados pela BBC, e gravaram CD com grande sucesso junto da crítica.

Têm viajado por todo o mundo, em digressão. As mais recentes apresentações em festivais incluem Festival Música Viva, Huddersfield Contemporary Music Festival, Bienal de Veneza, Jauna Muzika Vilnius, L'itineraire de Nuit em Paris, Vale of Glamorgan e o Flanders Festival em Bruxelas, entre outros.

Já colaboraram com uma variedade eclética de artistas, como Django Bates, Andy Sheppard, Gerard McChrystal e as companhias de dança Siobhan Davies, Shobana Jeyasingh e Última Vez.

Muito do repertório que tocam inclui a utilização de electrónica em tempo real e multimédia. A colaboração com a Soundintermedia tem ajudado o ensemble na divulgação da sua música numa extraordinária variedade de salas e espaços, tendo estado suspensos a 60 metros de altura sobre os carris da Estação Central de Colónia. A utilização de electrónica e multimédia ajudou-os ainda no desenvolvimento de um novo repertório que desafia a percepção do papel “tradicional” do quarteto de cordas.

Em 2005 participaram no concerto organizado pela BBC 2 em Auschwitz no aniversário da libertação do campo. Este concerto foi distinguido com vários prémios, entre os quais um Emmy e um BAFTA.

Actualmente são o ensemble residente na Queens University de Belfast, no SARC; têm ainda uma estimulante digressão pela Europa com um concerto dedicado à promoção de compositores portugueses no âmbito do projecto Circuits da Miso Music Portugal.

COMPOSITORES E OBRAS

PEDRO REBELO

VER BIOGRAFIA PÁG. 30

SHADOW QUARTET

Ao Smith Quartet

“Este trabalho está integrado numa série de obras que exploram a noção de prótese em relação à interface entre instrumentos acústicos e sons electrónicos. As ressonâncias do quarteto derivam de quatro velhos violinos (obrigado ao Tom Davis pela sua disponibilização!). As análises das ressonâncias do corpo de cada violino originaram estruturas harmónicas e de alturas exploradas ao longo de toda a peça, numa tentativa de ir ao encontro da especificidade do corpo destes instrumentos e das suas ressonâncias potenciais. Os quatro violinos suspensos funcionam como altifalantes para os sons da parte electrónica da obra. A relação entre o quarteto e os quatro violinos protéticos estende-se desde a ambiguidade à contradição através da extensão e da reacção contra o material tocado pelo quarteto.”

PEDRO REBELO

JOÃO PEDRO OLIVEIRA

VER BIOGRAFIA PÁGINA. 17

LABIRINTO

“O título desta obra, *Labirinto*, é retirado do início do poema *Dispersão de Mário de Sá-Carneiro*. Aliás, as duas primeiras quadras, belíssimas, que passaremos a transcrever, serviram de motivo artístico para a criação deste quarteto:

Perdi-me dentro de mim
porque eu era labirinto,
E hoje, quando me sinto,
É com saudades de mim.

Passei pela minha vida
Um astro doido a sonhar.
Na ânsia de ultrapassar,
Nem dei pela minha vida...

Esta síntese poética tenta resumir todo um turbilhão de ímpetos confusos e incertos que servem frequentemente de base à obra de arte.

Com efeito, todo e qualquer artista se debate entre os anseios nostálgicos de impossíveis e os condicio-

MIGUEL AZGUIME

nalismos da própria existência. Contudo, inegavelmente prisioneiro da realidade, o artista terá de aprender a viver com as inadequações do que sente ao que desejaria sentir, multiplicando-se, e como afirmava Sâ-Carneiro, 'viajando outros sentidos, outras vidas'.

Assim se irá formando a sua complexidade íntima e multiforme que o faz ultrapassar o labiríntico da sua desorganizada vida psíquica e, ao mesmo tempo que se separa das pessoas, acaba por se identificar com as coisas e os outros.

Daí a estranha voz reflexa que todos escutamos na obra de arte, essa curiosa sensação de que ela traduz as dimensões mais intensamente únicas e vibráveis de cada um de nós, falando-nos pessoalmente."

FÁTIMA ALBUQUERQUE

PEDRO AMARAL

VER BIOGRAFIA, PÁG. 6

PAGINA POSTICA

ENCOMENDA DA MISO MUSIC PORTUGAL EM CO-PRODUÇÃO COM A ILHA DO FAIAL

O tema: pela primeira vez no meu trabalho aceitei um tema numa composição puramente instrumental. O impacto psicológico de uma erupção geológica pode ser considerado o tema, assim como dois estados que precedem: serenidade e presságio.

O contexto composicional: tal como num filme – em que se gravam simultaneamente todas as cenas que têm lugar num determinado contexto, luminosidade ou local. Da mesma forma, cada grupo de fragmentos musicais que estão ligados a um determinado estado psicológico foi composto juntamente, independentemente da ordem que cada fragmento assume na 'montagem' final ou configuração formal da peça.

A obra: existe então em duas formas distintas – o texto original (que constitui o meu *Primeiro Quarteto de Cordas*) e esta página *postica* – como em duas leituras ou percepções formais diferentes da mesma (estritamente a mesma) música.

Compositor, poeta, percussionista, nasceu em Lisboa em 1960. Em 1985 fundou com Paula Azguime o Miso Ensemble, reconhecido como um dos mais importantes agrupamentos portugueses de música contemporânea.

Obteve vários prémios de composição e interpretação. O seu catálogo compreende obras para formações instrumentais e/ou vocais, com e sem electrónica, música electroacústica e música para teatro, dança e cinema.

Recebeu encomendas de inúmeras instituições públicas e privadas, nacionais e estrangeiras.

As suas obras têm sido interpretadas por prestígiados intérpretes e apresentadas nalguns dos mais importantes festivais internacionais, de Portugal ao Japão, passando pela Alemanha, Brasil, China, EUA, Finlândia, França, Reino Unido, entre outros.

A ligação entre o ser poeta e compositor originou no trabalho criativo de Azguime uma relação privilegiada entre texto e música, de que o "teatro electroacústico" é o mais evidente reflexo.

Particularmente importante é a dedicação à divulgação e fomento das novas linguagens musicais e às relações da música com a tecnologia. Neste sentido, destaca-se a fundação da editora independente Miso Records, a realização do Festival Internacional Música Viva, a criação do Miso Studio (para o desenvolvimento da música electrónica em tempo real, incluindo a concepção e realização da primeira "Orquestra de Altifalantes" portuguesa), a criação da Federação Portuguesa de Música Electroacústica membro da CIME/JUNESCO. Recentemente fundou com Paula Azguime o Centro de Informação da Música Portuguesa. É vice-presidente da CIME e membro da direcção da secção portuguesa da SIMC/ISCM.

Tem sido compositor residente em numerosos estúdios de criação, nomeadamente no Centre de Recherche et Formations Musicales de Wallonie – Liège, no TU Studio da Technische Universität Berlin, no International Centre for Composers – Visby, no Sonology Department Kunitachi University – Tóquio, entre vários outros. Em 2006 foi compositor residente da DAAD em Berlim, passando então a trabalhar em Lisboa e Berlim.



PARAÎTRE PARMÍ

O material principal de *Paraître Parmi* são agregados relacionados com a síntese por modulação de frequência, aqui aplicada à escrita instrumental. Este modelo teórico é também utilizado na parte electrónica, tanto para a síntese sonora, como para o processamento do sinal digital do quarteto de cordas, dando uma base comum a ambas as realidades sonoras: a acústica e a sintética.

Esta peça desenvolve-se como uma série de processos composicionais aplicada a este mesmo material harmónico do qual decorrem consequências tímbricas, rítmicas e temporais.

Paraître Parmi (cujo título significa algo como “aparacer entre”) para quarteto de cordas amplificado e electrónica foi composto entre Fevereiro e Agosto de 2006, no âmbito de uma residência em Berlim como compositor convidado da DAAD. É dedicada ao Smith Quartet, que a estreou no Centro de Arte Reina Sofia em Madrid, a 6 de Novembro de 2006.

CARLOS CAIRES

Nasceu em Lisboa em 1968. Completou em 1990 o bacharelato em Composição na Escola Superior de Música de Lisboa, onde estudou com Constança Capedeville e Christopher Bochmann. Paralelamente ao curso de composição, Carlos Caíres frequentou diversos cursos de Verão de direcção coral e de orquestra, em Portugal e no estrangeiro.

Entre 1999 e 2000 completou a Maîtrise e o DEA na Universidade de Paris 8 (Ecole Doctorale Esthétique, Sciences et Technologies des Arts), sob a direcção de Horacio Vaggione. Durante este período estudou ainda composição com Antoine Bonnet e análise musical com Francis Bayer.

Foi professor em vários conservatórios da área de Lisboa (entre 1988 e 1991), passando a leccionar a partir de 1992 na Escola Superior de Música de Lisboa. A sua música, para diversos tipos de grupo instrumental e vocal com e sem electrónica, foi executada em Portugal, França, Reino Unido, Itália e Alemanha, tendo sido por diversas ocasiões premiada (Prémio ACARTE 1998, Prémio Cláudio Carneiro 1996, e o Prémio Joly Braga Santos 1995).

Em 1995, Carlos Caíres foi um dos fundadores da Ricercare-Associação Musical e, em 2001, da Orchestro-Utopica. Em 2007, como bolseiro da Fundação para a Ciência e Tecnologia, concluiu o doutoramento na Universidade de Paris 8, sob a orientação de Horacio Vaggione. O seu trabalho como investigador na área

da informática musical foi publicado nas actas de diversos encontros internacionais de informática musical (JIM-Journées d'Informatique Musicale e na International Computer Music Conference).

Pertence ao grupo PRISMA (Pedagogia e Ricerca sui Sistemi Musicali Assititi), tendo realizado no âmbito dos encontros internacionais organizados por este grupo diversas conferências em França (École Nationale de Musique de Montbéliard e no IRCAM), em Itália (Centro Tempo Reale), e na Finlândia (Academia Sibelius).

Actualmente, é professor na Escola Superior de Música de Lisboa, onde dirige o departamento de composição, e na Escola das Artes da Universidade Católica do Porto.



HORIZON

Em muitos lugares o verdadeiro horizonte está obscurecido por árvores circundantes, edifícios, montanhas, etc. A intersecção resultante de terra e céu é então descrita como o horizonte visível.

STEVE REICH

Nasceu em Nova Iorque e foi criado na Califórnia. Reich graduou-se com distinção em Filosofia na Universidade de Cornell, em 1957. Estudou composição com Hall Overton e na Juilliard School of Music com William Bergsma e Vincent Persichetti. Fez o MA em Música no Mills College, onde trabalhou com Luciano Berio e Darius Milhaud.

Estudou músicas tradicionais africanas, asiáticas e hebraica num périplo pelas universidades dos vários continentes e nos EUA.

Em 1966, Steve Reich fundou seu próprio ensemble, que se tem apresentado por todo o Mundo. Em 1990 recebeu um Grammy para a melhor composição contemporânea pela a versão de *Different Trains*.

Na celebração do 60.º aniversário de Reich, a Nonesuch lançou uma caixa de dez CD contendo uma retrospectiva das composições de Reich. Ganhou um

segundo Grammy em 1999 pela sua peça *Music for 18 Musicians*. Em 1999 uma grande retrospectiva do trabalho de Reich foi apresentada pelo Lincoln Center Festival. Em 1988, o South Bank Centre de Londres apresentara já uma série similar.

Em 2000 foi-lhe concedido o Prémio Schuman da Universidade de Colômbia, o Montgomery Fellowship do Dartmouth College, o Regent's Lectureship da Universidade da Califórnia, um doutoramento honoris causa pelo Instituto das Artes da Califórnia, e foi nomeado Compositor do Ano pela revista Musical America Magazine.

Ao longo dos anos recebeu encomendas de inúmeras instituições e festivais, como: Barbican Centre, San Francisco Symphony, Vienna Festival, West German Radio, Settembre Musica, Fromm Music Foundation, Festival d'Automne no 200.º aniversário da Revolução Francesa.

A música de Reich foi executada pelos mais prestigiados e históricos ensembles, orquestras e músicos do mundo. Os mais notáveis coreógrafos criaram coreografias para a música de Reich.

Em 1994 foi eleito para a American Academy of Arts and Letters, em 1995 para o Bavarian Academy of Fine Arts, e em 1999 foi nomeado Comendador da Ordem das Artes e das Letras.



TRIPLE QUARTET

“É uma peça em três andamentos (rápido-lento-rápido) que está organizada harmonicamente em quatro acordes dominantes em tonalidades menores separadas por uma terceira menor: mi m, sol m, si b m, dó # m e novamente mi m, fechando o ciclo. O primeiro andamento percorre este ciclo duas vezes com uma secção de cerca de um minuto em cada um dos quatro acordes dominantes. O resultado é uma espécie de forma de variação. Ritmicamente, no primeiro andamento o segundo e terceiro quartetos tocam acordes que se cruzam enquanto o primeiro quarteto longas melodias em cânone entre o primeiro violino com a viola e o segundo violino com o violoncelo.

O movimento lento é mais contrapontístico, com uma longa melodia lenta em cânone que passa pelas 12 vozes, sempre em mi m.

O terceiro andamento retoma o tempo rápido original e mantém o ciclo harmónico dos acordes, embora com modulações mais rápidas. A secção final é na tonalidade inicial de mi m, em que a peça finalmente cadencia.

Triple Quartet foi encomendado e é dedicado ao Kronos Quartet.”

STEVE REICH, 1998

O FESTIVAL MÚSICA VIVA É UMA INICIATIVA DA MISO MUSIC PORTUGAL
 COMO SECÇÃO PORTUGUESA DA INTERNATIONAL SOCIETY OF CONTEMPORARY MUSIC
 E COMO MEMBRO DA CONFÉDÉRATION INTERNATIONALE DE MUSIQUE ELECTROACOUSTIQUE
 E COMO MEMBRO DA INTERNATIONAL ASSOCIATION OF MUSIC INFORMATION CENTRES,
 DA EUROPEAN CONFERENCE OF PROMOTERS OF NEW MUSIC,
 DA INTERNATIONAL COMPUTER MUSIC ASSOCIATION
 E DA INTERNATIONAL NETWORK FOR CONTEMPORARY PERFORMING ARTS.

A MISO MUSIC PORTUGAL É UMA ESTRUTURA FINANCIADA PELO
 MINISTÉRIO DA CULTURA / DIRECÇÃO-GERAL DAS ARTES.

O FESTIVAL MÚSICA VIVA É UMA CO-PRODUÇÃO COM A FUNDAÇÃO CENTRO CULTURAL DE BELÉM

FESTIVAL MÚSICA VIVA

DIRECÇÃO ARTÍSTICA \ TÉCNICA MIGUEL AZGUIME
 DIRECÇÃO EXECUTIVA PAULA DE CASTRO GUIMARÃES

ASSISTENTES INFORMÁTICO-MUSICAIS MARC SULLON \ ANDRÉ BARTETZKI TÉCNICO DE SOM E DE IMAGEM PERSEU MANDILLO
 COORDENADOR INTERACTIVE LOUNGE SIMÃO COSTA ASSISTENTE ORQUESTRA DE ALTIFALANTES RICARDO GUERREIRO
 DESENHO DE LUZ MARGARIDA MOREIRA PRODUÇÃO MARTA CATANA \ PEDRO FERREIRA
 RELAÇÕES PÚBLICAS VIOLETA BARRADAS ASSISTENTE ÁGATA MANDILLO TRADUÇÃO E PREPARAÇÃO DE TEXTOS HELENA ROMÃO
 ESTAGIÁRIO ASSISTENTE DE SOM JORGÉ SANTOS ESTAGIÁRIAS ASSISTENTES DE PRODUÇÃO CARINA ALBUQUERQUE \ FÁBIA RIBEIRO \ SANDRA MAIA
 INVESTIGAÇÃO E INFORMÁTICA MUSICAL MISO STUDIO SPOTS TORTOISE MOVIES

CCB

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

PRESIDENTE ANTÓNIO MEGA FERREIRA VOGAL ANA ISABEL TRIGO MORAIS VOGAL MARGARIDA VEIGA

CENTRO DE ESPECTÁCULOS

DIRECÇÃO DO CENTRO DE ESPECTÁCULOS MIGUEL LEAL COELHO ADJUNTA PARA A PROGRAMAÇÃO LUÍSA TAVEIRA ADJUNTA PARA O PLANEAMENTO CLÁUDIA BELCHIOR
 ASSESSOR PARA PROGRAMAÇÃO MUSICAL JOÃO GODINHO SECRETARIADO DE DIRECÇÃO LUISA INÊS DIRECÇÃO DE PRODUÇÃO CARLA RUIZ
 PRODUÇÃO PAULO BARBOSA \ JOÃO OLIVEIRA \ INÊS CORREIA \ PATRÍCIA SILVA \ HUGO CORTEZ ASSISTENTE DE PRODUÇÃO RITA BAGORRO
 DIRECTOR DE CENA \ COORDENADOR JONAS OMBERG DIRECTORES DE CENA PEDRO RODRIGUES \ PATRÍCIA COSTA \ PAULA FONSECA
 ASSISTENTE DE DIRECÇÃO DE CENA ISABEL BOAVIDA SECRETARIADO DE DIRECÇÃO DE CENA YOLANDA ALVES
 DIRECTOR TÉCNICO PAULO GRAÇA CHEFE TÉCNICO DE PALCO RUI MARCELINO SECRETARIADO DE DIRECÇÃO TÉCNICA SOFIA MATOS
 TÉCNICO PRINCIPAL PEDRO CAMPOS \ LUÍS SANTOS \ RAUL SEGURO \ TÉCNICO EXECUTIVO ARTUR BRANDÃO \ F. CÂNDIDO SANTOS \ VÍTOR PINTO
 CÉSAR NUNES \ JOSÉ CARLOS ALVES \ HUGO CAMPOS \ MÁRIO SILVA \ RICARDO MELO \ RODRIGO OLIVEIRA \ RUI CROCA
 CHEFE TÉCNICO DE AUDIOVISUAIS NUNO GRÁCIO TÉCNICO DE AUDIOVISUAIS RUI LEITÃO \ EDUARDO NASCIMENTO \ LUÍS GARCIA SANTOS \ NUNO BIZARRO
 PAULO CACHEIRO \ NUNO RAMOS CHEFE TÉCNICO DE GESTÃO E MANUTENÇÃO SIAMANTO ISMAILY TÉCNICO DE MANUTENÇÃO JOÃO SANTANA LUÍS TEIXEIRA \ VÍTOR HORTA



